

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

PADRÕES GRÁFICOS PARA APLICAÇÃO EM REVESTIMENTOS
CERÂMICOS BASEADOS NA CULTURA DO LITORAL SUL DE SANTA
CATARINA

Albertina Pereira Medeiros

Florianópolis

1997

**Padrões Gráficos para Aplicação em Revestimentos Cerâmicos Baseados na
Cultura do Litoral Sul de Santa Catarina**

ALBERTINA PEREIRA MEDEIROS

**PADRÕES GRÁFICOS PARA APLICAÇÃO EM REVESTIMENTOS CERÂMICOS
BASEADOS NA CULTURA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre em Engenharia

FLORIANÓPOLIS

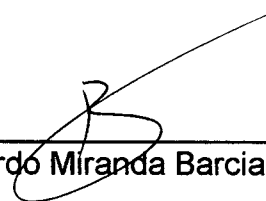
1997

20/11/97

**PADRÕES GRÁFICOS PARA APLICAÇÃO EM REVESTIMENTOS CERÂMICOS
BASEADOS NA CULTURA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA**

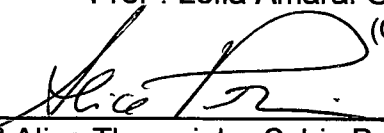
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de Mestre em Engenharia

Coordenador do Programa de Pós Graduação:


Prof. Ricardo Miranda Barcia, PhD.

Banca Examinadora:


Prof.ª Leila Amaral Gontijo, Dra.
(Orientadora)


Prof.ª Alice Theresinha Cybis Pereira, PhD


Prof.ª Vânia Ribas Ulbricht, Dra.

FLORIANÓPOLIS

1997

Aos meus filhos:

Rodrigo

Alessandra

Carolina

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelo dom da vida.

Aos meus pais Pedro e Mercedes, por terem me ensinado valores tão vitais como: honestidade, humildade, perseverança e a certeza de que os obstáculos existem para que a gente possa desafiá-los e vencê-los.

Aos meus filhos Rodrigo, Alessandra e Carolina pela compreensão da minha ausência e pelo incentivo, que muitas vezes, fizeram com que esta caminhada se tornasse menos árdua.

Ao Dão, minha inspiração para o desafio.

As minhas irmãs, pela confiança e pela troca de energia que me impulsionavam nos momentos difíceis.

Ao "Tato", meu sobrinho, pelas aulas de informática e de inglês.

Em especial a minha querida bolsista Leide Patrícia do Nascimento aluna, amiga e companheira nesta longa jornada.

A minha orientadora Professora Leila Amaral, pela confiança na execução deste trabalho.

Aos colegas da UDESC, e especialmente aos meus alunos pois é para eles e por eles que busca-se sempre o conhecimento e o aperfeiçoamento do saber.

SUMÁRIO	
LISTA DE FIGURAS	xi
LISTAS DE QUADROS	xiv
RESUMO	xv
ABSTRACT	xvi
CAPÍTULO 1	1
1- INTRODUÇÃO	1
1.2 -JUSTIFICATIVA	1
1.3- HIPÓTESE GERAL	4
1.3.1- Hipótese de Trabalho	4
1.4- OBJETIVO	4
1.4.1- Objetivos Específicos	4
1.5- LIMITAÇÕES DO TRABALHO	5
1.6- METODOLOGIA	6
1.6.1-1ª Etapa : Levantamento de Dados	7
1.6.1.1- Levantamento bibliográfico	7
1.6.1.2- Levantamento fotográfico	8
1.6.1.3- Entrevistas informais	8
1.6.2- 2ª Etapa: Análise e Tratamento dos Dados	9
1.6.3- 3ª Etapa: Propostas de Padronagens, como exemplo, para aplicação em revestimentos cerâmicos	10
1.7- ESTRUTURA DO TRABALHO	10
CAPÍTULO II	12
2- ARTE, CUTURA E ARTESANATO: OS CONCEITOS	

PREDOMINANTES DESSAS MANIFESTAÇÕES CULTURA	12
2.1- Padrões Culturais	18
2.1.1- Símbolos Culturais	18
2.1.2- A Cultura de um Povo Expressa Através do Grafismo	19
2.2. PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E ARTESANAIS PREDOMINANTES	
NO BRASIL.....	23
2.2.1- Produção Cerâmica	24
2.2.2- Produção em Madeira	27
2.2.3- Produção em Trançados de Fibras	29
2.2.4- Produção em Tecelagem	31
2.2.5- Produção em Rendas.....	34
2.3 - A CULTURA E TRADIÇÃO NO USO DE REVESTIMENTO	
CERÂMICO	37
 CAPÍTULO III	 44
 3. HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO E DA PRODUÇÃO DA CULTURA	
MATERIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA NOS PERÍODOS:	
PRÉ-COLONIAL, COLONIAL E ATUAL	44
3.1- Período Pré-Colonial	44
3.2- O Homem do Sambaqui	45
3.1.2- Os Índios Carijós.....	53
3.2- OCUPAÇÃO E PRODUÇÃO DO HOMEM DURANTE O PERÍODO	
COLONIAL	63
3.2.1- O Colonizador Vicentista	65
3.2.2- O Colonizador Açoriano / Madeirense	66
3.3. PRODUÇÃO DO HOMEM DO PERÍODO COLONIAL.	68
a) Produção de objetos para agricultura	72
b) Produção de objetos para pesca	75

c) Produção de utilitários	78
d) Produção de objetos para proteção do corpo	80
1- Vestuários e outros elementos decorativos.....	80
2- Moradias e Construções Públicas	84
3. 4. OCUPAÇÃO E PRODUÇÃO DO HOMEM DO LITORAL DE SANTA CATARINA NA ATUALIDADE	90
3.4.1- A Produção do Homem Atual	92
CAPÍTULO IV	102
4. PADRÕES GRÁFICOS DESENVOLVIDOS COM BASE NOS ELEMENTOS VISUAIS DA CULTURA MATERIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA, COMO EXEMPLO DE CRIAÇÃO PARA O DESIGN CERÂMICO	102
4.1 Tipos de Simetria	104
4.1.1- Tijolo de Ouro	104
4.1.2- Pinça de Caranguejo	104
4.1.3- Alas	105
4.1.4- Hither e Yon	105
4.1.5- Truque de Cartões	106
4.1.6- Mel de Abelha	106
4.1.7- Pera Espinhosa	107
4.1.8- Pião.....	107
4.1.9- Caminho de Prímula.....	108
4.1.10- Girassol.....	108
4.1.11- Teia de Aranha.....	109
4.1.12- Relâmpago	109

4. 2. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CULTURA DO PERÍODO PRÉ-COLONIAL	110
4.2.1- Padrões Gráficos Baseados nas Inscrições Rupestres do Litoral de Santa Catarina	111
4.2.2- Padrões Gráficos Baseados na Cerâmica do Período Pré-Colonial de Santa Catarina	112
4.2.3- Padrões Gráficos Baseados na Cerâmica do Período Pré-Colonial de Santa Catarina	113
4.2.4- Padrões Gráficos Baseados na Cerâmica do Período Pré-Colonial de Santa Catarina	114
4.3. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CULTURA MATERIAL DO PERÍODO COLONIAL	115
4.3.1- Padrões Gráficos Baseados na Cultura Material do Período Colonial do Litoral de Santa Catarina	116
4.3.2- Padrões Gráficos Baseados na Arquitetura do Período Colonial do Litoral de Santa Catarina	117
4.3.3- Padrões Gráficos Baseados no Detalhe da Arquitetura	118
4.4 PADRÕES GRÁFICOS NA CULTURA BASEADOS NA CULTURA MATERIAL DO PERÍODO ATUAL (produção Indígena)	119
4.4.1- Padrões Gráficos Baseados na Produção de Trançados dos Índios do Litoral de Santa Catarina	120
4.4.2- Padrões Gráficos Baseados na Cultura Material do Litoral de Santa Catarina	121
4.4.3- Padrões Gráficos Baseados na Cultura Material do Período Atual	122
4.4.4- Padrões Gráficos Baseados na Produção da Cerâmica Atual do	

Litoral de Santa Catarina	123
4.5. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS EM DIVERSAS PRODUÇÕES NOS TRÊS PERÍODOS	124
5- CONCLUSÃO	125
5.1- Sugestões para Futuros Trabalhos	127
5.2- FONTES BIBLIOGRÁFICAS	128

LISTA DE FIGURA

Figura:	01	Inscrição Rupestre - Ilha do Campeche.....	20
Figura:	02	Padrões de Grafismo Corporal.....	21
Figura:	03	Grafismo Corporal.....	21
Figura:	04	Grafismo Corporal.....	22
Figura:	05	Cerâmica Figurativa - São Paulo.....	25
Figura:	06	Detalhe Cerâmica Marajoara - Pará.....	25
Figura:	07	Cerâmica Figurativa.....	25
Figura:	08	Cerâmica Utilitária - S. C.....	26
Figura:	09	Cerâmica Figurativa - Roraima.....	26
Figura:	10	Cerâmica Figurativa - Amapá.....	26
Figura:	11	Cerâmica Utilitária - E.S.....	26
Figura:	12	Cerâmica Figurativa - S.C.....	27
Figura:	13	Cerâmica Figurativa - Pernambuco.....	27
Figura:	14	Xilogravura Popular - Paraíba.....	28
Figura:	15	Escultura de Madeira - Brasília.....	28
Figura:	16	Atabaque em Madeira - Ceará.....	28
Figura:	17	Carro de boi - Litoral de Santa Catarina.....	28
Figura:	18	Xaxará - Objeto Cerimonial - RJ	29
Figura:	19	Detalhe de Peneira -Tribo Sateré.....	30
Figura:	20	Balaio Indígena.....	30
Figura:	21	Tecido Indígena.....	32
Figura:	22	Pano de Costa - Bahía.....	33
Figura:	23	Detalhe de Tecido -Brasília.....	33
Figura:	24	Detalhe de Tecido Brasília.....	34
Figura:	25	Renda Tipo Filé - Alagoas.....	35
Figura:	26	Renda - Técnica de Crivo - Alagoas	35

Figura:	27	Renda de Bilros - Fpolis.....	36
Figura:	28	Renda de Bilro Tipo Pique.....	36
Figura:	29	Paninho - E. Santo.....	36
Figura:	30	Revestimento Cerâmico na Arquitetura - UFSC.....	38
Figura:	31	Casa com Revestimento Cerâmico - Fpolis.....	38
Figura:	32	Casa Revestida com Azulejos	39
Figura:	33	Arquitetura Moderna com Revestimento Cerâmico.....	39
Figura:	34	Painel Artístico.....	40

CAPÍTULO III

Figura:	35	Sambaqui - Laguna SC.....	46
Figura:	36	Pontas de Flecha.....	47
Figura:	37	Batedores de Pedra.....	47
Figura:	38	Anzol em Osso de Baleia.....	47
Figura:	39	Lança em Osso de Baleia.....	47
Figura:	40	Raspadores.....	48
Figura:	41	Anzol em Osso.....	48
Figura:	42	Pontas com Estrias.....	48
Figura:	43	Prato de Pedra Polida.....	48
Figura:	44	Material Lítico.....	48
Figura:	45	Artesanato de Pedra.....	49
Figura:	46	Peixe em Pedra.....	49
Figura:	47	Material Lítico.....	49
Figura:	48	Colar em Osso de Peixe.....	49
Figura:	49	Inscrição Rupestre - Campeche.....	50
Figura:	50	Inscrição Rupestre - Ilha do Coral.....	50
Figura:	51	Inscrição Rupestre.....	50

Figura: 52	Inscrição Rupestre - Praia do Ingleses.....	50
Figura: 53	Inscrição Rupestre - Ilha dos Corais.....	51
Figura: 54	Inscrição Rupestre - Barra da Lagoa.....	51
Figura: 55	Inscrição Rupestre - Paria do Ingleses.....	51
Figura: 56	Inscrição Rupestre - Ilha do Campeche.....	51
Figura : 59	Urna Cerâmica (com restos mortais).....	54
Figura : 60	Urna Funerária.....	55
Figura : 61	Cerâmica Utilitária.....	55
Figura : 62	Cerâmica Utilitária - urna.....	55
Figura : 63	Cerâmica Utilitária -urna.....	56
Figura : 64	Cerâmica tipo inciso.....	58
Figura : 65	Cerâmica tipo unglado.....	58
Figura : 66	Cerâmica tipo Escovado.....	58
Figura : 67	Cerâmica tipo inciso.....	58
Figura : 68	Cerâmica tipo Serrungulado.....	58
Figura : 69	Cerâmica tipo Corrugado.....	58
Figura : 70	Cerâmica tipo digitado 1.....	59
Figura : 71	Cerâmica tipo digitado 2.....	59
Figura : 72	Cerâmica tipo canelado.....	59
Figura : 73	Cerâmica tipo Digitungulado.....	59
Figura : 74	Cerâmica tipo Ponteadado.....	59
Figura : 75	Mapa do Povoamento.....	67
Figura : 76	Forte de Sant 'ãna.....	69
Figura : 77	Forte da Ilha de Anhatomirim.....	69
Figura : 78	Engenho de Farinha.....	72
Figura : 79	Cocho de Engenho.....	73
Figura : 80	Carro de Boi.....	74
Figura : 81	Parede de Pau a Pique.....	74

Figura :	82	Canoa de Garapuvú.....	76
Figura :	83	Canoa de Borda Lisa - Fpolis.....	77
Figura :	84	Canoa com Redes.....	77
Figura :	85	Utilitários Cerâmicos.....	78
Figura :	86	Cerâmica Utilitária de São José.....	79
Figura :	87	Cerâmica Utilitária de São José.....	79
Figura :	88	Cerâmica Decorativa.....	79
Figura :	89	Tear Manual.....	81
Figura :	90	Tecido - Fpolis.....	82
Figura :	91	Renda Estrelada com Binco de Concha - Fpolis.....	83
Figura :	92	Renda Folha de Café - Fpolis.....	83
Figura :	93	Tipos de Picos de Rendas	83
Figura :	94	Rendas Raras - Fpolis.....	84
Figura :	95	Casa com Influência Açoriana - Laguna.....	85
Figura :	96	Detalhe Decorativo Arquitetônico.....	86
Figura :	97	Detalhe Rendilhado telhado.....	86
Figura :	98	Detalhe de Sacada.....	87
Figura :	99	Casa Açoriana - Laguna.....	87
Figura :	100	Casa Anita Garibaldi - Laguna.....	88
Figura :	101	Detalhe de Sacada.....	88
Figura :	102	Detalhe Decorativo na Arquitetura.....	89
Figura :	103	Bacia Cerâmica Decorada - Fpolis.....	93
Figura :	104	Cerâmica Decorativa - Fpolis.....	93
Figura :	105	Artesã - Fpolis.....	94
Figura :	106	Mesa de Oleiro - São José.....	95
Figura :	107	Forno de Olaria - São José.....	95
Figura :	108	Tarrafa.....	96
Figura :	109	Puçá.....	96

Figura :	110	Cestos Indígena.....	97
Figura :	111	Cesto Indígena.....	98
Figura :	112	Cestaria Decorativa.....	98
Figura :	113	Sacola Indígena.....	99
Figura :	114	Artesanato indígena de Madeira.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Relação Homem X Meio.....	16
Quadro 02	Desenhos Predominantes nas Inscrições Rupestres do Litoral De Santa Catarina.....	52
Quadro 03	Decorações em Superfícies Cerâmicas no Litoral De Santa Catarina.....	60
Quadro 04	Produção Pré - Colonial.....	62
Quadro 05	Colonizadores do Litoral De Santa Catarina.....	64
Quadro 06	Produção Período Colonial.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Destino das Exportações.....	41
Gráfico 02	Capacidade Instalada.....	42

RESUMO

O presente trabalho, teve como objetivo resgatar a história da ocupação e da produção da cultura material do homem do litoral de Santa Catarina, em três períodos: pré-colonial, colonial e atual. O estudo procurou dar ênfase à produção característica da cultura catarinense tais como: de cerâmica, de renda de bilro, de madeira, de trançados (cestaria) e detalhes da decoração arquitetônica. Baseados nesta produção, foram desenvolvidos estudos de padronagens gráficas através do software Corel Draw 6.0, como exemplo de criações de design de revestimento cerâmico, baseados nas manifestações culturais identificadas.

ABSTRACT

The present work, had as objective to rescue the history of the occupation and of the production of material culture from the coast man's of Santa Catarina, in three periods: pré-colonial, colonial and current. The study gave emphasis to the characteristic production of the catarinense culture such as: of ceramic, of bilro income, of wood, of having braided) and detail of the architectural decoration. Based on this production, studies of graphic padronagens were developed through the software Corel Draw 6.0, as an example of ceramic coating design creations, based on the identified cultural manifestations.

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

O Estado de Santa Catarina é o maior polo cerâmico do sul do país. Dentre as dez maiores exportadoras brasileiras neste setor, cinco são catarinenses, sendo que, três delas representam 55,5% das exportações. (ANFACER, 1997).

Contudo, para manter este *status* e almejar uma maior parcela do mercado nacional e internacional, é fundamental o investimento das empresas não só na inovação tecnológica e capacitação profissional, bem como na diversificação dos padrões gráficos, base de seu design de produto, a fim de obter além de maior qualidade em seus produtos, uma peculiaridade na criação do design cerâmico, sobretudo com uma característica cultural própria.

Diante desta necessidade buscou-se, através do resgate da cultura material dos períodos marcantes na história do litoral de Santa Catarina, identificar algumas características dessa cultura, com o objetivo de explorá-la

graficamente, como características básicas de um pensamento nascido, desenvolvido e produzido pelo o homem do litoral catarinense em três períodos: antes, durante a colonização bem como na atualidade.

A identidade de um produto significa individualidade em um ambiente de mercado, onde um número cada vez maior de produtos semelhantes, desempenham a mesma função. (Manu, 1995, p 27).

No tocante à identidade, entende-se que uma forma de conceituar um produto através do design gráfico, é explorá-lo dentro do contexto da cultura local, de forma que o diferencie dos demais.

A globalização tecnológica e a abertura de mercado estimulam ainda mais, a concorrência dos produtos similares, enfatizando essa necessidade de busca de identificação.

1.2. JUSTIFICATIVA:

No modelo atual de mercado, a globalização da economia, a revolução científica e tecnológica, fazem com que as empresas busquem sempre, inovações para se adaptarem à nova realidade. Existe cada vez mais, a necessidade das empresas diferenciarem os seus produtos das demais.

No modelo catarinense de produção cerâmica, apesar de todo investimento em tecnologia, qualidade e capacitação profissional, não existe um comprometimento com a identidade desses produtos. As criações de padronagens gráficas passam a ser cópias, daqueles modelos externos que sobressaem nas grandes feiras internacionais. Esses modelos são retrabalhados, sem a preocupação de dar a eles, uma característica própria nacional.

Desta forma, considera-se importante a busca de criação de design cerâmico, com base nas características culturais sul catarinense, berço desta produção. A diversidade de elementos gráficos dessa cultura, possibilitam o aproveitamento dessas raízes, como forma de identificar e enriquecer este design.

Com a fragilidade do mercado, imposta pelo sistema econômico do país, as empresas para sobreviverem estabelecem metas. Para alcançá-las, buscam desenfreadamente soluções que nem sempre, estão inseridas na cultura da qual, esse produto faz parte.

Sugerir às empresas de revestimentos cerâmicos possibilidades de incrementar uma produção personalizada, pode levá-la a atingir as suas metas com uma maior eficácia, não só com a qualidade já reconhecida mas também, com característica brasileira, sobretudo catarinense.

1.3 - HIPÓTESE GERAL:

Existe na cultura material catarinense, uma vasta gama de elementos gráficos, que podem ser aproveitados no enriquecimento do design catarinense de revestimento.

1.3.1. Hipótese de Trabalho

Trabalhar graficamente os elementos da cultura material catarinense é possível e permite uma diversidade de informações simbólicas que podem ser usadas como subsídios, na criação de padrões gráficos para possíveis aplicações na indústria de revestimentos cerâmicos.

1.4. OBJETIVO GERAL:

Investigar e mostrar, através do resgate histórico da cultura material do litoral de Santa Catarina, os padrões gráficos desta cultura, objetivando o seu aproveitamento na produção da cerâmica de revestimento.

1.4.1. - Objetivos Específicos

- 1- Resgatar a história da ocupação e da produção material do homem no litoral de Santa Catarina.
- 2- Levantamento da produção material nos períodos pré-colonial, colonial e atual;

3- Buscar na produção lítica, cerâmica e de cestaria, elementos visuais que possam contribuir na definição dos padrões gráficos;

4- Selecionar objetos da produção material para estudar as texturas e os padrões gráficos com potencial para utilização nos produtos cerâmicos:

5- Desenvolvimento de padrões gráficos a partir das manifestações culturais identificadas .

1.5. LIMITAÇÕES DO TRABALHO

Esta pesquisa mostra o resgate da história do litoral de Santa Catarina, mais especificamente das cidades litorâneas. Foi através do mar, que aqui chegaram os povos que trouxeram o desenvolvimento (apesar da lentidão), as suas culturas e tradições contribuindo junto com os demais, na formação da cultura catarinense.

Quando se aborda a ocupação e a produção material do homem do litoral, não se pretende explorar os aspectos, psicossociais, econômicos, religiosos, nem tampouco político. Nosso interesse é tentar identificar as

características predominantes no homem do litoral, desde os primórdios até a atualidade, através da sua produção material.

Essa produção será restrita a objetos de pedra, cerâmica, madeira, fibras naturais como bambu e taquara, bem como, alguns detalhes das construções arquitetônicas do período colonial. Isto porque são produções marcantes na nossa cultura e também, pela facilidade no acesso aos objetos e bibliografia, memória ainda conservada.

Portanto, nosso enfoque é tão somente mostrar a produção material do homem que aqui viveu e vive concentrando sobretudo o estudo, nessas produções para buscar elementos visuais gráficos, simbólicos e expressivos que possam proporcionar um resultado interessante, para o desenvolvimento de um estudo de design gráfico para aplicação em revestimento cerâmico.

1.6. METODOLOGIA:

Este trabalho pela sua natureza, tem a característica de uma pesquisa qualitativa. Delandes (1996), diz que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que

não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Diz ainda, que a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Desta forma, associando os objetivos do trabalho às definições dadas pela autora, considera-se pelas características que apresenta, que pode ser classificado como uma pesquisa qualitativa. Embora, não se vá abordar as questões de caráter psicossociais e espirituais.

Neste sentido procurou-se definir os procedimentos metodológicos, os quais foram divididos em três etapas:

1.6.1. - 1ª Etapa: Levantamento de Dados

1.6.1.1- Levantamento bibliográfico:

Foram realizadas visitas em busca de dados referentes ao tema da pesquisa, tais como: Cultura material, História de Santa Catarina, (desde os primórdios até a atualidade), Arte e Artesanato Brasileiro, Folclore Catarinense, História das Indústrias Cerâmicas Catarinenses, Desenho Industrial, Design

Gráfico. Logo após a aquisição deste material bibliográfico, o mesmo foi selecionado por assunto e dividido por período da história.

1.6.1.2. - Levantamento fotográfico:

Este material foi adquirido através de visitas em Museus como: Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Museu Anita Garibaldi (Laguna) e Museu Municipal de São José (São José). Visitamos, também, dois Mercados Públicos: em Florianópolis e Laguna e locais como: Feiras e Eventos Culturais, Comunidades Indígenas e Açorianas, praças e ruas com característica açoriana. Nestas visitas todo e qualquer objeto referente ao estudo, era cuidadosamente fotografado. Após a coleta deste material, foi realizada uma seleção e classificação das fotografias por assunto e por época.

1.6.1.3. Entrevistas Informais:

A entrevista é uma das diversas formas de abordagens técnicas do trabalho de campo. Delandes, (*op cit.*) diz que a **entrevista e a observação do participante** (pesquisador) são componentes importantes da realização da pesquisa qualitativa. Diz ainda, que é o procedimento mais usual do trabalho de campo. A entrevista é entendida como uma conversa a dois, com propósitos bem definidos. Num primeiro nível se caracteriza por uma comunicação verbal que

reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.

Desta forma, atendendo ao significado da entrevista dado pela autora, o trabalho foi complementado com entrevistas informais, realizadas em diversas fontes. Primeiramente visitamos em Florianópolis o Museu de Antropologia da UFSC, onde entrevistamos o professor Gelci José Coelho. Na continuidade foram entrevistadas comunidades indígenas e açorianas (em Fpolis, São José, Laguna, Morro dos Cavalos), empresas de revestimentos cerâmicos, as quais denominamos de empresas A, B, e C. Nestas, conversou-se com os designers da área de criação e diretores de Projetos, duas localizadas em Criciúma e uma em Imbituba - SC.

1.6.2. - 2ª Etapa: Análise e Tratamento de Dados

O tratamento de dados aconteceu em duas partes: na primeira, selecionou-se o material bibliográfico classificado anteriormente por período e por assunto, afim de estruturar-se a revisão bibliográfica do trabalho. Na segunda parte, selecionou-se o material fotografado para ser posteriormente

scaneado. Para obter-se um melhor resultado, essas imagens foram tratadas com o auxílio dos software Photo Philer e Corel 6.0 (Photo Paint).

1.6.3. - 3ª Etapa: Propostas de Padronagens, como exemplo, para aplicação em revestimentos cerâmicos das Indústrias Catarinenses

Nesta etapa foram desenvolvidos estudos de algumas padronagens, a partir de elementos gráficos identificados em objetos da produção material do litoral de Santa Catarina, onde, através do computador, desenvolveu-se com o auxílio do programa Photo Paint, propostas de padronagens gráficas para a criação de design cerâmico.

1.7. ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação está dividida em cinco capítulos. O primeiro traz a introdução geral, onde apresenta-se a relevância do trabalho, os objetivos, a estruturação, a metodologia e as limitações da pesquisa.

No segundo capítulo, aborda-se o tema arte, cultura e artesanato onde, segundo alguns autores, define-se conceitos e características de arte, artesanato, cultura, cultura material, padrões e símbolos culturais. Fala-se também, da arte e do grafismo como expressão cultural de uma sociedade.

Mostra-se ainda, as produções artísticas e artesanais predominantes em algumas regiões brasileiras.

No terceiro capítulo, resgata-se a história do litoral catarinense em três tempos: pré-colonial, colonial e atual . Fala-se da ocupação e da produção da cultura material do homem destes períodos.

No quarto capítulo, desenvolve-se um estudos de possibilidades de criação de padronagens gráficas, baseadas nos elementos visuais expressivos, presentes na produção da cultura material do litoral de Santa Catarina, como exemplos para possíveis aplicações nas indústrias catarinense de revestimentos cerâmicos.

O quinto capítulo traz as conclusões e as sugestões para futuros trabalhos.

CAPÍTULO II

2. ARTE, CULTURA E ARTESANATO: OS CONCEITOS PREDOMINANTES DESSAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

A arte é uma das características universais da cultura. Ela está presente em toda e qualquer sociedade, desde a mais simples até a mais complexa. Independente de época e espaço de tempo, o homem buscou através da sua imaginação criadora satisfazer as suas necessidades de expressão estética.

Da mesma forma que a linguagem exerce um papel simbólico, as expressões artísticas, também fazem parte de um sistema simbólico específico para cada cultura, em particular. Uma das formas usadas para essas manifestações, é o artesanato popular, que pode ser definido como :

“a obra feita à mão, baseada em motivos tradicionais e que se transmite, de geração a geração, com a utilização da matéria prima regional”.

SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL ,(1994, p 5).

É fundamental o papel do artesão e do artista dentro de uma sociedade, enquanto propagador da sua cultura.

Marconi e Presotto,(1989), dizem que o artista ao exprimir a sua arte, submete-se as exigências de sua própria cultura, cumprindo uma função social determinada, a forma utilizada é sempre convencionalizada. Por isso, a forma: (contorno, cor, textura, etc.) é menos importante que o conteúdo simbólico implícito.

De acordo com o que distinguem os autores, sendo a arte um dos aspectos da cultura, deve ser estudada e compreendida em termos de sua posição no contexto cultural global. Isso é válido, tanto para a arte primitiva quanto para a arte das civilizações contemporâneas.

Para se fundamentar tal estudo, procurou-se definir segundo alguns autores, o que vem a ser arte, cultura e cultura material de um povo. O que ela expressa e como surge a produção técnico-cultural dentro da relação homem X meio.

Lima (1972), O termo “cultura geral” pode ser definido como a expressão do sentir, pensar, agir e reagir do homem, como membro de uma sociedade.

Dolores, Newton (1987), diz que a cultura refere-se às manifestações de caráter individual ou coletivo, que acontecem através de fenômenos divididos em três modalidades:

1ª) Das idéias;

2ª) Do comportamento;

3ª) Dos objetos físicos”;

A mesma autora cita ainda, duas importantes características da cultura. Uma é que a “cultura está sempre sujeita a transformações graduais que acontecem de geração para geração e outra, é que esta possui a tendência de diferenciar-se com a distância e de homogeneizar-se com a proximidade social das pessoas.

É através dos fenômenos citados pela autora, que nos deparamos com a herança cultural de um povo. Nas suas idéias e comportamentos, podemos acompanhar através do tempo a sua evolução sociológica, econômica, política e cultural. Já nos objetos físicos, resgatamos a cultura materializada de seus usos e costumes, junto as suas ações rotineiras.

Marconi e Pressoto (1989) citam :

-Edward B. Tylor: (1871), que diz que “cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças a arte, a moral a lei, os costumes

e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”

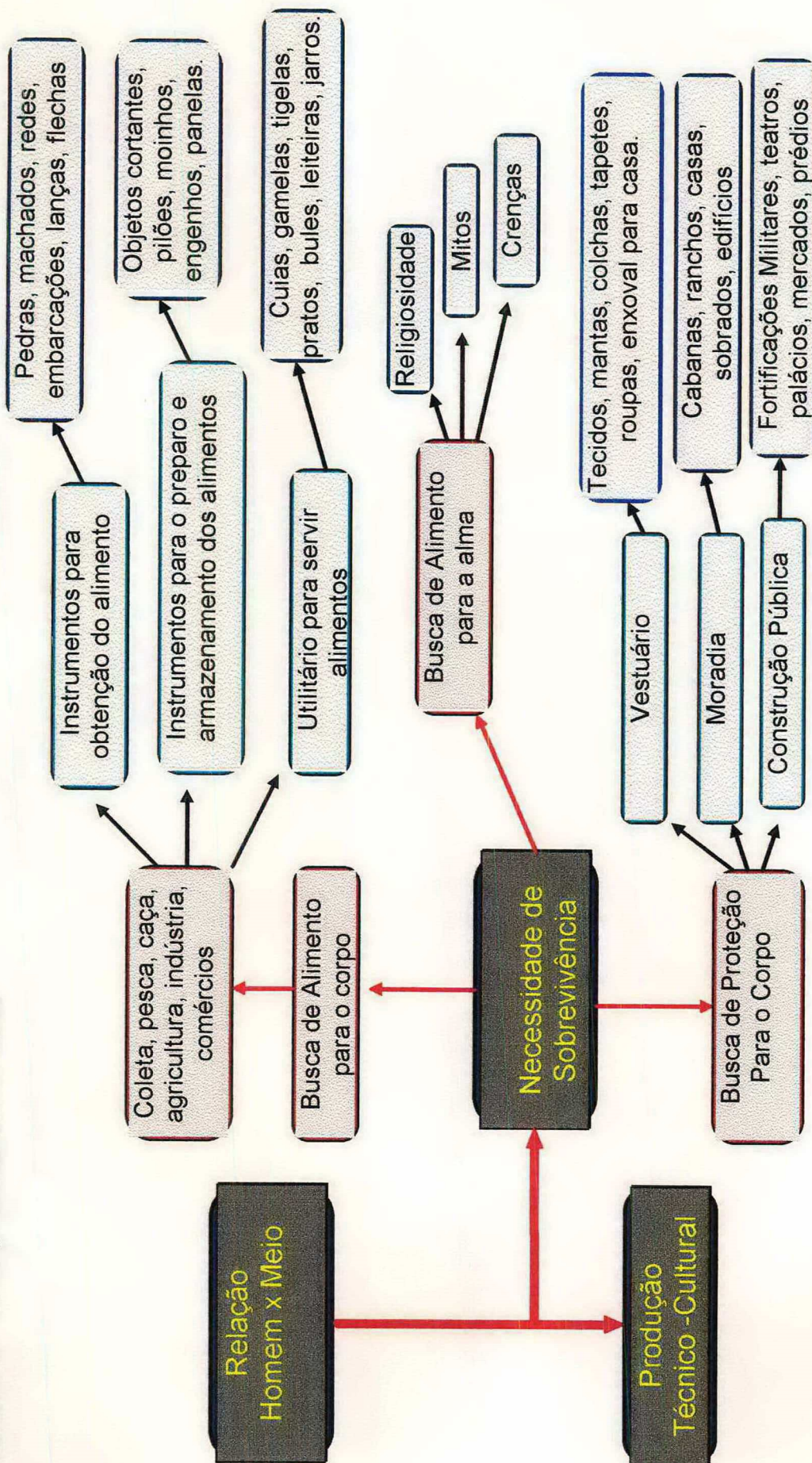
-Felix M. Keesing (1958), “a cultura é comportamento cultivado, ou seja a totalidade da experiência adquirida e acumulada pelo homem e transmitida socialmente, ou ainda, o comportamento adquirido por aprendizado social”.

Entende-se então, que a cultura é elemento fundamental não só na formação do homem, mas também, na influência na produção da cultura material do seu povo.

A produção técnico-cultural do homem acontece primeiramente, ativada pelo instinto da fome, em segundo, pela necessidade de proteção e por último pela necessidade de encontrar o alimento para alma, materializando ou abstraindo costumes, crenças e atividades religiosas. E nesse processo de inter-relação homem X meio X necessidade X sociedade, acontece a identificação de um povo, de uma época e de uma cultura.

O quadro 1 a seguir procura mostrar como acontece a produção técnico-cultural do homem. Motivado pelas necessidades físicas e espirituais, ele procura através da produção, satisfazer as suas deficiências .

Quadro 1 - RELAÇÃO HOMEM X MEIO



Desta forma, entende-se que a cultura pode ser vista como um conjunto de manifestações que o homem expressa através de idéias, crenças, normas e atitudes. Padrões de conduta e técnicas as quais, são adquiridas e vão se acumulando ao longo do tempo num determinado grupo e vai se propagando, pelo uso contínuo dos membros dessa sociedade.

A cultura pode ainda ser classificada como material e imaterial.

Cultura material consiste em coisas materiais, bens tangíveis, incluindo instrumentos artefatos e outros objetos materiais, fruto da criação humana e resultante de determinada tecnologia.

Cultura imaterial refere-se a elementos não tangíveis da cultura. Que não tem substância material. Entre eles estão as crenças, os conhecimentos, as aptidões, os hábitos, os significados e valores.

Os diversos aspectos da cultura material de um povo são importantes por si mesmos, por sua utilização, pelas informações que trazem, as relações com as práticas rituais, e como demonstração de um processo tecnológico desenvolvido em sua época.

2.1 Padrões Culturais

São comportamentos generalizados e estandardizados e regularizados; eles estabelecem o que é aceitável ou não na conduta de uma dada cultura. O comportamento do indivíduo é influenciado pelos padrões da cultura em que vive.

A configuração desta cultura, consiste na integração dos diferentes traços e complexos de uma cultura, com seus valores objetivos mais ou menos coerentes, que lhe dão unidade (Marconi e Presotto, 1990).

2.1.1. Símbolo Cultural

O símbolo é a mais antiga forma de expressar a cultura de um povo. A simbolização permite ao homem transmitir os seus conhecimentos adquiridos e acumulados no decorrer do tempo. Os símbolos conservam os valores básicos para que a cultura de uma sociedade seja perene.

Os símbolos são constituídos de várias coisas concretas ou abstratas que se lhe são atribuídos valores ou significados específicos, dentro de um contexto cultural, por meio de atos, atitudes e sentimentos. A criação deles

consiste, basicamente, na associação de significados daquilo que pode ser percebido pelos sentidos.

Sabemos que as culturas mudam continuamente, assimilam novos traços ou abandonam os antigos, através de diferentes formas. Toda sociedade está sujeita a essas modificações pelo próprio processo de desenvolvimento, pelos contatos com povos de culturas diferentes, pelas inovações científicas e tecnológicas interferindo nas artes, no artesanato e na sua cultura como um todo.

2.1.2. A Cultura de um Povo Expressa Através do Grafismo

Constatamos ao longo da história da humanidade a necessidade de expressão através do grafismo. Foi através da palavra escrita e falada que o homem transmitiu boa parte de sua cultura. Porém é através do grafismo que vamos encontrar outros aspectos, entre eles a materialização dessa cultura, na produção de objetos de uso para a sua sobrevivência física, bem como, na interpretação de mensagens gráfica. A figura 1, mostra um exemplo de inscrição rupestre, expressão da cultura primitiva através do grafismo.



FIG. 01 - INSCRIÇÃO RUPESTRE - ILHA DO CAMPECHE
Fonte: Herança a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu - Empresas Dow

Uma sociedade tem no grafismo, um instrumento visual para representar as suas crenças, costumes e tradições. As sociedades indígenas utilizam-se dessa arte para compor a ornamentação do corpo não só em ocasiões e cerimônias especiais mas também, no seu cotidiano. As figuras a seguir, mostram tipos de grafismo corporal indígena, usados em cenas do cotidiano e em cerimônias especiais.



FIG. 02 -PADRÕES DE GRAFISMO CORPORAL

Fonte: Grafismo Indígena

Lux Vidal

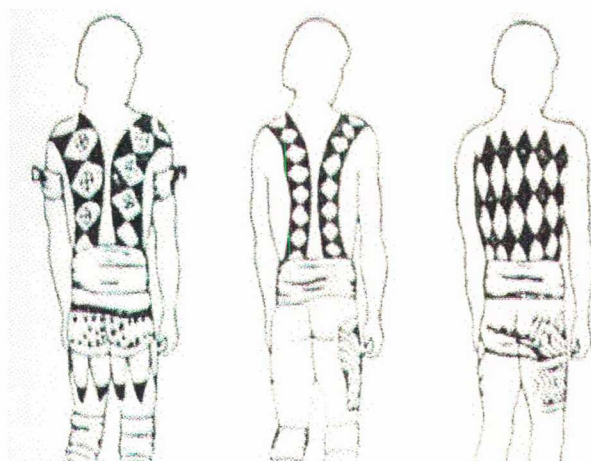


FIG. 03 -GRAFISMO CORPORAL

Fonte: Grafismo Indígena

Lux Vidal

Esse grafismo identifica cada tribo expressando uma variedade de motivos básicos exclusivos formando padrões distintos. Para essas sociedades, ele representa um cartão de identidade para aquele que o usa. Um exemplo disto é mostrado na figura 04. A linguagem visual transmite a cada tribo um significado especial, caracterizando, identificando-o e distinguindo-o dos demais.

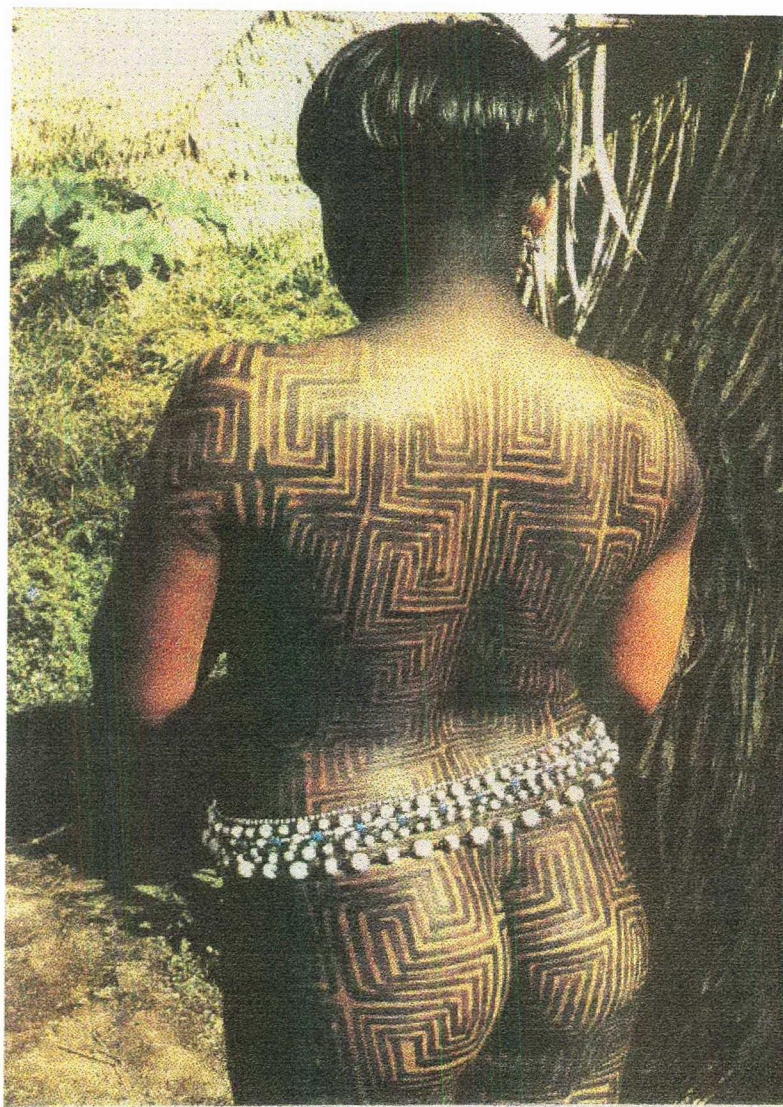


FIG. 04 -GRAFISMO CORPORAL
Fonte: Grafismo Indígena
Lux Vidal

2.2. PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E ARTESANAIS PREDOMINANTES NO BRASIL

Demonstrar a cultura material de algumas regiões brasileiras através de elementos como: texturas desenvolvidas em superfícies como pele humana, cerâmica, madeira, trançados em materiais como fios de algodão e fibras vegetais, tem como objetivo mostrar nesses objetos, a riqueza de elementos gráficos e as possibilidades de serem trabalhadas graficamente. Neste capítulo procura-se destacar de uma forma geral o artesanato predominante em madeira, cerâmica, cestaria, tecelagem e rendas. Nesses objetos a presença das cores, texturas, formas e o movimento das linhas, oferecem infinitas possibilidades de explorações gráficas que podem transmitir um valor cultural significativo. Pela dimensão que o assunto apresenta-se, direcionamos nosso trabalho para essa produção no litoral catarinense, tema que tratará o terceiro capítulo.

Assim, neste momento ao mostrar a produção material das principais regiões brasileiras, percebe-se a forte presença dos índios, dos caboclos e dos negros na formação das suas culturas. É através de seus trabalhos que identificam e representam as suas origens, as suas crenças e costumes, enfim a sua cultura.

Enfatizar o valor dessa riqueza cultural é preservar a produção cultural que se desenvolve da relação “homem / meio”. É através dela que nasce a história de cada povo, de cada região.

2.2.1. Produção Cerâmica:

O desenvolvimento de objetos, principalmente louças de cerâmica, por todo o país, com características locais ou regionais, pode ser considerada a mais rica e transcendental manifestação da cultura material brasileira. Arte firmada antes da colonização pelos índios, fundindo-se através dos missionários e colonos. Destaque para os índios no domínio dessa técnica na produção de telhas, tijolos e utilitários domésticos.

Dividida entre cerâmica utilitária e figurativa de tradição barrista europeia, somada a tradição indígena e ao negro africano, a cerâmica encontra grande aceitação no mercado. Desenvolveu-se em regiões propícias, sendo a geografia (de onde se extrai a matéria prima), a cultura e a economia, objetos determinantes no seu desenvolvimento.

A cerâmica figurativa é uma das principais expressões da arte popular no Brasil. Apresenta-se com maior ênfase nos estados do Pará, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, São Paulo e Santa

Catarina. Nos demais estados, a cerâmica é, em geral, do tipo utilitária (potes, panelas, vasos e outros). As figuras 05 a 13, mostram esta produção.

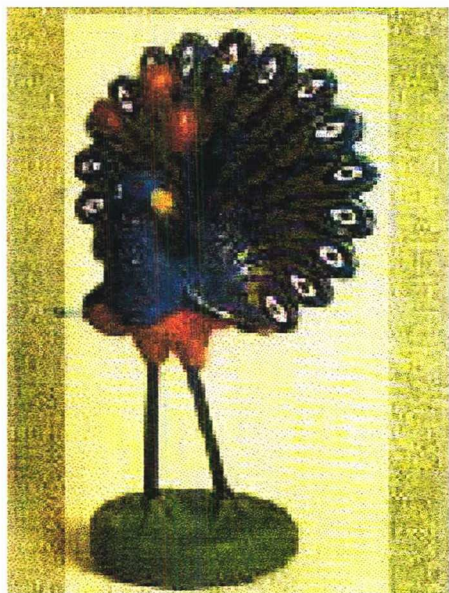


FIG. 05- CERÂMICA FIGURATIVA- S. PAULO
FONTE: ARTESANATO BRASILEIRO
Ed. Funarte .Rio de Janeiro

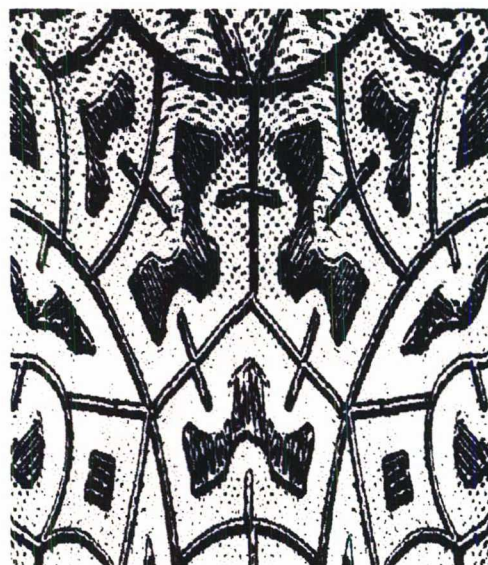


FIG. 06 - DETALHE CERÂMICA MARAJOARA-PARÁ
FONTE: ARTESANATO BRASILEIRO
Ed. Funarte .Rio de Janeiro

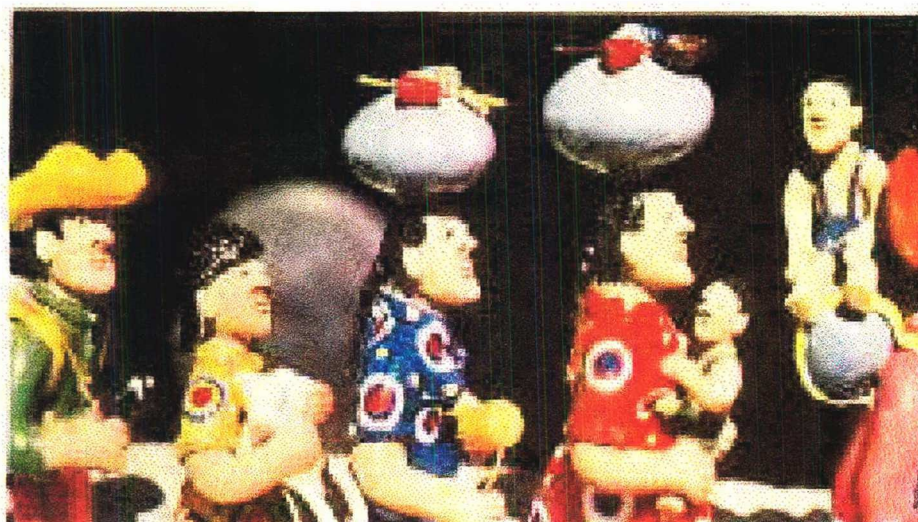


FIG. 07- CERÂMICA FIGURATIVA - PERNAMBUCO
Fonte: Artesanato Brasileiro
Ed. Funarte - Rio de Janeiro



FIG. 08 - CERÂMICA UTILITÁRIA - SANTA CATARINA
 Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
 Foto: Rodrigo P. Medeiros

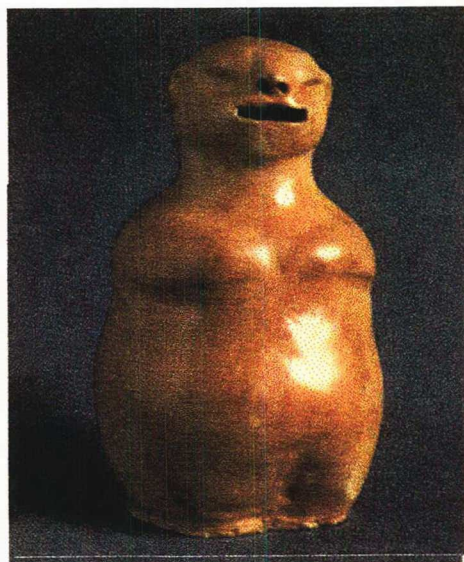


FIG. 9- CERÂMICA FIGURATIVA - RORAIMA
 Fonte: Artesanato Brasileiro- FUNARTE

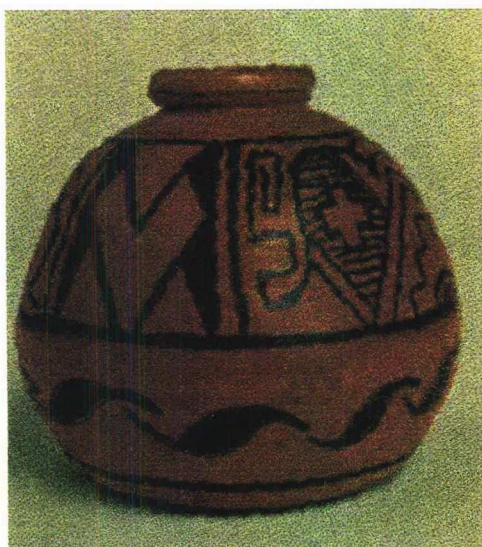


FIG.10 - CERÂMICA FIGURATIVA - AMAPÁ
 Fonte: Artesanato Brasileiro - Ed. Funarte

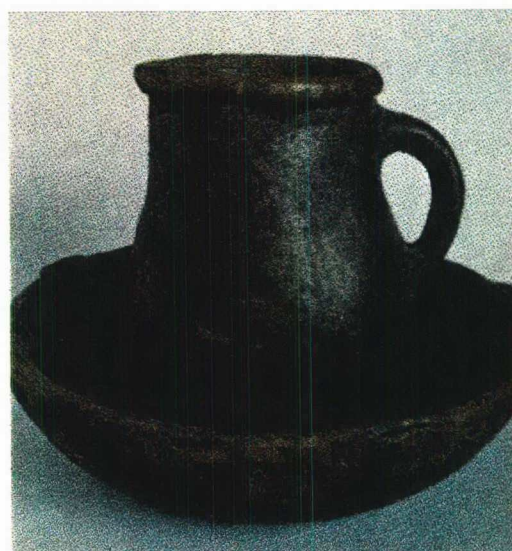


FIG. 11- CERÂMICA UTILITÁRIA - E.SANTO
 Fonte: Artesanato Brasileiro - Ed. Funarte



FIG.12 - CERÂMICA FIGURATIVA -SANTA CATARINA
 Fonte: Museu Antropologia da UFSC
 Foto: Rodrigo Medeiros



FIG. 13- CERÂMICA FIGURATIVA- PERNAMBUCO
 Fonte: Artesanato Brasileiro
 Ed. Funarte -

2.2.2. Produção em Madeira:

A produção de madeira é uma rica manifestação da cultura material, utilizada pelos índios nas suas construções, armas e utensílios, embarcações e instrumentos musicais, máscaras e bonecos. A arte e o artesanato, encontram na madeira a matéria que produzirá uma ampla e diversificada gama de objetos. Motivos como a natureza, o universo humano e a fantasia são expressados. As figuras 14 mostra a técnica desenvolvida através de xilogravura e a 15, através da escultura.

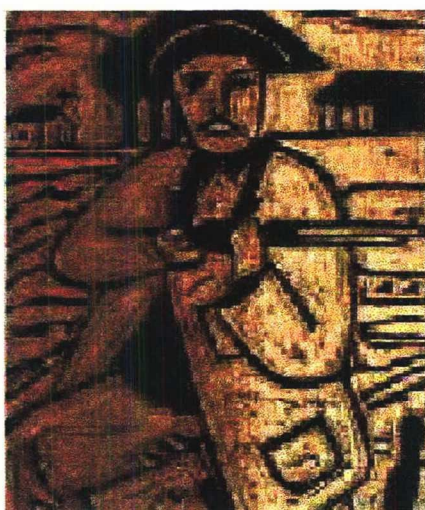


FIG. 14 - XILOGRAVURA POPULAR - PARAIBA
 Fonte: Artesanato Brasileiro
 Ed. Funarte

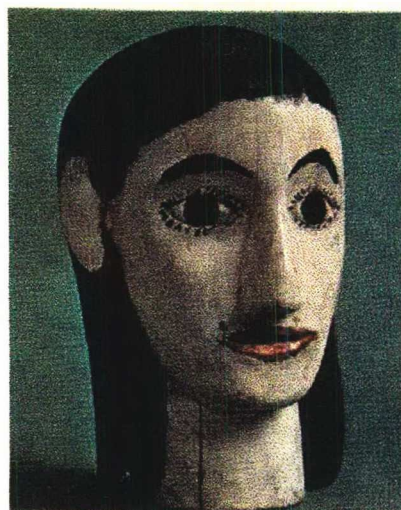


FIG. 15 - ESCULTURA DE MADEIRA - BRASÍLIA
 Fonte: Artesanato Brasileiro
 Ed. Funarte



FIG. 16- ATABAQUE EM MADEIRA - CEARÁ
 Fonte: : Artesanato Brasileiro
 Ed. Funarte



FIG. 17 - CARRO DE BOI - LITORAL STA CTA
 Fonte: Festa do Mar - Fpolis - 1996
 Foto: autora

As figuras acima mostram objetos com funções bastante distintas, uma (16) usada cerimoniais afro-brasilleiro tais como: capoeira, candomblé, etc, a outra (17) usada para transporte na zona rural e também na agricultura.

Utensílios como cocho, pilão, gamela e móveis simples e rústicos, também são produzidos artesanalmente. Podemos citar ainda outras produções, tais como: embarcações de madeira, engenhos, moendas, tonéis, e carroças.

2.2.3. Produção em Trançados de Fibras:

A Tradição artesanal na arte de trançar deixada pelos índios, supera a cerâmica no que diz respeito à área de difusão. A produção de utensílios como esteiras, balaios, chapéus, peneiras e outros, está presente em qualquer sub-região rural ou urbana, no sertão ou litoral brasileiro. As figuras 18, 19 e 20 mostram exemplo de trançados.

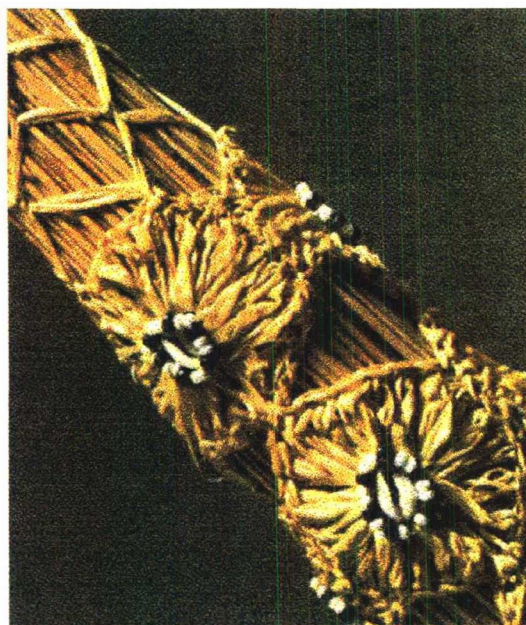


FIG. 18 - Xaxará - Objeto cerimonial - RJ
Fonte: Artesanato Brasileiro - Ed. FUNARTE

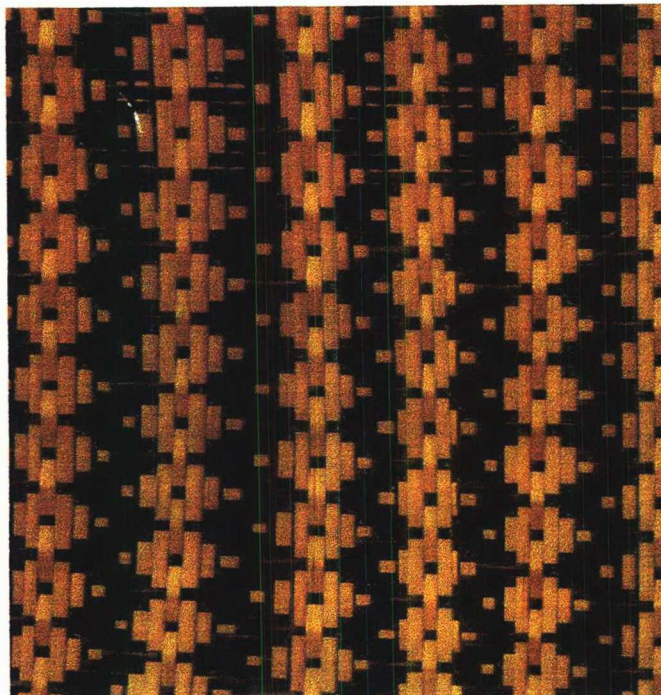


FIG. 19 - DETALHE DE PENEIRA - TRIBO SATERÉ MAUÉ - AMAZONAS
FONTE: KLINTOWITZ, SD.



FIG. 20 - BALAILO INDÍGENA DE FIBRA NATURAL TINGIDA
Fonte: Exposição semana do índio na FAED.
Foto: Leide Patrícia Nascimento

O índio brasileiro hábil trabalhador das fibras, recebeu influência do meio ambiente para a criação de padrões gráficos, através de técnicas bastante apuradas.

Quanto à decoração, os objetos de trançados possuem uma imensa variedade expressiva, explorada através de formas geométricas, usando talas de espessuras diferentes, corantes ou outros materiais. A malha dos trançados varia conforme o material e o destino ao qual estará sujeito o objeto.

2.2.4 Produção em Tecelagem:

Os índios possuem grande habilidade para tecelagem, já que sua prática e conhecimento dos trançados e cestarias é bastante desenvolvida. Destacam-se tribos do alto Amazonas e Solimões (omágwa e os aruak), influenciados pela vizinhança dos povos andinos. Neste artesanato, o artífice conhece e participa de todas as fases de produção desde a colheita. Na figura 21 mostra-se o tecido confeccionado e estampado com o grafismo característico indígena.



FIG. 21- TECIDO INDÍGENA - MOTIVO KAIKUI APOEKÁ
Fonte: Grafismo Indígena.
Lux Vidal, organizadora

Na produção de tecido o Brasil utiliza dois processos, o vertical e o horizontal. O vertical foi um processo que muito difundiu-se entre os índios amazônicos e mato-grossenses, utilizando o processo para produção de redes.

Na confecção manual de tecidos, em algumas regiões brasileiras conforme mostra-se nas figuras a seguir, as combinações de fios podem produzir diferentes texturas, com efeitos de alto e baixo relevo. É padronizada em geral por motivos geométricos e linhas retas. Apenas tecelões negros da Bahia produzem o chamado "pano-da-costa", que oferecem padronagens figurativas. As figuras 22, 23 e 24 mostram tecidos confeccionados em teares manuais em algumas regiões brasileiras.

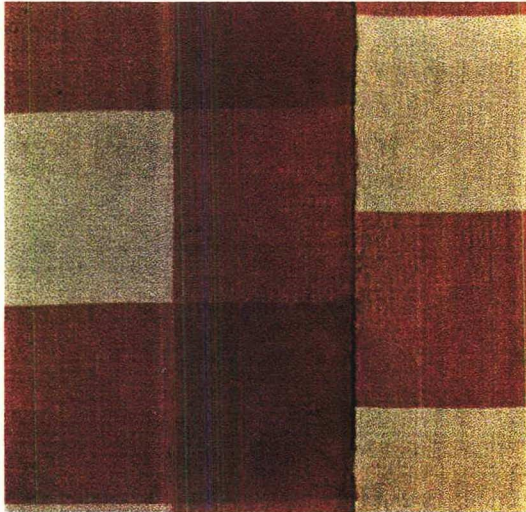


FIG. 22- PANO DE COSTA - BAHIA
Fonte: Artesanto Brasileiro
Ed. Funarte- Rio de Janeiro: 1986

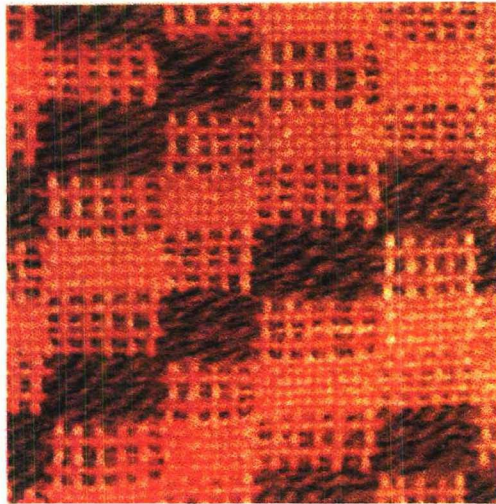


FIG. 23 - DETALHE DE TECIDO - BRASÍLIA
Fonte: Artesanto Brasileiro
Ed. Funarte- Rio de Janeiro: 1986.

Alguns padrões geométricos são conhecidos pelos pontos ou formas que assumem como: xadrez, pé de gato, redemoinho, tamborete, flor de aurora, olho de perdiz, caracol, mosquitinho e quadrinho. Os produtos variam em cobertores, colchas, toalhas e especialmente as redes de dormir.

O estado do Mato Grosso produz redes de intenso colorido através da técnica de "lavrado". O Maranhão, produz as mesmas redes com finos acabamentos. O Pará e o Amazonas apresentam em sua produção, ricas redes de tucum, espécie de linho do vale.

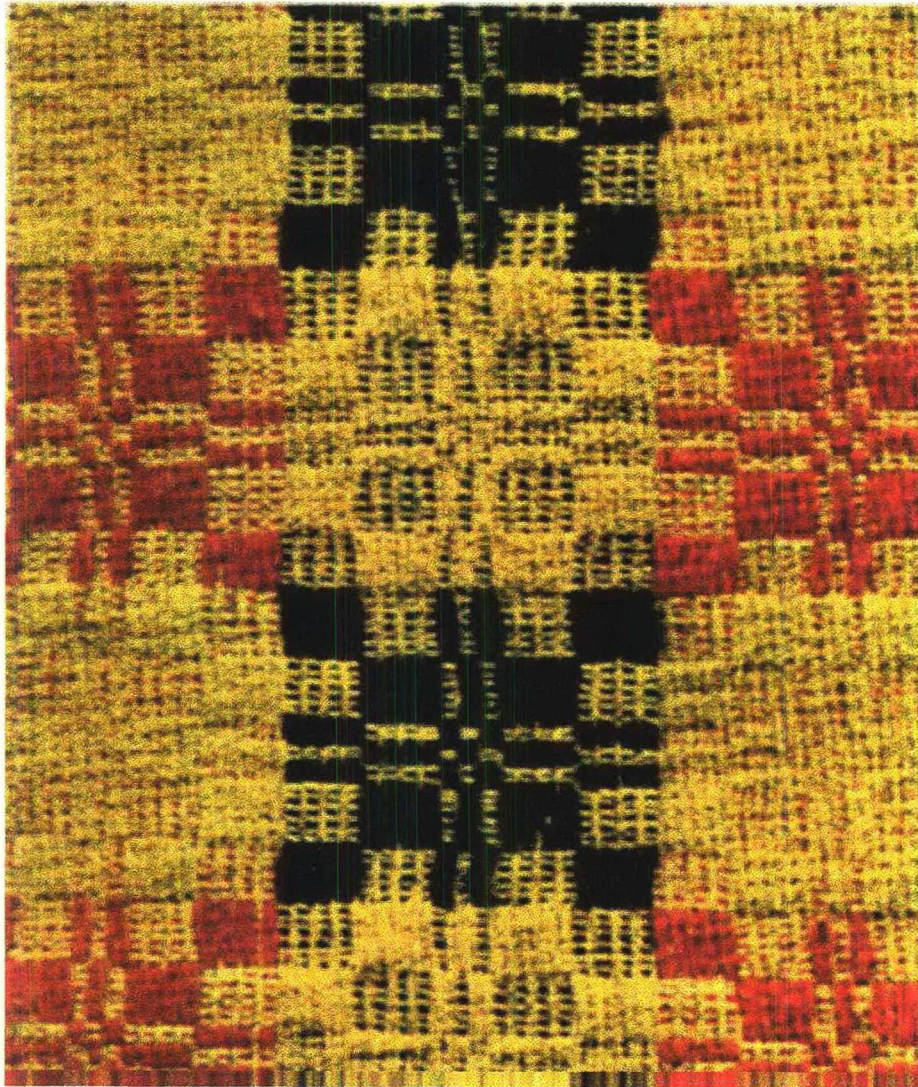


FIG.24- DETALHE DE TECIDO CONFECCIONADO EM TEAR MANUAL - BRASÍLIA
Fonte: Arte e Artesanato. Ed. Funarte.

2.2.5 Produção de Rendas:

Desenvolvida através do fio de linho ou de seda, predominantes do algodão, grande parte desta produção tem mão-de-obra feminina. Quando se fala

em renda no Brasil, fala-se em "renda de bilros". Considerado artesanato doméstico, existente em diversos países, não sendo porém, originalmente brasileiro. As figuras 25 e 26 mostram dois modelos de rendas.

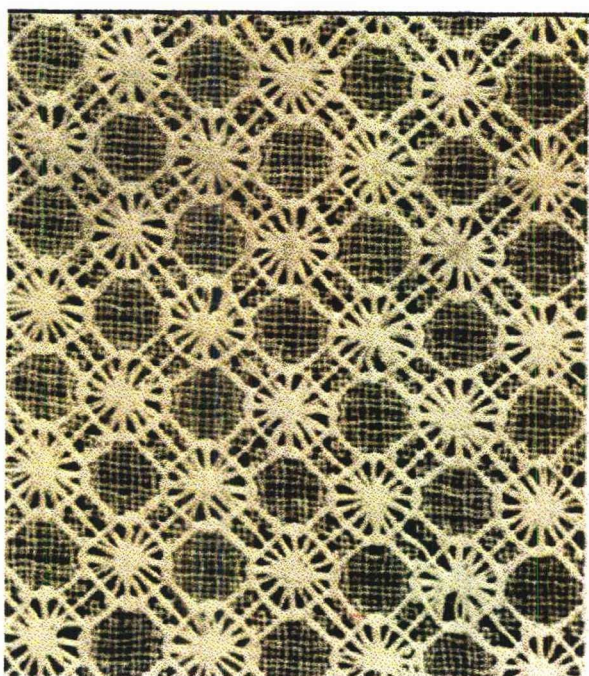


FIG. 25 - RENDA TIPO FILÉ- ALAGOAS
Fonte: Arte e Artesanato. Ed. Funarte

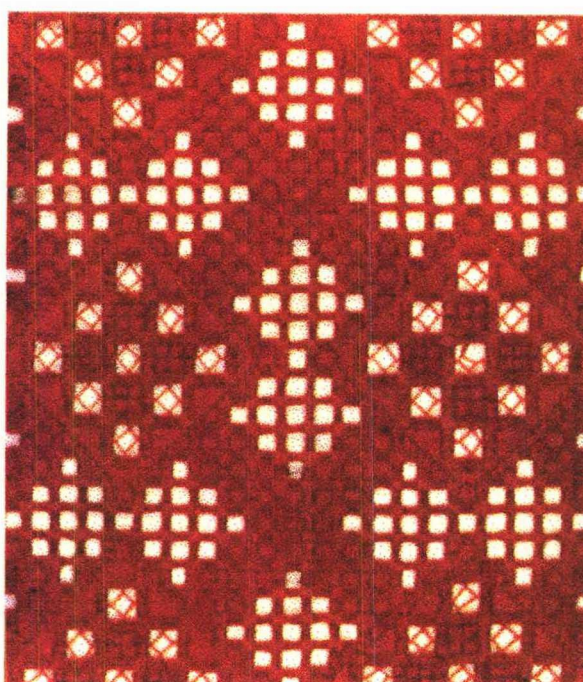


FIG. 26 - RENDA TÉCNICAS DE CRIVO - ALAGOAS
Fonte: Arte e Artesanato. Ed. Funarte -

Foi através da aculturação que tornou-se possível transformar a renda num produto local, apesar de sua expressão universal. Definida como trama de fios, pode produzir variadas texturas e diferentes formas. Chegou ao Brasil através dos colonos açorianos, que se localizaram em algumas partes do território brasileiro (do Pará ao Rio Grande do Sul). As figuras 27, 28 e 29 mostram rendas confeccionadas em Florianópolis (SC) e Espírito Santo.



FIG.27 - RENDAS DE BILROS -FPOLIS
 Fonte: Soares, Doralécio. 1987



FIG. 28 -RENDA DE BILRO TIPO PIQUE - FPOLIS
 Fonte: Soares, Doralécio. 1987



FIG. 29- PANINHO- TÉCNICA DE BILROS - ESPÍRITO SANTO
 Fonte: Arte e Artesanato. Ed. Funarte -

Aqui demonstramos apenas o que se destaca com mais evidência na cultura material, comum, em algumas regiões brasileiras. Tentamos mostrar as raízes culturais através destas produções, os elementos que podem determinar uma identidade cultural e estimular novas pesquisas que mostrem, a riqueza que existe e que precisa ser explorada e identificada as suas origens.

Dentro desse contexto, direcionamos o tema a partir deste momento, para o litoral de Santa Catarina. Como o presente trabalho está direcionado a indústria cerâmica, considera-se importante mostrar como nasceu a tradição do uso do revestimento cerâmico no Brasil, o desenvolvimento das indústrias e a formação da cultura cerâmica catarinense.

2.3. A CULTURA E TRADIÇÃO NO USO DE REVESTIMENTO CERÂMICO

A tradição cerâmica existe no Brasil desde antes de seu descobrimento, com a produção de cerâmica vermelha pelos os índios. Os portugueses quando colonizaram o Brasil, trouxeram para cá, a sua tradição na fabricação de azulejos, introduzindo aqui as características da arquitetura daquele país. Esta cultura de revestir as fachadas de prédios e residências com azulejos dos séculos XVII e XVIII, ainda permanece nas construções modernas brasileiras.

Mais tarde por volta dos séculos XIX e XX, os revestimentos cerâmicos passaram também a ser usados como produtos de decoração em edifícios, painéis, esculturas e monumentos, por artistas e arquitetos brasileiros. As figuras 30, 31, 32, 33 e 34 mostram exemplos desta aplicação.

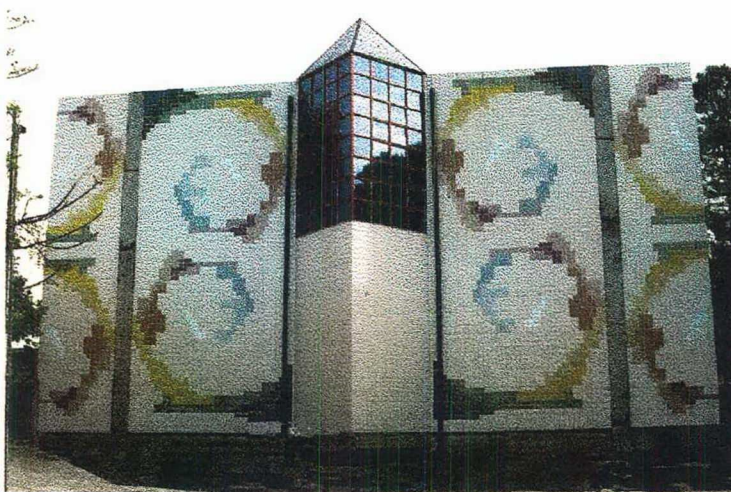


FIG. 30 - REVESTIMENTO CERÂMICO NA ARQUITETURA - UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros



FIG. 31- CASA COM REVESTIMENTO CERÂMICO - Fpolis
Foto: Carolina P. Medeiros

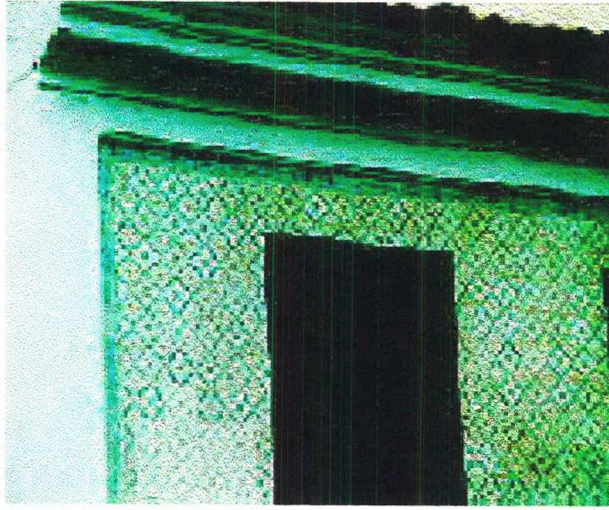


FIG. 32- CASA DO PERÍODO COLONIAL REVESTIDA COM AZULEJOS
Foto: Leide Patrícia do Nascimento



FIG. 33 - ARQUITETURA MODERNA COM REVESTIMENTO CERÂMICO - UFSC
Foto: Leide Patrícia do Nascimento

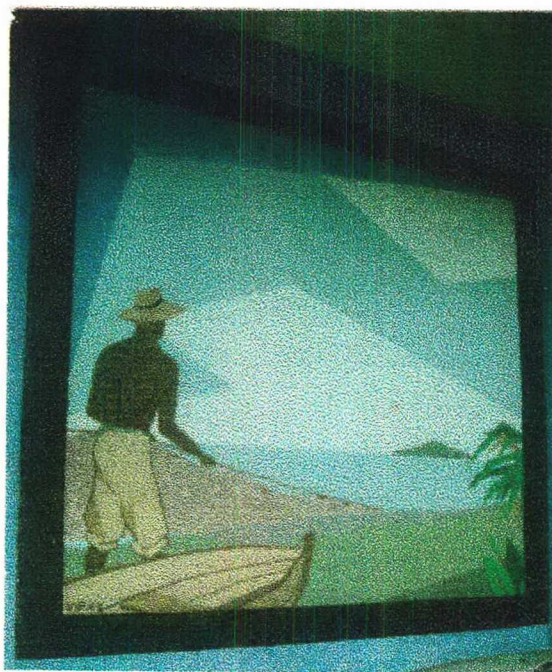


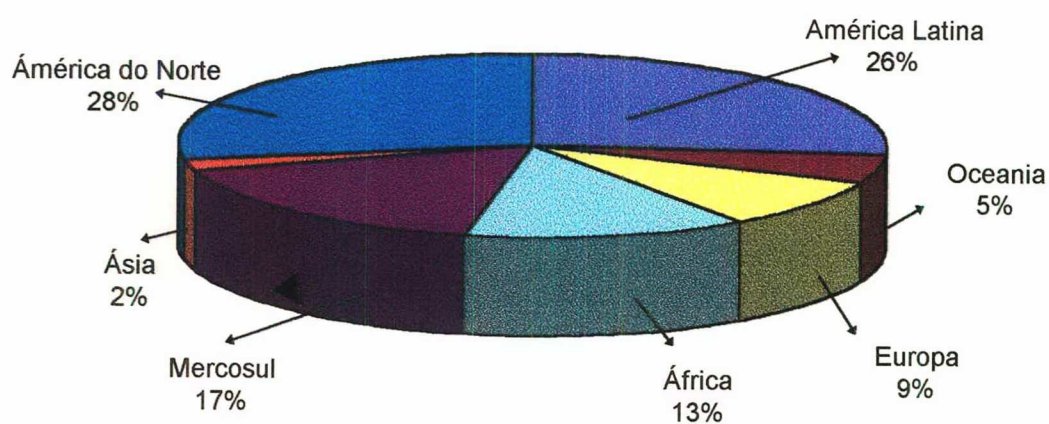
FIG. 34- PAINEL ARTÍSTICO COM REVESTIMENTO CERÂMICO
Fonte: Fachada de edifício - Florianópolis
Foto: Leide Patrícia do Nascimento

Com a criação do Sistema Financeiro da Habitação e do Banco Nacional da Habitação na década de 60 e 70, a indústria nacional de construção civil viu perspectiva para o seu crescimento e com ela também, o crescimento das indústrias de revestimentos.

Inicialmente concentradas nas regiões Sul e Sudeste do País, a indústria cerâmica brasileira novamente se ampliou na década de 80. Este fato elevou o número de empresas produtoras para 119. Este crescimento fez com que as indústrias atingissem a maturidade no final dos anos 80 início dos anos 90, com um elevado grau de atualização em relação aos países líderes no setor.

A prioridade da indústria cerâmica é a busca do mercado interno e do crescimento de consumo. O Brasil é hoje o oitavo consumidor per capita de cerâmica e o quarto maior produtor mundial de cerâmica para revestimentos, atrás da China, Itália e Espanha. É o terceiro maior exportador mundial de cerâmica, com 4,8 % do mercado. (ANFACER, 1997) O gráfico 1 mostra os destinos das exportações brasileiras.

Gráfico 1 –Destinos das Exportações Brasileiras



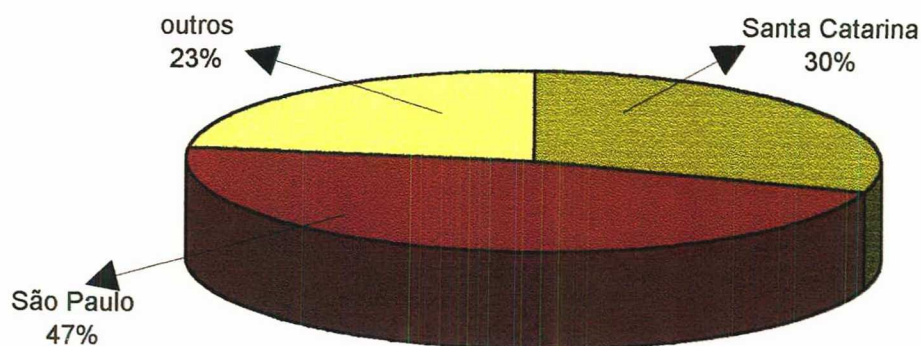
Fonte : ANFACER
Revista Empreendedor, Maio, 1997

Existe atualmente, cerca de 180 fabricantes de revestimento cerâmico no país. São Paulo é responsável por 47 % da produção, destacando-se

as empresas Chiarelli, Porto Ferreira e Sant'ana as maiores exportadoras do estado. Outra grande produtora é a Incepa, que fica localizada no Paraná.

Contudo, o maior polo cerâmico do país é o sul de Santa Catarina, em função das riquezas minerais existentes no local como: o carvão, o caulim e a argila. Possui várias indústrias de revestimento cerâmico, das dez maiores exportadoras brasileiras, 50%, são catarinenses e três delas: Eliane, Cocrisa e Portobello, respondem por 55,5% das exportações.

Gráfico 2- Capacidade Instalada



Fonte: ANFACER

Revista Empreendedor, Maio, 1997

Todo o desenvolvimento da região gira em torno dessas indústrias, que emprega um grande número de pessoas. Há uma preocupação por parte dos empresários, em preparar esses futuros profissionais para a indústria cerâmica.

Investem a exemplo dos demais fatores da competitividade, na melhoria da educação e na formação de recursos humanos, ao qual denominaram de **cultura cerâmica**. Isto ocorre desde o ensino básico até a pós-graduação apoiando-se em iniciativas próprias, na atuação do sindicato patronal e na cooperação escola empresa. (SINDICERAM, 1997).

Conforme vimos, Santa Catarina coloca-se como o maior polo cerâmico do país e com as expectativas de crescimento do setor, tanto a nível interno como externo, nosso trabalho volta-se inteiramente para estas indústrias, no sentido de contribuir na criações visuais de novos designs cerâmicos.

III CAPÍTULO

3. HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO E DA PRODUÇÃO DA CULTURA MATERIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA NOS PERÍODOS: PRÉ-COLONIAL, COLONIAL E ATUAL.

3.1- Período Pré-Colonial:

Entende-se por período pré colonial, o longo período que antecedeu a chegada dos europeus. De acordo com os pesquisadores, as datas diferenciam-se na medida em que as pesquisas arqueológicas vão sendo reveladas.

Os vestígios de ocupação no Estado de Santa Catarina datam de 8.000 anos aproximadamente. No litoral a ocupação dos sambaquis datam de 5.000 anos. Santos (1974).

Segundo historiadores e antropólogos catarinenses, seguramente houve uma sucessão de povos pré-históricos ocupando e disputando as terras do nosso estado. A certeza dessa ocupação é adquirida através dos vestígios encontrados em sítios arqueológicos. É certo que muitas dessas características perderam-se no tempo; outras delas foram resgatadas através de estudos arqueológicos e por meio de amostras recolhidas tentam desmistificar os aspectos da cultura do homem deste período.

Supõe-se que o período colonial teve dois tipos de habitantes: o **homem do sambaqui** e o **índio carijó**, também conhecido por índio tupiguarani.

3.1.1 O Homem do Sambaqui:

Povo nômade de tecnologia simplificada, adaptou-se a exploração do meio através da coleta (moluscos, siris e ouriços e recursos vegetais), praticavam também a caça e a pesca. Para essas atividades, construíram anzóis, pontas de flechas e pontas duplas, em osso e dentes de aves e mamíferos. Beck (1978).

Os sambaquis (figura 35) onde viviam esses homens, são uma espécie de aterro de lixo, predominantemente orgânico resistente à deterioração, tais como: esqueleto de moluscos, ossos de peixes mamíferos aquáticos, dentes

de herbívoro como a anta, e roedores como a capivara e a cutia. Além desses, também foram encontrados sementes carbonizadas, carvão, material lítico moldados pelo homem.

Além do litoral, os homens dos sambaquis também viviam no interior do estado, nas encostas e proximidades dos rios.



FIG. 35- Sambaqui - Laguna - Santa Catarina
Fonte: Herança expressão visual do brasileiros antes da influência do europeu Empresas Dow.

Quanto a sua produção verificou-se relação direta com a subsistência e a tecnologia utilizada na de obtenção de alimento. Ao desenvolver essas atividades confeccionaram diversos instrumentos em ossos de peixes e mamíferos. Como mostram as figuras a seguir.



FIG. 36- PONTAS DE FLECHAS
Fonte: Herança: Empresas Dow

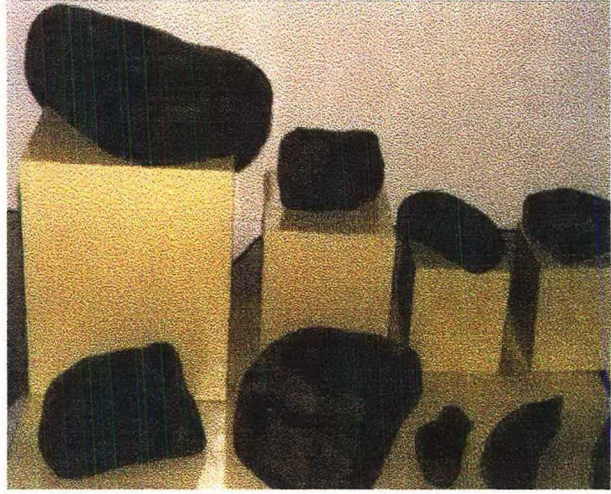


FIG. 37 - BATEDORES DE PEDRAS
Fonte: Museu Anita Garibaldi - Laguna- SC
Foto: Leide Patrícia Nascimento

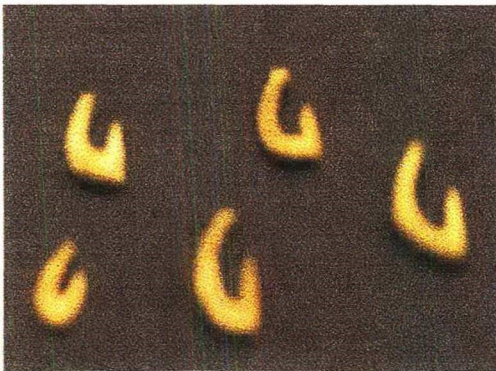


FIG. 38 - ANZOL EM OSSO DE BALEIA
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros



FIG. 39 - LANÇA EM OSSO DE BALEIA
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

As figuras acima (38 e 39), demonstram a habilidade intelectual e manual dos homens dos sambaquis na confecção de recursos que garantissem a sua sobrevivência. Mostra-se nas figuras 40, 41, 42 outros tipos de instrumentos confeccionados para as atividades da caça e da pesca.

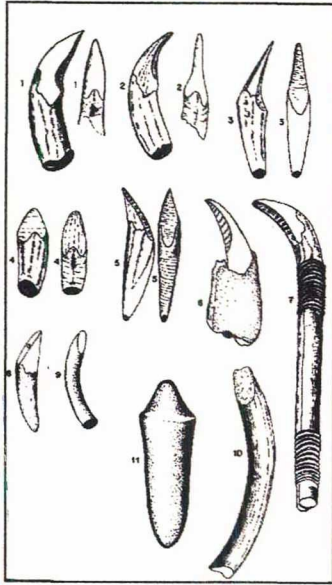


FIG. 40 - RASPADROES

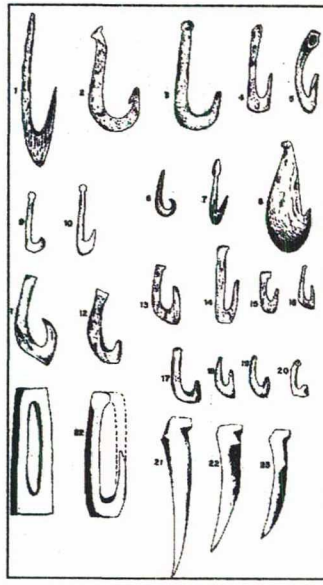


FIG. 41- ANZOL EM OSSO

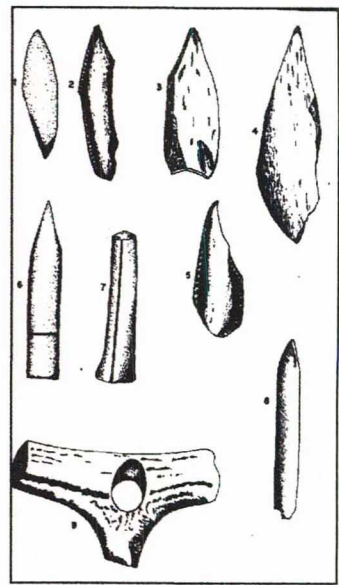


FIG. 42 - PONTAS COM ESTRIAS

FORTE FIGS: 40, 41, 42: ANAIS DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA - UFSC

Além dos instrumentos confeccionados para as atividades da caça e pesca, as figuras abaixo mostram a produção de outros objetos.

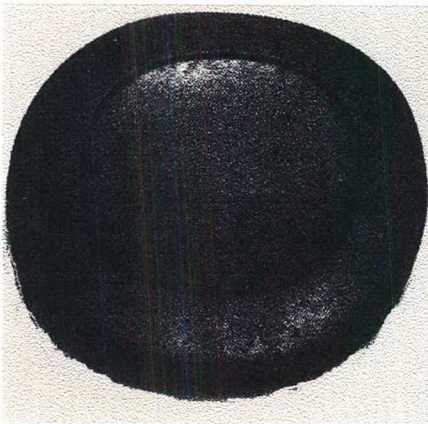


FIG. 43- PRATO DE PEDRA POLIDA - FLORIANÓPOLIS
Fonte: Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu Empresas Dow.



FIG. 44 - MATERIAL LÍTICO
Fonte: Museu Anita Garibaldi Laguna
Foto: Leide P. Nascimento

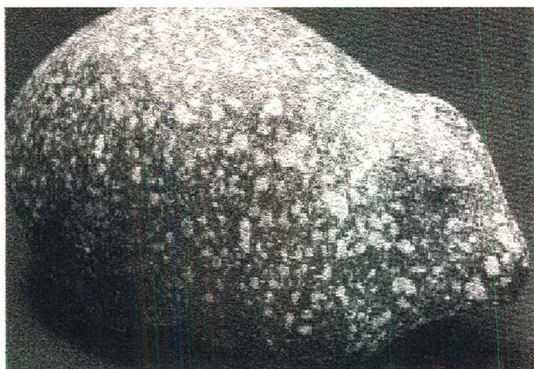


FIG. 45- ARTEFATO DE PEDRA- JOINVILLE
 Fonte: Herança a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu.
 Empresas Dow -

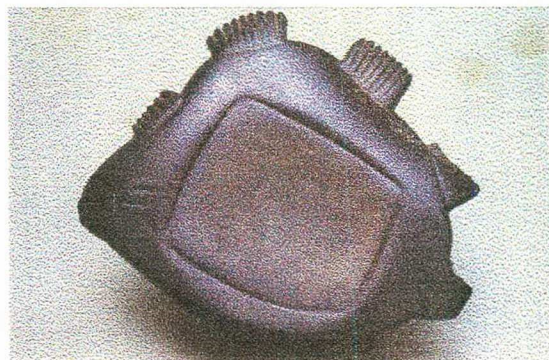


FIG. 46- PEIXE EM DIABÁSIO MARROM-IMARUÍ
 Fonte: Herança a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu.
 Empresas Dow -

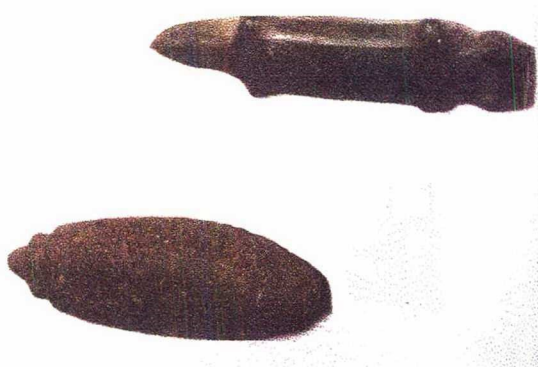


FIG. 47 - MATERIAL LÍTICO
 Fonte : Museu Anita Garibaldi - Laguna
 Foto: Leide P. Nascimento



FIG. 48 - COLAR EM OSSO DE PEIXE
 Fonte : Museu Anita Garibaldi - Laguna
 Foto: Leide P. Nascimento

Neste período constata-se também uma outra produção do homem do litoral, trata-se das “inscrições rupestres”. São gravações feitas sobre rochas basálticas mais conhecidas como “pedra ferro”. Acham-se gravados nas superfícies das rochas.

Essas incisões expressam grafismos variados compostos por figuras abstratas e geométricas (traços, pontos, triângulos, retângulos, etc.), de valores simbólicos desconhecidos, provavelmente relacionado a mitos, crenças ou outras características culturais do povo que a produziu. Quanto às técnicas de execução, supõe-se que eram feitas por abrasão, picotes, raspagens, alisamentos ou polimentos. Dos estudos referentes ao assunto não se constata quais os verdadeiros autores destas obras. As figuras a seguir mostram algumas dessas inscrições localizadas em praias de Florianópolis.



FIG. 49 - INSCRIÇÃO RUPESTRE -CAMPECHE
Fonte: Herança: Empresas Down



FIG. 50 - INSCRIÇÃO RUPESTRE - ILHA DO CORAL
Fonte: Herança: Empresas Down



FIG. 51 - BARRA DA LAGOA - FPOLIS - SC
Fonte: Herança. Empresas Dow -



FIG. 52 - PRAIA DOS INGLESES - FPOLIS - SC
Foto: Ana Cecília Berto



FIG. 53- ILHA DOS CORAIS - FPOLIS - SC
Fonte : Herança. Empresa Dow

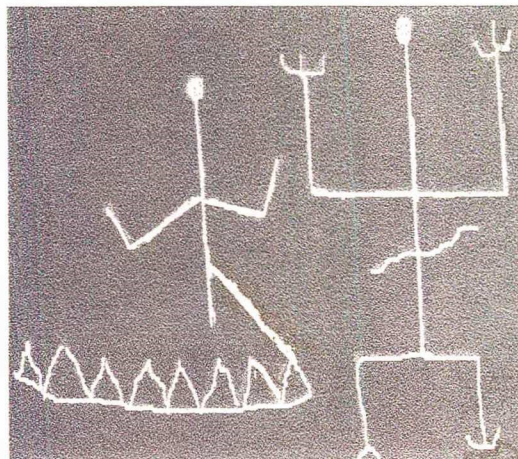


FIG. 54 - BARRA DA LAGOA -FPOLIS - SC
Fonte: Lucas, Keller. sd.

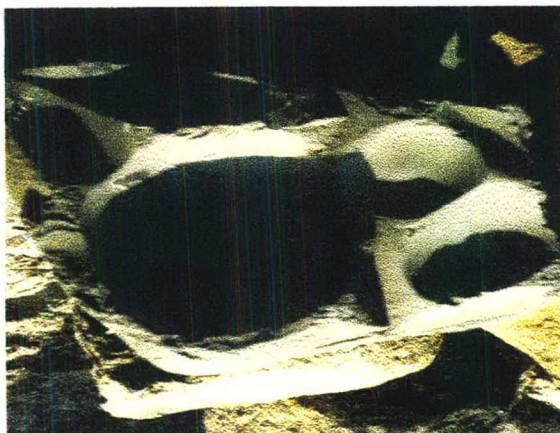


FIG. 55- PRAIA DOS INGLESES - FPOLIS
Foto: Ana Cecília Berto

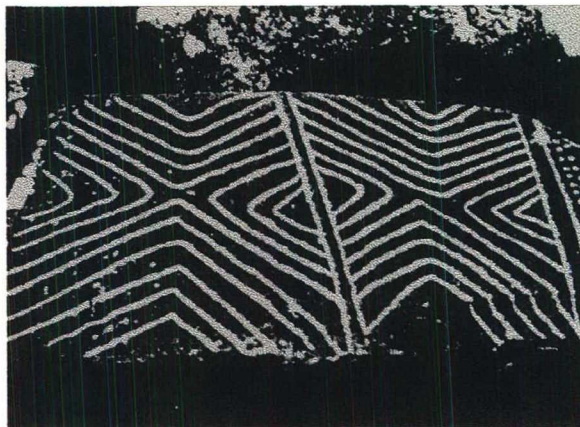
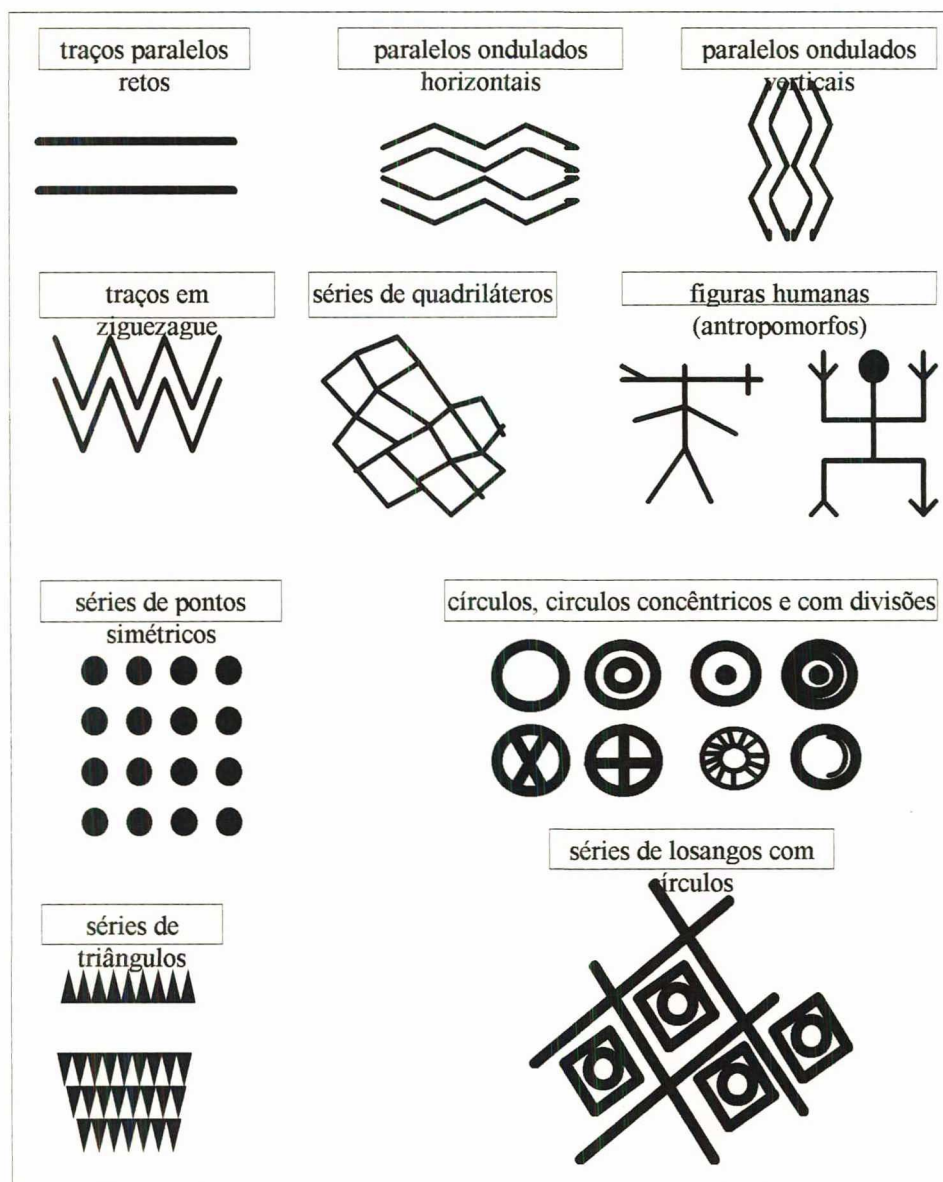


FIG. 56 - ILHA DO CAMPECHE - FPOLIS - SC
Fonte: Lucas, Keller. sd.

O quadro 02 mostra, as formas geométricas predominantes nas inscrições rupestres do litoral de Santa Catarina, caracterizada por fase geométrica.

QUADRO 2 - Desenhos Predominantes nas inscrições rupestres do litoral de Santa Catarina



Desenho: Leide Patrícia do Nascimento

2.1.2 Os Índios Carijós

Vestígios arqueológicos em diversas partes do litoral de Santa Catarina e encostas dos afluentes dos rios, comprovam que os índios carijós foram os povoadores do litoral posteriormente ao homem do sambaqui.

Alguns desses índios viviam sobre os antigos sambaquis e desenvolviam atividades como, pesca, caça, agricultura de subsistência, coleta de alimentos e produção de cerâmica.

Supõe-se, que o índio carijó não restringia sua alimentação e sobrevivência como mero coletor como o homem do sambaqui. Ele desenvolveu e aprimorou novas técnicas e instrumentos, utilizando novos recursos materiais do meio ambiente onde vivia.

As matas pluviais atlânticas, ofereciam ao índio uma farta opção de material lenhoso e isso possibilitou, apesar dos limites de ferramentas, a fabricação de embarcações. Além disso, desenvolveu as técnicas de trançados fabricando cocas, jererés, utensílios de pesca, etc. Essas técnicas mais tarde foram assimiladas pelos portugueses.

Dentre as técnicas desenvolvidas pelos índios carijós, destaca-se uma que considera-se a mais importante pelo valor histórico que representa, para a pesquisa arqueológica brasileira, sobretudo catarinense, pois, com ela surge a produção cerâmica. Através dela, supõe-se que o homem daquele período, começa a demonstrar preocupação na obtenção, preparação e armazenamento do alimento.

Destaca-se essa produção, visto que este foi o material que resistiu a ação do tempo. Ela faz parte da cultura local, antes da influência do colonizador europeu, conforme vemos nas figuras 59,60,61,62 e 664.

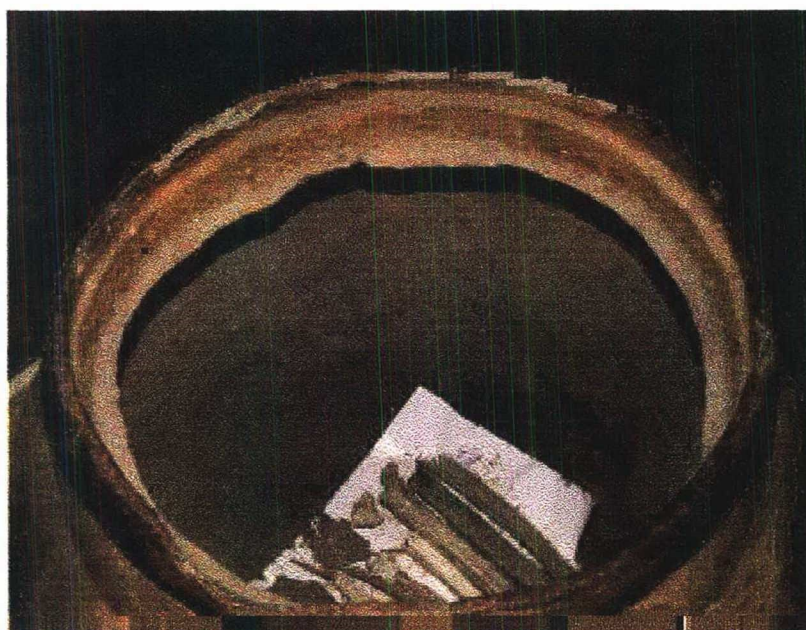


FIG. 59 - URNA COM RESTOS MORTAIS
Fonte: Museu Anita Garibaldi- Laguna
Foto: Leide P. Nascimento

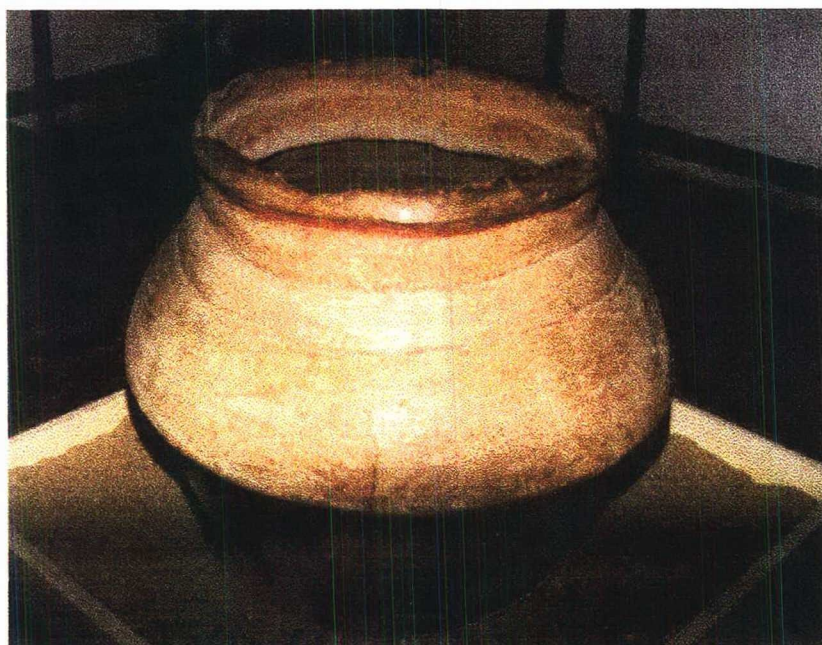


FIG. 60 - URNA FUNERÁRIA
Fonte: Museu Anita Garibaldi - Laguna
Foto: Leide P. Nascimento

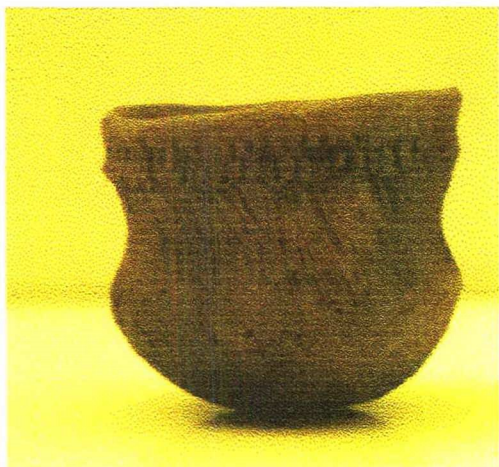


FIG. 61- CERÂMICA UTILITÁRIA
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

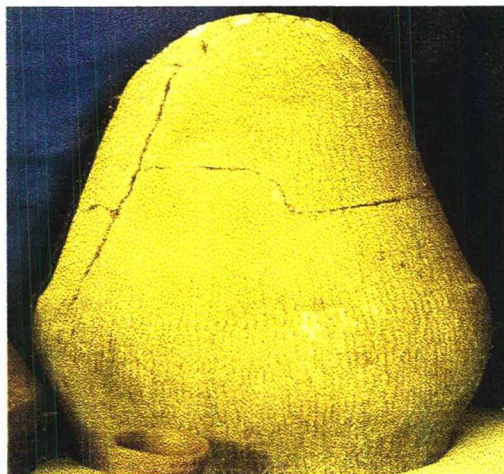


FIG. 62 - CERÂMICA UTILITÁRIA (URNA)
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros



FIG. 63- CERÂMICA UTILITÁRIA (URNA FUNERÁRIA)
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

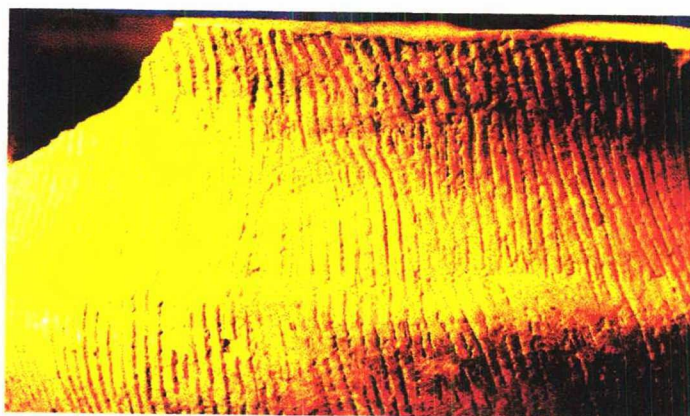


FIG. 64 - DETALHE DE CERÂMICA TIPO INCISO (URNA FUNERÁRIA)
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo Medeiros

A **tradição Tupiguarani**, cujo destaque é a cerâmica decorada por pintura, corrugado e escovado, ocorre ao longo da Faixa Costeira do Brasil.

Tal tradição apresenta variantes na combinação de traços, porém pertencem a mesma cultura geral. As técnicas de decoração dessa cerâmica primitiva, compreendem pintura em vermelho e ou preto sobre engobe branco, engobe vermelho, corrugado, ungulado, ponteadado, inciso acanalado, escovado, etc. As formas dos vasos são muito variadas, vão desde de tigelas até grandes urnas carenadas. Chmys, Igor (1973:13)

Segundo o autor acima citado a tradição Tupiguarani foi dividida em três subtradições, caracterizadas respectivamente pela predominância das técnicas pintada, corrugada e escovada. Essas subtradições são compostas por diversas fases, cada qual característica de cada região .

Como o presente trabalho tem o objetivo de explorar os elementos gráficos da produção da cultura material deste povo, daremos ênfase somente as formas e aos tipos de decoração usada na cerâmica, porque foi o único que resistiu ao tempo. Assim mostra-se através das figuras 65 a 74, os diferentes tipos usados no litoral, segundo pesquisas dos museus arqueológicos.

Os detalhes dessas técnicas de decoração da superfície cerâmica, algumas são obtidas através da pressão dos dedos e das unhas e outras com o auxílio de instrumento com ponta (concha, bambu, pentes, etc.).

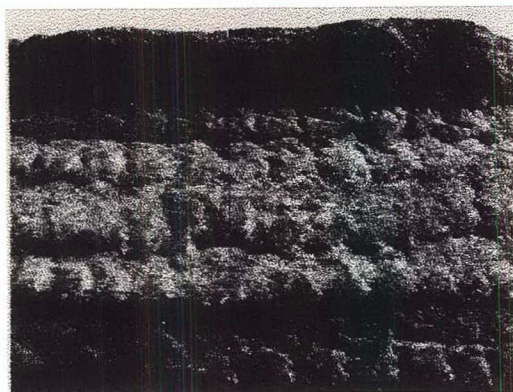


FIG. 65 - TIPO UNGULADO
 Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas
 Arqueológicas UFP : 1969

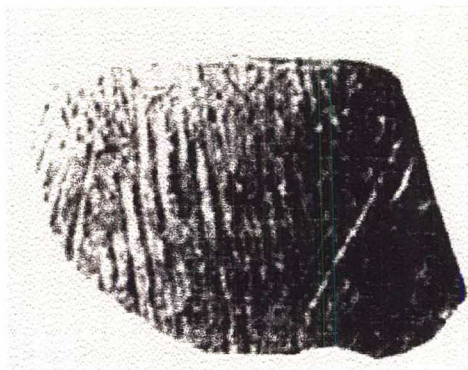


FIG. 66 - TIPO ESCOVADO
 Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas
 Arqueológicas : UFP 1969

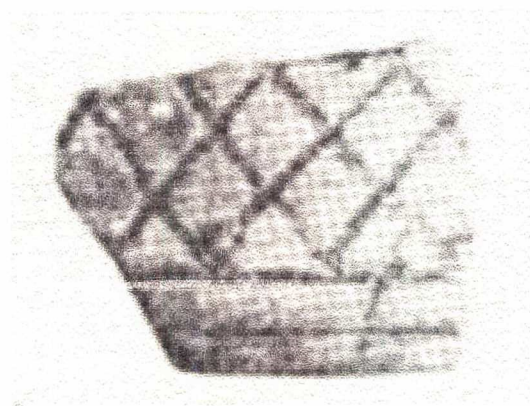
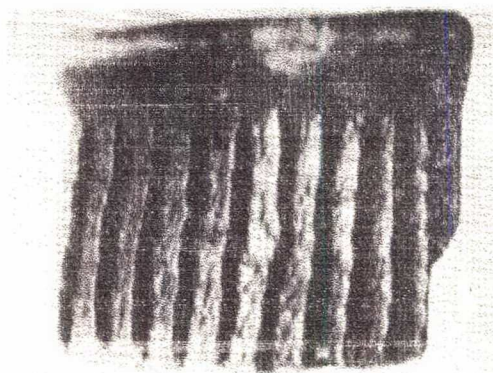


FIG. 67 - TIPO INCISO
 Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas
 Arqueológicas UFP



68- TIPO SERRUNGULADO
 Fonte: Centro de Ensino e
 Pesquisas Arqueológicas - UFP

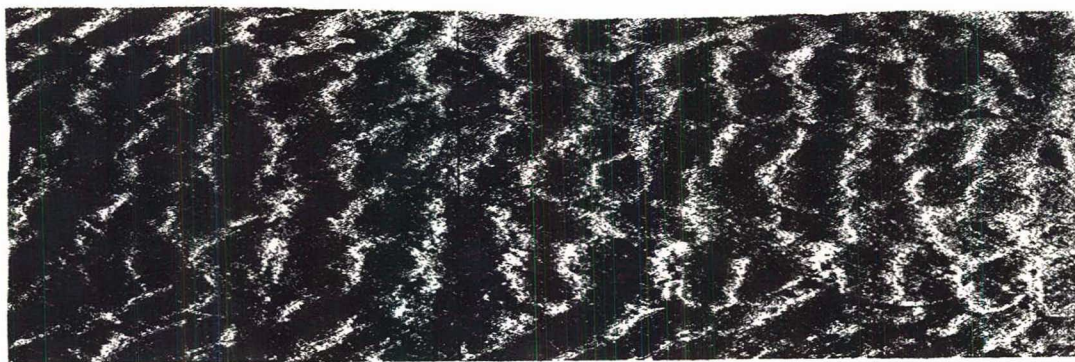


FIG.68 - CORRUGADO
 Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas -UFP : 1969

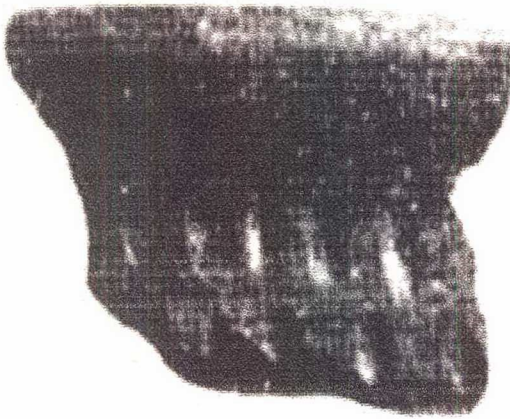


FIG. 70- TIPO DIGITADO 1
Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas UFP

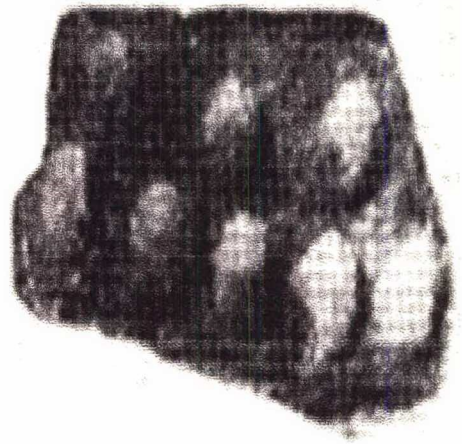


FIG. 71 - TIPO DIGITADO 2
Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas - UFP

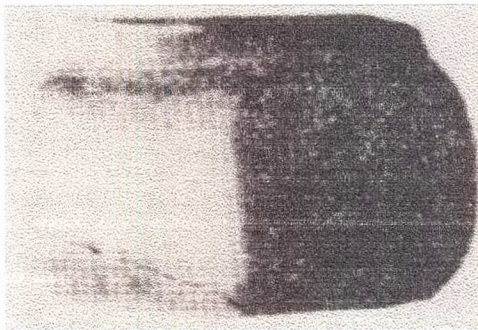


FIG. 72 - CANELADO
Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas UFP

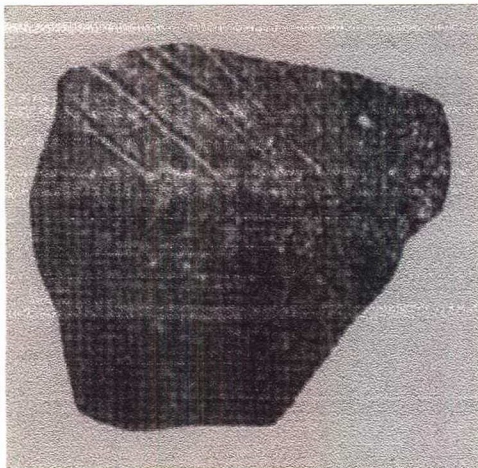


FIG. 73- DIGITUNGULADO
Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas UFP

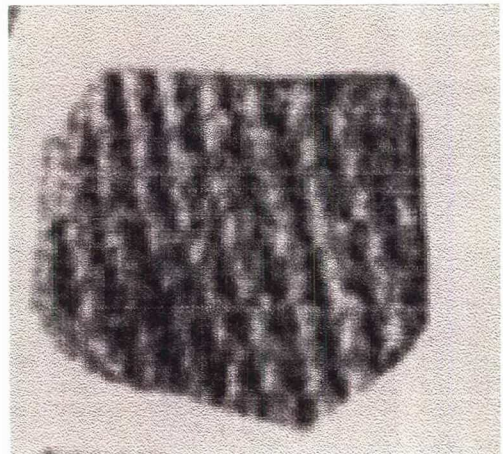


FIG. 74 - PONTEADO
Fonte: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas - UFP

O quadro 3 mostra alguns locais do litoral e os tipos de decoração utilizados em superfícies cerâmicas pelos índios.

QUADRO 3 - Decorações em Superfícies Cerâmicas no Litoral de Santa Catarina

Pântano do Sul	Corrugada, pintada e ungulada
Rio Tavares	Corrugada, Ungulada, simples, pintada e com engobo
Praia da Tapera	Corrugada, Angulada, incisa e escovada, pintada e com
Jaguaruna	Ungulada e ponteadada

É importante dizer que as fases cerâmicas pesquisadas nos vários sítios arqueológicos do litoral de Santa Catarina, segundo Piazza, (1983), podem ser situadas como **tradições regionais** que são as composta pelas fases: Xaxim, Ibirama, Araquari e Pirai e a de tradição Tupiguarani, que são as compostas pelas subtradições: pintada, corrugada e a escovada.

Fases de Tradições Tupiguarani: Fase Itapocu, Fase Jurerê, Fase Gaiúba, Fase Mondaí, Fase Itá, Fase Ipira, nessas fases foram encontradas os tipos de decoração mostradas anteriormente através das figuras de números 633 a 72.

As formas desses recipientes cerâmicos variam desde pequenas tigelas até urnas funerárias de tamanhos considerados grandes (até 60 cm de diâmetro).

A expressão desenvolvida pela cultura indígena, não só na produção cerâmica, mas também no grafismo corporal, pode oferecer diversos padrões gráficos e desencadear novos estudos. Estimula-nos explorar estes recursos, pois significa uma maneira alternativa de contribuir para preservação do pouco que restou desta cultura. Buscar padrões gráficos dentro destas manifestações, talvez não reconstitua aspectos formais ou psicossociais dessa população, mas trata de reconhecer a capacidade expressiva e criadora do homem do litoral de Santa Catarina, seu valor estético e cultural da época.

Ainda em relação ao índio, encontramos na região da grande Florianópolis a reserva indígena do Maciambú. Neste local um pequeno grupo de pessoas (cerca de sessenta), desenvolve expressivo artesanato de trançados em taquara. Observamos, contudo, que nesta produção existem influências do homem branco tais como, no formato, nas cores, bem como no uso da matéria prima. Este tema será tratado mais especificamente no item Produção do Homem Atual.

Como já visto, a cultura do homem dos sambaquis e dos índios carijós, foi a cultura que envolveu e influenciou a tecnologia deste período. O quadro 4 abaixo, mostra de forma resumida o que o homem produziu antes da colonização.

QUADRO 4 - Produção do Período Pré-Colonial

HOMEM DO SAMBAQUI	ÍNDIOS CARIJÓS
PRODUÇÕES	PRODUÇÕES
Inscrições Rupestres *	Cerâmica Utilitária, Vasos, potes
Instrumentos de corte,	Urnas Funerárias
Adornos	Adornos
Instr. Utilitários para coleta e pesca	Instrumentos, caça e pesca
MATERIAIS	MATERIAIS
osso e pedra	em cerâmica, pedra, madeira e fibras naturais

**Não há constatações de que o homem do sambaqui seja realmente o autor das inscrições rupestres*

Encontrou-se na produção deste período nos objetos utilitários e decorativos, nos instrumentos em osso ou pedra, uma variedade de possibilidades de trabalhar elementos gráficos como: as linhas, as formas, as cores e as texturas. Na matéria prima dos objetos temos, características gráficas que utilizadas sob seus aspectos naturais ou reestruturadas graficamente em novos estudos, podem constituir grande fonte de inspiração para o desenvolvimento de estudos de padrões gráficos.

Desta forma, entende-se que a cultura material do homem representativo dos sambaquis e dos sítios arqueológicos, os carijós, através das suas produções, podem trazer elementos que se bem elaborados graficamente, resgatam e caracterizam a cultura de um período longínquo, que faz parte da nossa história.

3.2 OCUPAÇÃO E PRODUÇÃO DO HOMEM DURANTE O PERÍODO COLONIAL

A ocupação do litoral de Santa Catarina esteve diretamente relacionada aos interesses de navegadores estrangeiros, que utilizaram o litoral como ponto de apoio para chegar ao Rio da Prata, porta de entrada do império espanhol.

Até os meados do século XVII, o litoral era praticamente habitado pelos índios, não fossem os freqüentes naufrágios neste período, fazendo com que estrangeiros como espanhóis, portugueses e desertores juntem-se as comunidades indígenas do litoral.

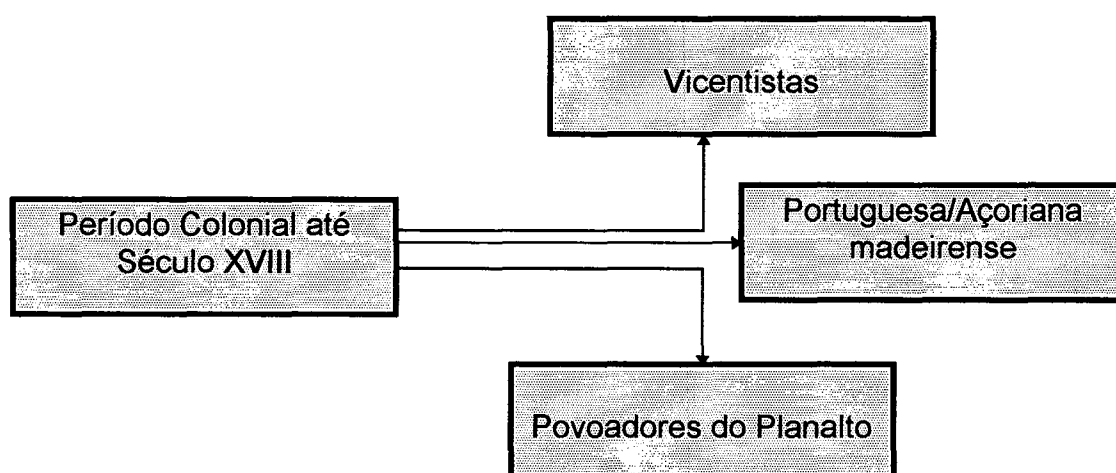
Com a fixação de portugueses (bandeirantes) no litoral do Brasil, desenvolveu-se forte lavoura de cana-de-açúcar. Havia porém, escassez de mão de obra e este fato fez com que as expedições de caça ao índio se deslocassem para o estado de Santa Catarina. Destas incursões paulistas tem-se como resultado, as fundações vicentistas, fato importante que vai marcar a história do litoral de Santa Catarina.

Porém, foi somente em meados do século XVIII, que os vicentistas iniciaram o processo de colonização, o que viria resultar mais tarde, nas fundações de São Francisco, Florianópolis e Laguna.

Assim, após estes períodos de eventuais contatos estrangeiros, surge a tentativa da colonização do litoral, dentro da política de ampliação do território, empregado pela coroa portuguesa. Para facilitar o estudo abordaremos numa síntese o período de colonização em três diferentes tempos:

- a) O povoamento colonizador vicentista - litoral;
- b) A colonização portuguesa/açoriana madeirense - litoral
- c) O povoamento pecuarista/extratativismo ervateiro - planalto.

QUADRO 5- Colonizadores do litoral de Santa Catarina até o séc. XVIII



Este trabalho restringiu-se a exposição dos itens 'a' e 'b', por considerar-se que os mesmos estão relacionados na região do litoral do estado, área delimitada para o estudo.

3.2.1. O Colonizador Vicentista

Em meados do séc. XVIII, começam a chegar os primeiros colonizadores vicentistas, vindos provenientes da Capitania de São Vicente, com a intenção de expandir a ocupação do litoral sul brasileiro na tentativa de uma organização de produção.

O povoamento efetivo do litoral catarinense, teve início com a fundação de três núcleos ; São Francisco do Sul em 1658, por Manoel Lourenço de Andrade, Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, em 1672, por Francisco Dias Velho e Santo Antônio dos Anjos da Laguna, em 1684, por Domingos de Brito Peixoto.

Quanto a sua produção, não se encontrou referências de possíveis manifestações culturais. Acredita-se que pelo pequeno espaço de tempo de ocupação, dedicaram sua produção ao desenvolvimento da agricultura de subsistência. Este fato é bastante relevante, pois o isolamento das três vilas aqui existente, obrigava os colonizadores a serem auto-suficientes em sua produção.

Há possibilidades de algumas construções arquitetônicas erguidas entre o século XVII e início do século XVIII, sejam de autoria dos vicentistas, porém nenhum material bibliográfico foi encontrado de maneira a sustentar tal afirmação.

3.2.2. O Colonizador Açoriano Madeirense:

Em virtude das inquietantes questões políticas entre Espanha e Portugal, o litoral catarinense serviu de ponto estratégico para esta disputa territorial.

Portugal decidiu então, estabelecer dois tipos de bases de ocupação: uma demográfica-colonizadora e outra militar de sustentação. Usaram o princípio: “povoar para conquistar”. A prática deste princípio, trouxe uma forte gama técnico-cultural acumulada nas ilhas portuguesas, Açores e Madeira. LAGO, (1988).

Com essa decisão política de ocupação, em 1748, desembarcaram na ilha os primeiros grupos de famílias açorianas. MELLO, (1983). Os açorianos trouxeram para o litoral de Santa Catarina não só a força do seu trabalho como também a sua cultura, seus hábitos marcados por sua religiosidade, bem como a esperança de novas condições de sobrevivência. Entre as contribuições

açorianas à nossa cultura temos: a tradição de cobrir as ruas de flores em procissões, a renda de bilro, o carro de boi, o pau-de-fitas, os fandangos, etc...

Os colonizadores açorianos ocuparam praticamente todo o litoral catarinense . Fundaram freguesias como São Miguel, São José, Enseada de Brito e Santa Ana (Vila Nova e Mirim) no continente. Na ilha foram fundadas as freguesias de Nossa Senhora das Necessidades, Santo Antônio e Nossa Senhora da Conceição da Lagoa.

No século XIX, como consequência da evolução populacional, ainda na ilha ocorrem a fundação das freguesias de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, de São João Batista do Rio Vermelho, de São Francisco de Paula de Canasvieiras e da Santíssima Trindade.

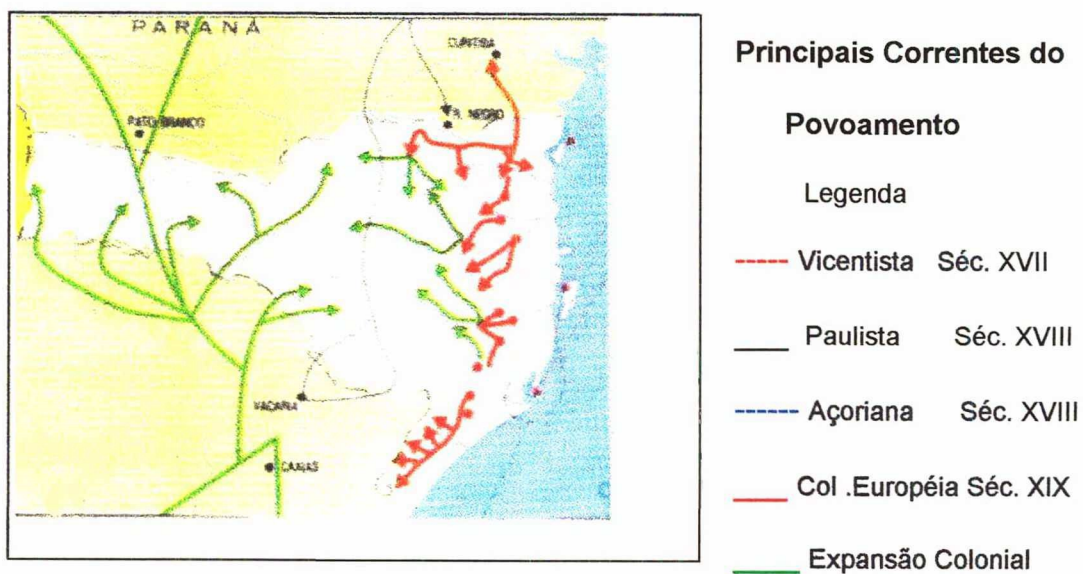


FIG. 75- MAPA DO POVOAMENTO

Fonte: Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento -SEPLAN/ SC Atlas de Santa Catarina 1986

3.3. PRODUÇÃO DO HOMEM DO PERÍODO COLONIAL

Os colonizadores desenvolveram atividades como: agricultura, pesca, cerâmica, tecelagem. Cultivaram o linho para a produção de tecidos, cujos teares eram feitos na própria comunidade. Os açorianos como experientes artesãos, desenvolveram a fiação e tecelagem de panos grosseiros e as rendas de notável sutileza estética. Porém, obtiveram maior sucesso na agricultura, no cultivo da mandioca, cultura adquirida da tradição pré-cabralina.

Dentro do processo de produção gerado por necessidades básicas de sobrevivência, encontram-se embutidos os aportes técnico-culturais de um povo. Muitas tradições, técnicas, usos e costumes, dos que viveram no litoral no período que vai até o início do século XIX resistiram ao tempo. Através da valorização de patrimônios históricos a expressão do homem colonizador, principalmente na arquitetura, recebe especial atenção de órgãos públicos e da comunidade, num esforço de resgatar e preservar a história.

Supõem os estudiosos da história de Santa Catarina, que as fortalezas foram construídas por elementos afros, índios e escravos antes dos açorianos aqui chegarem. Nas figuras abaixo pode-se observar a fachada de duas dessas fortificações.

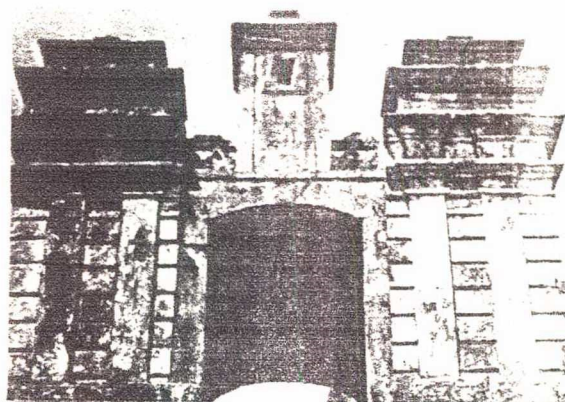


FIG. 76- FORTALEZA DE SANT'ANA ANTES DA RESTAURAÇÃO - FPOLIS

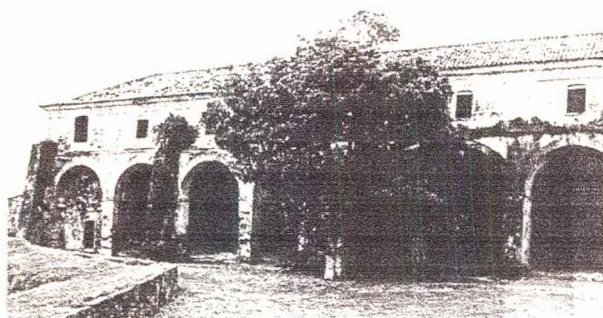


FIG. 77 - FORTALEZA NA ILHA DE ANHATOMIRIM - PÓRTICO DE ENTRADA - FPOLIS

O povo português em suas conquistas territoriais, ocasionadas principalmente por suas habilidades marítimas, adquiriu durante suas diversas viagens pelo mundo, conteúdos técnico-culturais de outros povos. No retorno de tantas viagens, esses navegantes trazem consigo características marcantes, principalmente estéticas, em objetos decorativos e utilitários. Inserem no processo de construção e na criação de seus produtos, elementos adquiridos em outras culturas.

Essas influências adquiridas, passam a integrar os conteúdos técnico-culturais na produção portuguesa, que na busca de novas técnicas e conhecimentos, levam consigo uma imensa bagagem de conteúdos (materiais e/ou psicossociais), adquiridos em diferentes partes do mundo.

Dentro do processo de produção, vimos que o homem evoluiu e buscou satisfazer as diferentes necessidades para sobreviver, buscou alimento para alma, alimento e proteção para o corpo .

Os açorianos desenvolveram instrumentos para caça, pesca e agricultura, objetos em cerâmica ou em madeira para o preparo e o acondicionamento dos alimentos, desenvolveram técnicas de construção de casas, de fiação, trançados e tecelagem do algodão, utilizando parte de seus conhecimentos trazidos da terra natal e adaptando técnicas as possibilidades existentes no seu novo habitat.

O quadro 6 a seguir, mostra a produção material desenvolvida pelo homem colonizador, geradas pelas necessidades básicas e desenvolvidas dentro das possibilidades e técnicas existentes na época.

Quadro 6 - Produção no período Colonial

Produção Durante a Colonização
Homem Colonizador(Caboclo)
PRODUÇÕES
Cerâmica utilitária(olarias)
Trançados em Algodão(rendas de bilro) Trançados em Algodão(Tecelagem)
Cestos e Balaios Trançados em Fibras
Instr. De Pesca(redes, tarrafas, embarcações)
Moradias(ranchos, casarios, constr. arquitetônicas)
Técnicas para obtenção de alimentos: Agricultura(mandioca e milho)
MATERIAIS
cerâmica, Algodão, fibras naturais, madeira, etc.

O quadro acima, refere-se ao homem colonizador, porém usou-se o termo caboclo para designar a influência de outras etnias existente na produção deste período. Como havíamos citado anteriormente, na produção do homem índio, muitas das suas alíquotas técnico-culturais foram transferidas ou reaproveitadas pelo homem colonizador, que a princípio sofre um processo de adaptação ao novo meio.

A seguir serão expostas de forma mais específica as diversas produções desenvolvidas no período colonial. Para facilitar a exposição dos dados, abordar-se o assunto na seguinte ordem:

- a) Produção de objetos para agricultura
- b) Produção de objetos para a pesca.

- c) Produção de utilitários
- d) Produção de objetos para proteção do corpo;
- e) Moradias e construções públicas.

a) Produção de objetos para agricultura.

Por imposição da coroa portuguesa, os açorianos cultivam o linho cânhamo, linho fino, anil, cochililha, trigo, chá, amoreira e bicho-da-seda. A agricultura era a preocupação econômica fundamental e a pesca era praticada de forma subsidiada à agricultura.

Destacou-se a mandioca e a cana pela importância econômica que representou, bem como por serem matérias primas de engenhos de farinha, de aguardente e de açúcar.. Mostra-se na figuras 77, exemplo desta produção.



FIG. 78 - ENGENHO DE FARINHA

Fonte: Museu de Antropologia da UFSC Foto: Rodrigo P. Medeiros

Nestes engenhos podemos encontrar uma gama de objetos, que caracterizam o processo de produção, moldados pela mão do homem colonizador. Parte da tecnologia dos engenhos foi trazida pelos portugueses. Conhecedores dos moinhos de vento adaptaram peças e engrenagens para utilização da força humana e posteriormente a força animal.

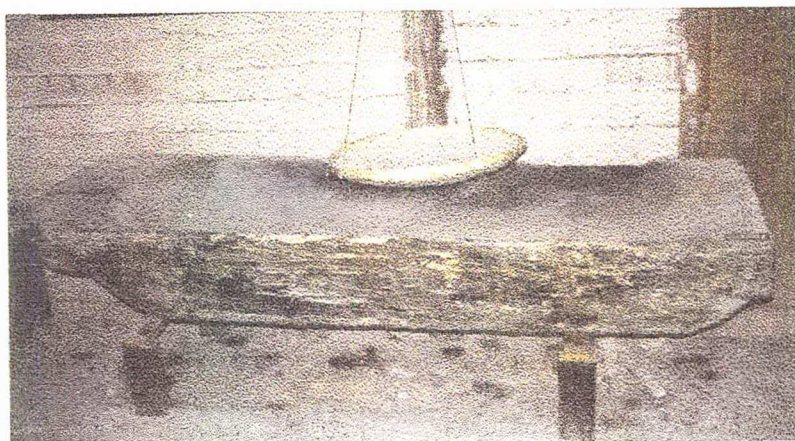


FIG. 79 - COCHO DE ENGENHO DE FARINHA
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

As peças dos engenhos de farinha eram confeccionados em madeiras de lei como: canela, peroba, jacarandá, ipê, jatobá e pau-ferro, bem como, outros produtos utilizados para confecção do carro de boi era confeccionado artesanalmente em madeira pelos colonizadores, figura 79.

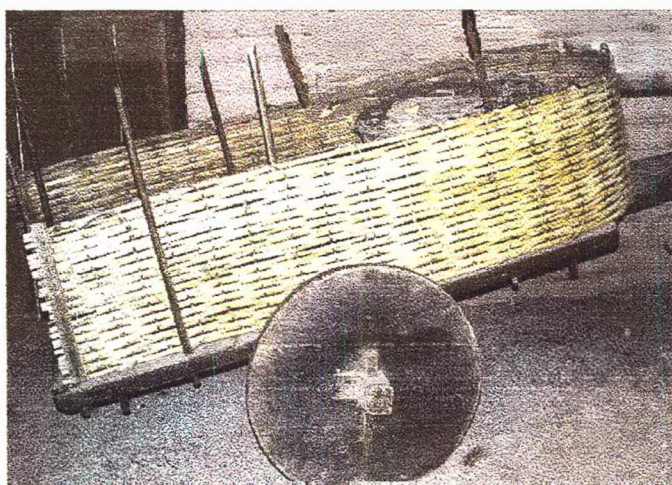


FIG. 80- CARRO DE BOI CONFECCIONADO EM MADEIRA E BAMBU
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

O rancho do engenho era construído com ripas de bambu ou madeira, entrecruzadas e amarradas com cipó preenchidas com barro, esta técnica é conhecida como pau-a-pique, como mostra a figura 80.

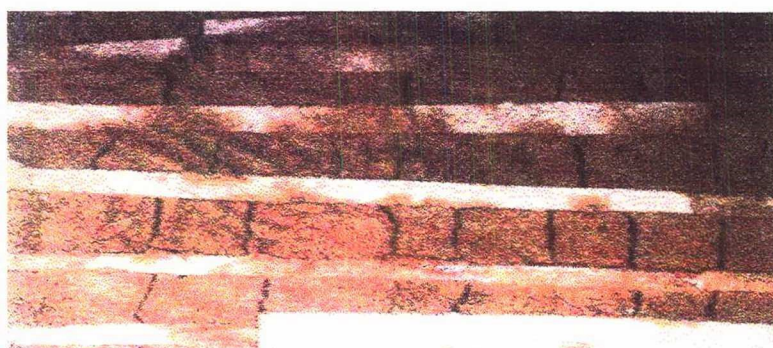


FIG.81 - PAREDE CONSTRUÍDA COM A TÉCNICA CONHECIDA COMO PAU-A-PIQUE
Fonte: Festa do Mar - Florianópolis - 1996
Foto: Leide P. Nascimento

Diversos outros elementos como as cangas dos bois, as rodas belandeiras e sevadeiras, fuso, tapitis, prensa, bolinetes, cochos de madeira, peneiras, forno e o silo, compõem os engenhos. Em todos estes elementos,

encontram-se possibilidades gráficas de formas, que podem servir de base para criação de componentes gráficos decorativos.

b) Produção de objetos para pesca

Embora muitos imigrantes fossem agricultores e tecelões, conheciam também técnicas de pesca. “Com os recursos florestais existentes na região, juntamente aos conhecimentos em construção de embarcações e boas ferramentas, puderam produzir seus equipamentos e suas as embarcações” (Lago, 1988: 76).

Todas as técnicas de captura e a confecção dos instrumentos ou objetos utilizados pelo homem colonizador relacionam-se ao contexto natural da região e foram desenvolvidos através da observação dos fatos e das necessidades do uso. Materiais e processos utilizados na pesca artesanal, pelos açorianos e seus descendentes.

Embarcações: Canoa de borda lisa (figura 82), Canoa bordada, lancha baleeira, remos, velas de pano, leme.

Madeiras das embarcações: Garapuvú branco e vermelho, cedro branco e vermelho, pau de bicho e figueira branca.

Redes: Rede de volta, rede de arrasto, rede cai-cai, redes de roda, redes de caceio, redes feiticeira.

Materiais das redes: Fibras de piteira de gravata, caroá, imbirá branca, imbiráçú, barbante de coco, bóias de corticeira na tralha superior e chumbos de areia na tralha inferior, poitas de pedra

Tintas utilizadas para tingir redes: Casca da aroeira, pau ferro, mangues charuto, caparoroca pelo processo de fermentação.

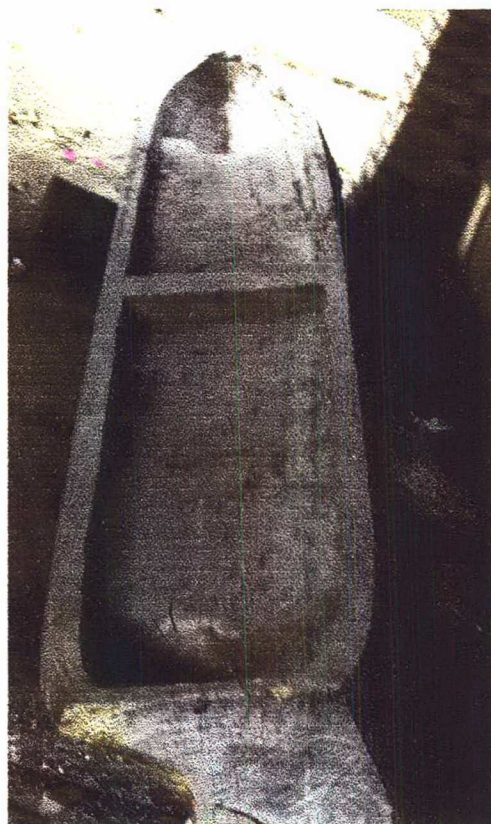


FIG.82 - CANOA EM GARAPUVU
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

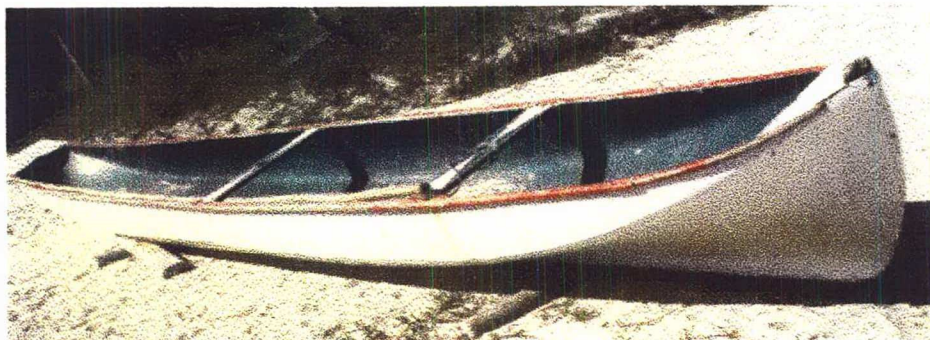


FIG. 83 - CANOA DE BORDA LISA - FLORIANÓPOLIS
Foto: Leide P. Nascimento

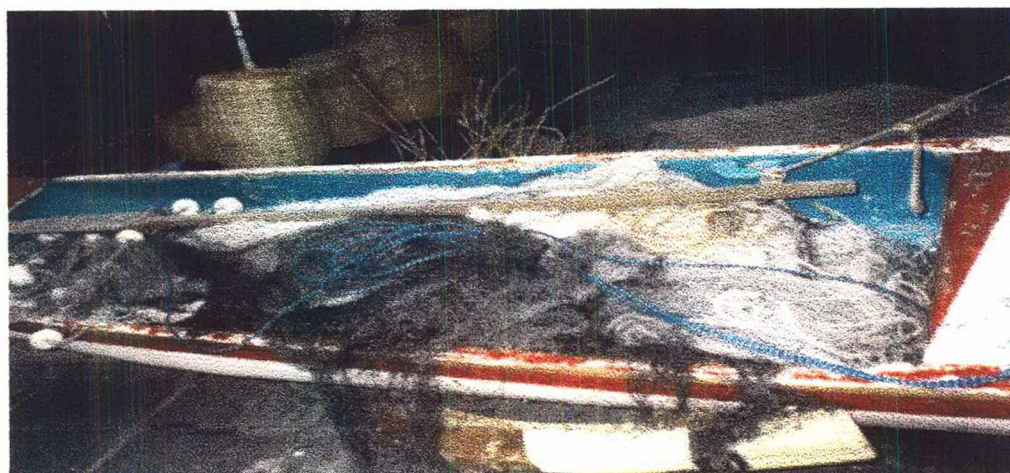


FIG. 84 - CANOA COM REDES E OUTROS EQUIPAMENTOS DA PESCA ARTESANAL
Fonte: Festa do Mar - 1996 - Florianópolis
Foto: Leide P. Nascimento

Todos estes elementos (canoas, redes, tarrafas, etc.), significam a habilidade e a tecnologia da produção do homem pescador no período colonial. Nestes produtos podemos encontrar bases para criação de novos grafismos. O trançado das fibras das redes de pesca, das cordas, dos cestos e balaios expressam variadas tramas de linhas, de tonalidade de cores e texturas. Nos

outros objetos como bóias, remos e embarcações encontramos também outras texturas, cores e símbolos aplicados nas superfícies dos barcos.

É na visualização e reestruturação dos elementos gráficos das produções citados acima, que podemos encontrar muitas possibilidades de padrões gráficos dentro dessas manifestações da cultura local.

c) Produção Utilitários

Os dados relativos a esta produção estão praticamente restritos a objetos cerâmicos. Não se desconsidera a existência de outros objetos, como louças em porcelana, vidro e metal, todavia, limitamos a exposição a objetos utilitários confeccionados em cerâmica, madeira e fibras naturais como o bambu e a taquara. Considera-se essas produções originárias da cultura do litoral e também, pela facilidade de acesso as informações e aos objetos . As figuras 85,86 e 87, mostram alguns exemplos desses utilitários em cerâmica.



FIG. 85- UTILITÁRIOS CERÂMICOS

Fonte: Museu de Antropologia da UFSC - Foto: Rodrigo P. Medeiros

A cerâmica tradicional conhecida em SC, teve suas origens com os colonos Açorianos, que localizaram-se na Freguesia de São José, na localidade de Ponta de Baixo. Confeccionavam toda a louça artística e utilitária que a população consumia. Produziam miniaturas como bichinhos, panelinhas, que eram brinquedos para crianças.



FIG.86 - CERÂMICA UTILITÁRIA - SÃO JOSÉ -SC
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros



FIG. 87- CERÂMICA UTILITÁRIA - SÃO JOSÉ -SC
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

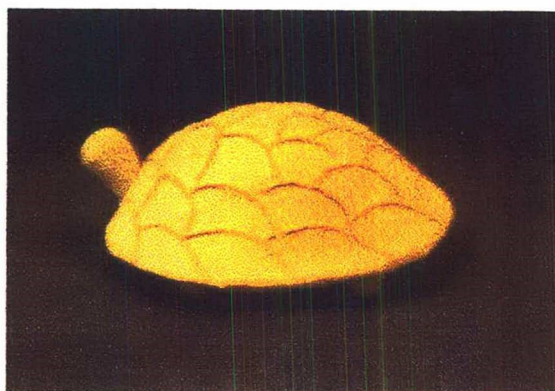


FIG. 88 - CERÂMICA DECORATIVA
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

d) Produção de Objetos para Proteção do Corpo

Nos objetos confeccionados para proteção do corpo, podemos relacionar tipos distintos de produção da cultura material. A necessidade de proteger o corpo contra agentes físicos (calor, frio, umidade, sol, vento, chuva), fazem surgir a busca de elementos que possibilitem a realização de atividades como a confecção de tecidos e a construção de moradias. Dentro destas produções temos:

- 1) Vestuário e outros elementos decorativos;
- 2) Moradias e construções públicas.

1) Vestuário e outros elementos decorativos

Era a mulher quem tecia as roupas para família. Teciam riscados para calças dos homens, panos para roupas de mulheres, toalhas, colchas, lençóis brancos e coloridos.

O enxoval da casa, era mais uma característica determinante de produção caseira desenvolvida pela mulher. Neste contexto encontramos a confecção das rendas de bilro, que até hoje é caracterizada como cultura material no litoral do estado.

Sabe-se que o processo de manufatura dos tecidos era feito desde o descaroçamento do algodão, passando pelo batimento, fiação através da roca ou roda de fiar e depois o tingimento. A partir deste processo era desenvolvida a tecelagem através dos teares manuais, neles confeccionavam panos finos e grosseiros. Os tecidos eram utilizados no vestuário, na confecção de tapetes, colchas e toalhas que atenderiam as necessidades domésticas. As figuras 88 e 89 mostram a confecção de mantas e tapetes, em tear manual.

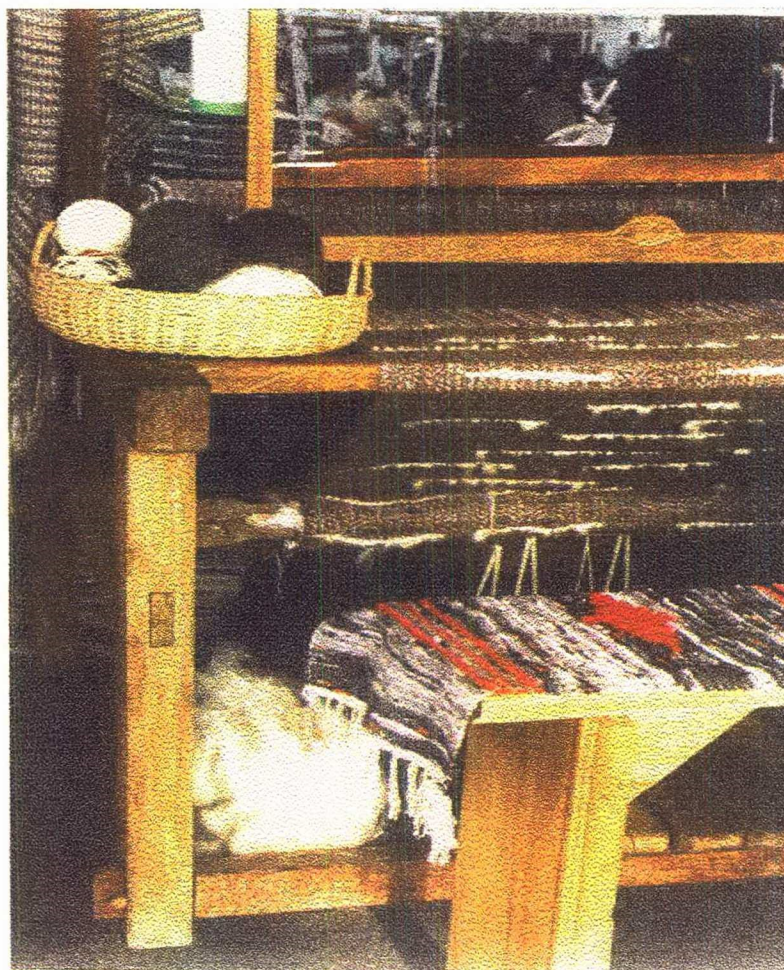


FIG.89 - TEAR MANUAL -
Fonte: Festa do Mar Florianópolis 1996
Foto: Leide P. Nascimento

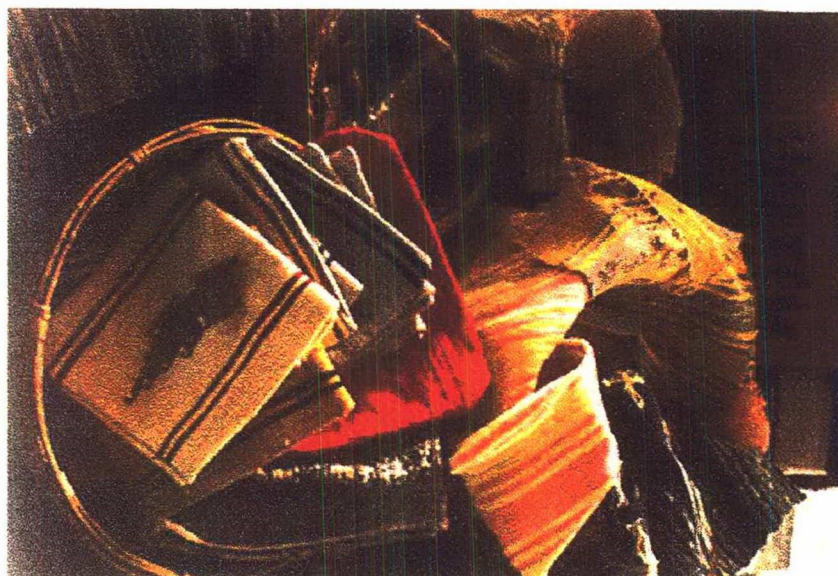


FIG. 90 - TECIDO CONFECCIONADO EM TEAR MANUAL
Fonte: Festa do Mar - 1996
Foto: Leide P. Nascimento

A trama de fios encontra-se inserida numa manifestação que resistiu a ação do tempo. Uma delas a renda de bilro é uma atividade artesanal de grande valor cultural, econômico e social, conhecida e desenvolvida nacionalmente.

Acreditamos ser esta atividade, uma das que oferece maior variação em componentes gráficos desenvolvidos no período colonial. Há uma riqueza de linhas e formas que podem oferecer uma diversidade de padronagens. As figuras 91, 92e 93, mostram alguns modelos mais antigos, as rendas da figura 94, já nem são mais confeccionados.

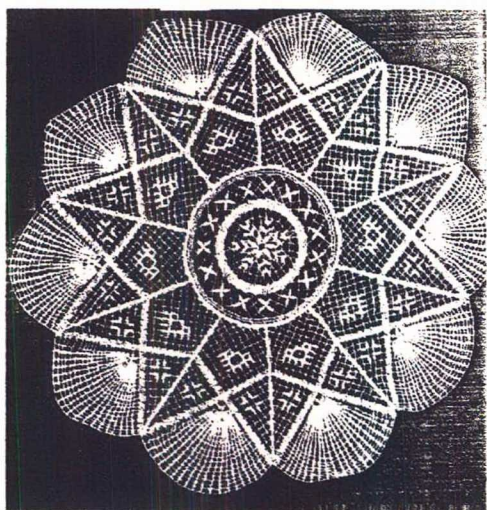


FIG. 91 - RENDA ESTRELADA COM BICO DE CONCHA
Fonte: Soares, 1987 - Florianópolis

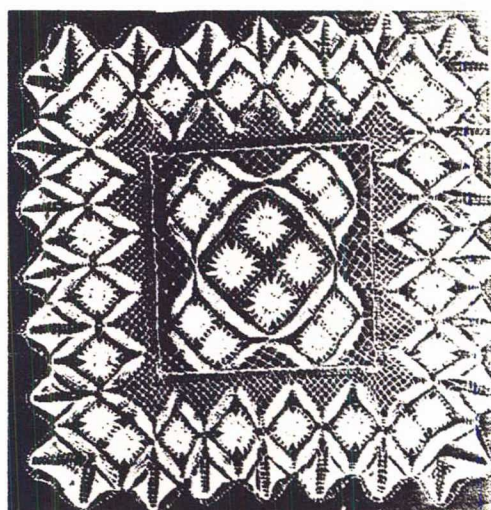


FIG. 92 - RENDA FOLHA DE CAFÉ
Fonte: Soares, 1987 - Florianópolis

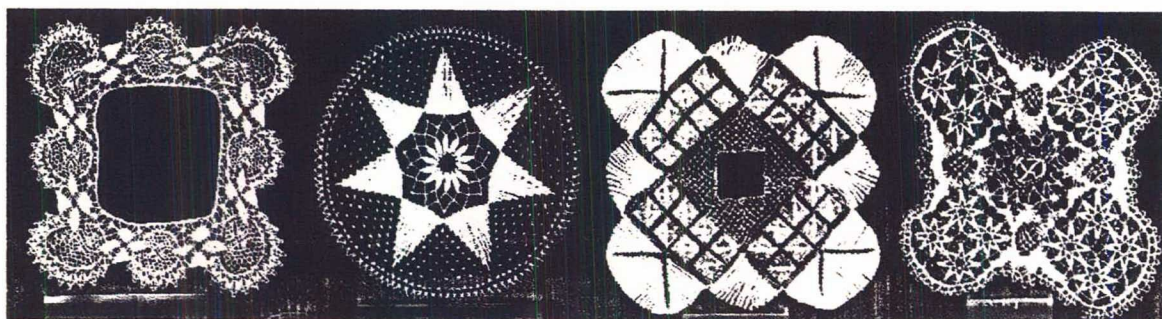


FIG. 93- TIPOS DE PICOS DE RENDAS: PEIXINHO, ESTRELA DE SETE PONTAS, RELEVO E SAPA
Fonte: Soares, 1987 - Florianópolis

Para confecção desta arte são utilizados materiais como fios, produzidos anteriormente pelas próprias rendeiras, substituídos com o tempo por fios de algodão industrializados; bilros de madeira que diferenciam-se por suas variadas formas, acabamento e tamanhos, os mesmos confeccionados artesanalmente talhados em madeira; almofadas confeccionadas pelas próprias rendeiras, que vão servir de apoio para a renda e como base para se espetar os

alfinetes e os cartões perfurados que funcionam como moldes juntamente com os alfinetes que vão orientar o trabalho.

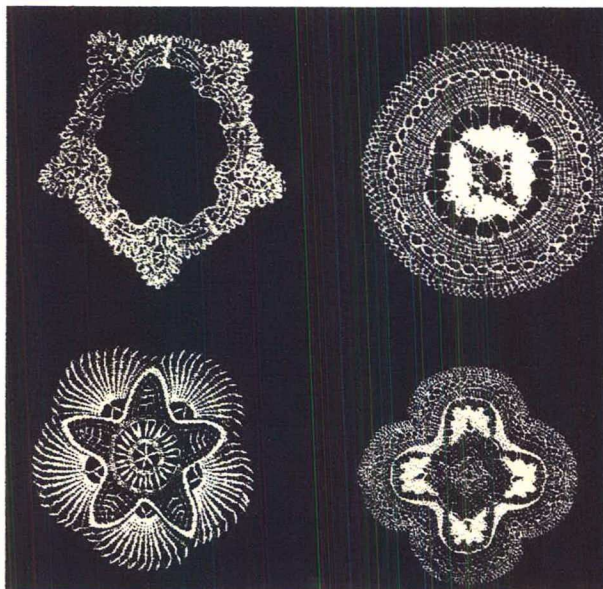


FIG. 94 - RENDAS RARAS - FPOLIS - SC
Fonte: Soares, 1987 -

As possibilidades de criação de padrões gráficos a partir da renda de bilros são muitas, dada a riqueza de elementos gráficos que a compõe. São elementos geométricos simétricos e assimétricos, símbolos e texturas.

2) Moradias e construções públicas

Segundo Veigas (1993), os primeiros edifícios da ilha (Florianópolis), foram possivelmente pequenos ranchos cobertos de palha. Com o passar dos anos as pequenas habitações, rústicas, “construídas de pau e barro”, com vãos e

coberturas rudimentares, foram sendo substituídas pela arquitetura portuguesa, em geral geminadas e edificadas sobre limites frontais dos lotes.

Estas primeiras construções, ainda podem ser encontradas na atualidade. Suas fachadas simplificadas com portas e janelas em madeira maciça, retas ou em arco abatido e telhado em duas águas, caídas para frente e fundos da casa, dão um caráter plástico bastante significativo a região litorânea de SC.

A intensificação do comércio influi nos padrões arquitetônicos, surgindo o sobrado e a casa térrea de uso misto, em meados do século XVIII. Estas construções seguiram os estilos das casas baixas, algumas delas com sacadas tipo guarda-corpo de ferro trabalhado, raras vezes guarnecidas com pinhas de vidro ou porcelana. As figuras a seguir mostram exemplos de casas e detalhes decorativos usados em portas e janelas no período colonial.

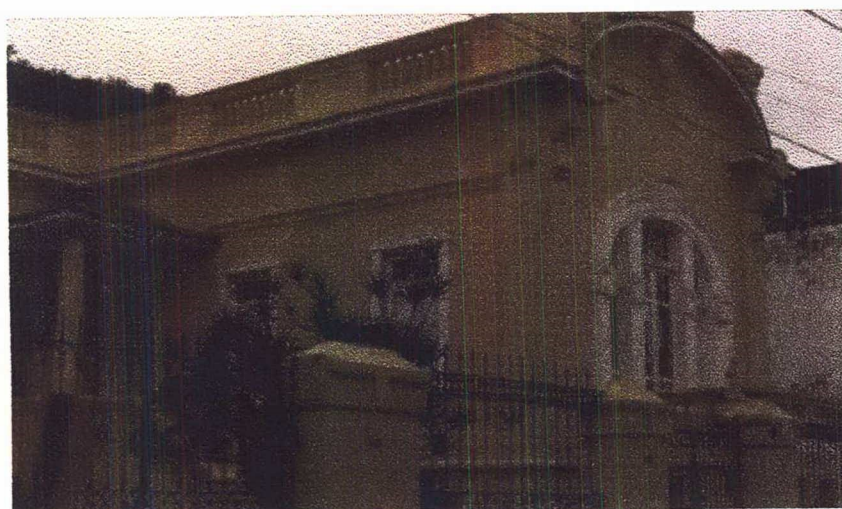


FIG.95 - CASA COM INFLUÊNCIA AÇORIANA - LAGUNA
Foto: Leide p. Nascimento



FIG. 96 - DETALHE DECORATIVO USADO NA ARQUITETURA DO PERÍODO COLONIAL
Foto: Leide Patrícia do Nascimento

Na segunda metade do século XIX aparecem diversos outros componentes na elaboração das fachadas. Elementos como janelas com guilhotinas e trancas, portas e janelas com bandeiras de vidros brancos e coloridos e caixilharias rendilhadas.



FIG.97- DETALHE RENDILHADO NA MADEIRA
Foto: Leide P. Nascimento

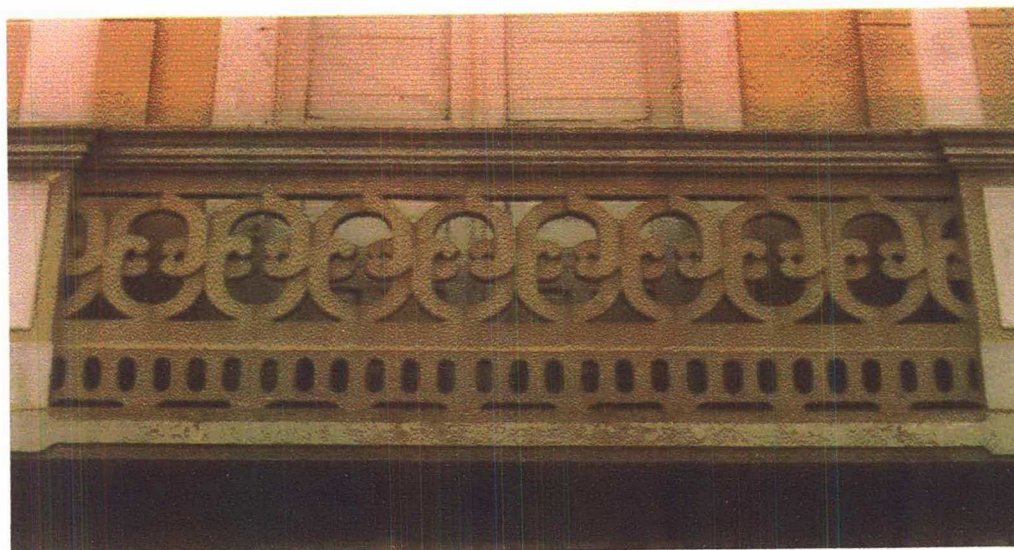


FIG. 98 - DETALHE DE SACADA
Foto: Leide P. Nascimento



FIG. 99- CASA COM INFLUÊNCIA AÇORIANA - LAGUNA
Foto: Leide P. Nascimento



FIG. 100 - CASA ANITA GARIBALDI - LAGUNA-SC
Foto: Leide P. Nascimento

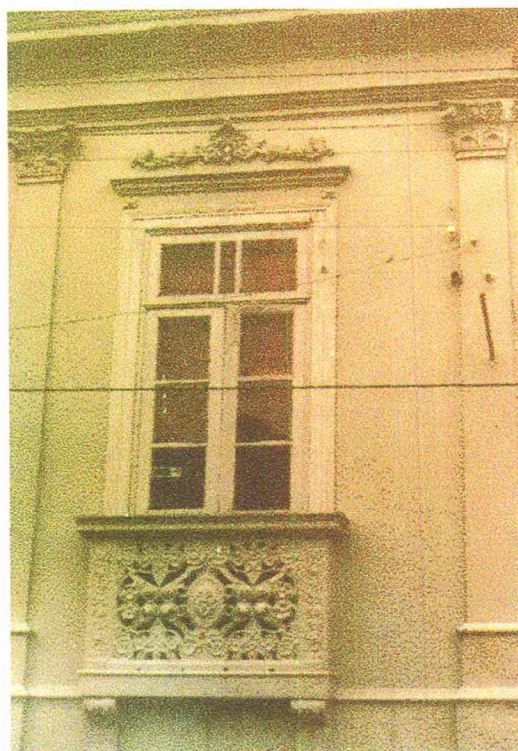


FIG. 101 - DETALHE DE PORTA COM SACADA
Foto: Foto: Leide P. Nascimento

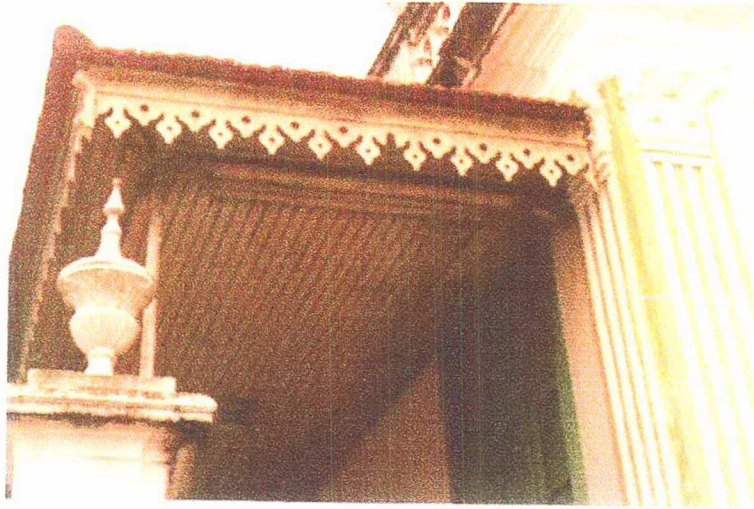


FIG. 102 - DETALHE DOS ELEMENTOS DECORATIVOS
Foto: Leide P. Nascimento

Na produção do homem do período colonial, percebe-se todo um contexto cultural adquirido pela influência de povos de raças diferentes, onde predominava os europeus, estes, forçados a se adaptarem ao meio, foram embutindo traços da cultura local (indígenas). A união dessas culturas materiais, é rica em elementos visuais como , linha, cor, forma textura e detalhes, com elementos decorativos diversificados e de valor expressivo significante.

3.4. OCUPAÇÃO E PRODUÇÃO DO HOMEM DO LITORAL DE SANTA CATARINA NA ATUALIDADE

Considera-se como atual o período relativo a segunda metade do século XX até os dias de hoje. E dentro deste contexto, pode-se dizer baseados em grandes historiadores, que Santa Catarina da atualidade é um estado que está em processo de homogeneização cultural.

Aqui vivem outros povos que se fazem representar em números menores, contudo, conservam as suas características bem definidas. São indígenas das tribos Xokleng e Kaingang, negros descendentes de antigos escravos, poloneses, ucranianos, suíços, irlandeses, espanhóis, italianos, alemães, sírios, libaneses, gregos, judeus e japoneses.

Santa Catarina é um mosaico étnico cultural formado por gente das mais variadas origens. Cada região com as suas características. No litoral, os açorianos caracterizam a paisagem humana, os alemães com as construções que lembram a Europa, caracterizam o Vale de Itajaí. No sul e no oeste os italianos estão presentes.

No planalto estão os descendentes de paulistas que muito se aproximam dos gaúchos quanto aos seus costumes caracterizados com o chimarrão, o poncho, o churrasco e o chapéu com barbicalho. Santos, (1977).

A região do litoral área de interesse deste trabalho, é onde mais se observa as diferenças de ser e agir, entre as gerações ou entre a população rural e urbana.

Talvez a própria beleza geográfica da região, a busca pela qualidade de vida, venha contribuir para essa miscigenação de raças. Os meios modernos de comunicação, a escolarização, e os aspectos econômicos e sócio-cultural, são fatores que contribuem para o processo.

No período atual, a produção industrial e o comércio, vem para substituir quase que totalmente as atividades artesanais manufatureiras, que foram a base econômica local durante o período colonial.

A tecnologia oferece ao consumidor a facilidade na obtenção dos produtos, que de certa maneira, vem para atender as necessidades de uma forma prática e mais acessível para o seu uso na vida moderna. O produto artesanal já não faz parte do dia a dia para o consumidor. A variedade de matérias primas, de instrumentos e objetos formam ao todo uma extensa fonte de objetos.

Em contrapartida a produção industrial, prevalece na atualidade, algumas atividades artesanais servindo como base de sustento a muitas famílias da região, enquanto outras se perderam no tempo. Esta produção sobrevivente, é direcionada praticamente para atender ao turismo, com exceção da pesca.

No quadro evolutivo da ocupação urbana, verificou-se que a partir da segunda metade do século XX, há uma maior concentração em determinadas localidades como, Blumenau, Joinville e Florianópolis.

A necessidade de sobrevivência destas pessoas não é diferente daquela, sofrida pelo homem antes e durante a colonização. O que mudou foram as condicionantes do meio, no qual o homem passa a adquirir seus bens de subsistência através de atividades profissionais em instituições públicas, empresas, fábricas, etc.

São nestas atividades profissionais, desenvolvidas na indústria, no comércio e no artesanato que encontrou-se a produção atual do homem.

3.4.1. A PRODUÇÃO DO HOMEM ATUAL

Nosso objetivo é expor algumas das atividades desenvolvidas na atualidade pelo homem do litoral de Santa Catarina, mais especificamente,

conforme delimitação assumida neste trabalho (cestaria, cerâmica, pesca). As figuras: 103 mostra uma cerâmica utilitária decorada, e a 104 uma cerâmica decorativa, a primeira de Florianópolis e a segunda de São José.

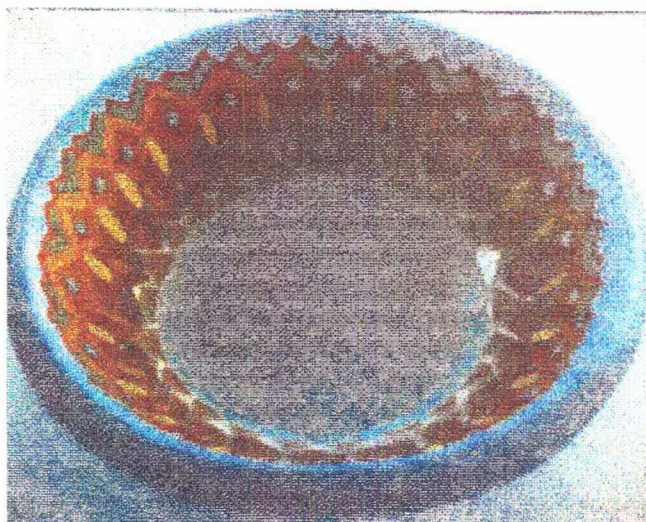


FIG.103- BACIA CERÂMICA DECORADA - FLORIANÓPOLIS

Fonte: Festa do Mar - Fpolis

Foto: Leide P. Nascimento



FIG. 104- CERÂMICA DECORATIVA

Fonte: Festa do Mar - Florianópolis

Foto: Autora

Nas produções artesanais herdadas dos açorianos permanecem atividades como a pesca, a confecção de redes, embarcações para a pesca, a renda de bilro, a cerâmica utilitária, a produção de farinha de mandioca, trançados de balaios e cestos. Abaixo (fig.105), uma artesã de trançado em fibra vegetal.



FIG. 105 - ARTESÃ DE CESTOS E BALAIOS
Fonte: Festa do Mar - 1996
Foto: Leide P. Nascimento

Os balaios estão sendo substituídos por utensílios de plástico, pois estes, além de mais resistentes possuem um menor custo. A dificuldade de encontrar a matéria prima, como o cipó e o bambu, o demorado processo de confecção e o preço final do produto tornam os cestos e balaios cada vez mais escassos.

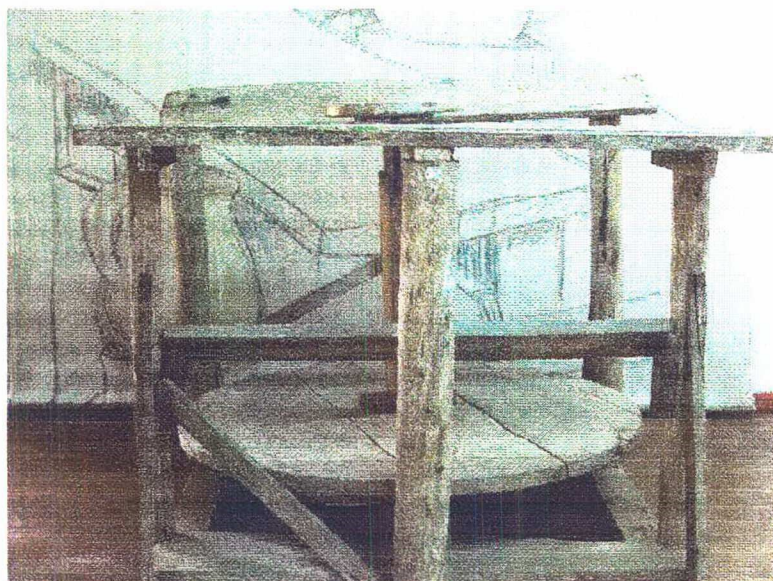


FIG.106 - MESA DE OLEIRO - SÃO JOSÉ -SC
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo Pereira Medeiros



FIG.107 - FORNO DE OLARIA - SÃO JOSÉ
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

Nas figuras 106 e 107, mostra-se uma mesa de oleiro e o interior de uma olaria respectivamente.

Destas atividades tradicionais que permaneceram, todas sofreram redução na produção pela influência do desenvolvimento urbano e tecnológico. É o que podemos constatar na confecção de redes, tarrafas, espinheis, etc.. onde o cordão de algodão foi substituído pelo nylon. Exemplos abaixo figuras 108 e 109

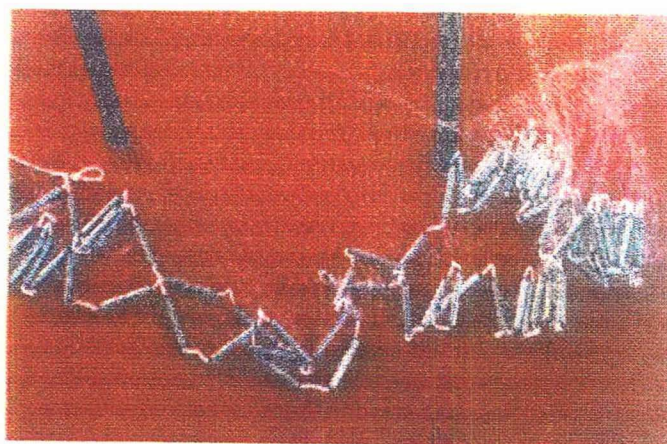


FIG. 108 - TARRAFA CONFECCIONADA EM NYLON

Fonte: Festa do Mar - 1996

Foto: Leide P. do Nascimento

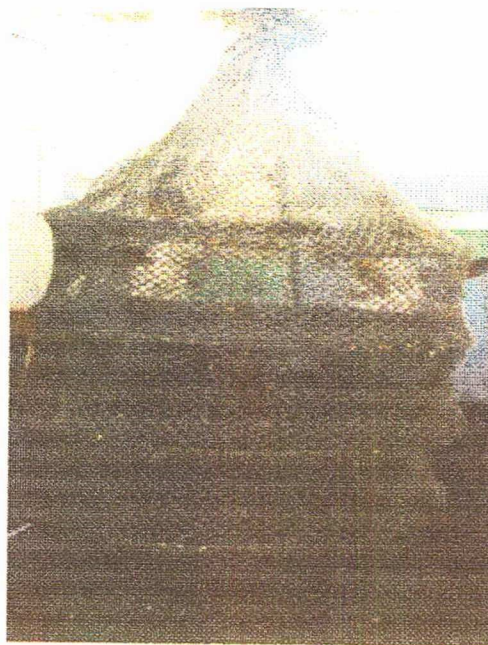


FIG. 109 - PUÇÁ

Fonte:Festa do Mar -1996 Florianópolis

Foto: Leide P. Nascimento

O considerável crescimento urbano traz consigo artesãos que vão desenvolver e comercializar diferentes produtos. Bordados, tecelagem, trançados indígenas, confecções em couro, esculturas e objetos em madeira, cerâmica utilitária e decorativa, papéis e objetos feitos de material reciclado, vidros decorados, tecidos tingidos e pintados, todos fazem parte de uma miscelânea que compõe a alíquota técnico-cultural da atualidade.

Todas as atividades acima citadas, contém em sua essência, padrões gráficos que representam visualmente variados aspectos. Constata-se que alguns dos grafismos atuais tendem a seguir modismos e a tecnologia como no caso dos balaios produzidos por índios. Sua confecção é em fibras naturais, porém as mesmas são tingidos através de corantes artificiais. Figura 110 e 111.



FIG.110 - CESTARIA INDÍGENA
Fonte: Semana do Índio - Exposição FAED
Foto: Leide P. Nascimento

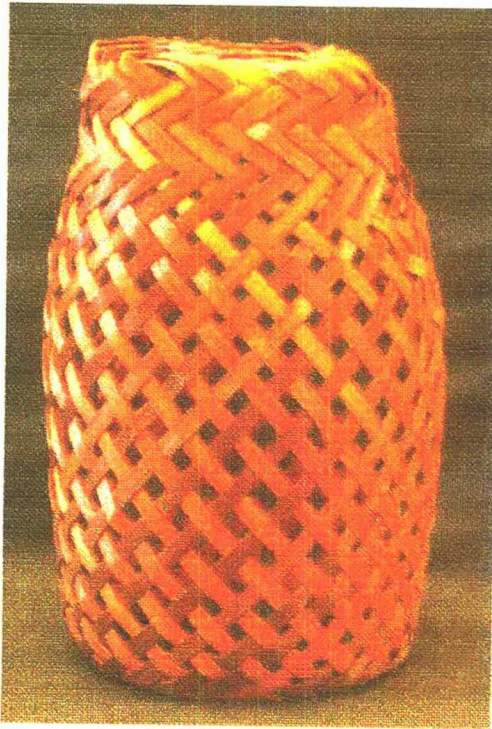


FIG. 111- CESTARIA INDÍGENA
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC FIG.
Foto: Rodrigo P. Medeiros

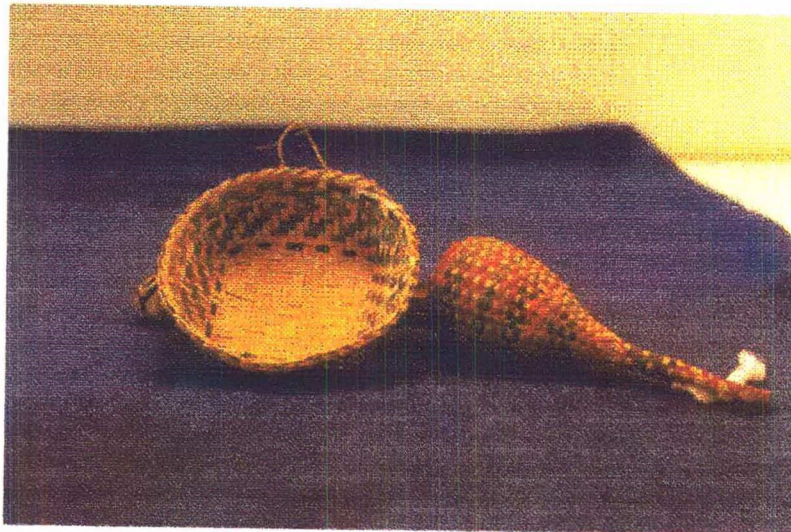


FIG. 112 - CESTARIA DECORATIVA
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros



FIG. 113- SACOLA INDÍGENA
Fonte: Museu de Antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

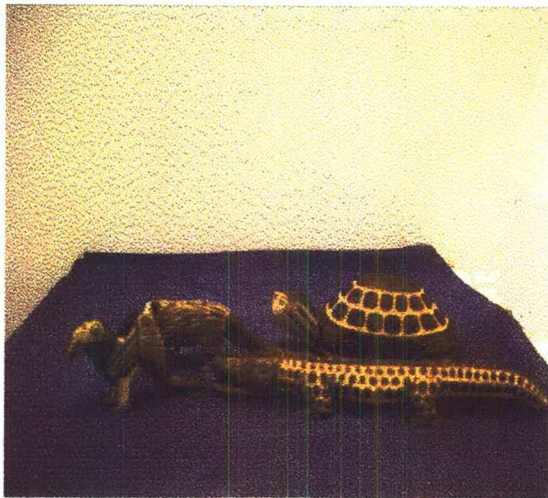


FIG. 114 - ARTESANATO INDÍGENA EM MADEIRA
Fonte: Museu de antropologia da UFSC
Foto: Rodrigo P. Medeiros

A foto 114 acima, mostra o artesanato indígena confeccionado em madeira.

Finalizando a exposição da produção do período atual, notou-se uma grande interferência cultural em todos os sentidos. Dada a expansão demográfica, houve uma diversificação das etnias culturais, trazendo influências umas sobre as outras. Além disso, a evolução tecnológica e todos os problemas culturais trazidos com a globalização do mercado consumidor contribuem para essa miscigenação cultural. Entretanto, permanece ainda que sufocada pelo progresso, a cultura primitiva trazida pelos seus fundadores e preservada pelos seus descendentes. É através da sua produção material que encontramos características fortes, que podem identificar elementos possíveis de serem explorados e representados como símbolo cultural.

Neste sentido, procuramos desenvolver estudos de possibilidades de padrões gráficos a partir dessa cultura, através de um processo de reaproveitamento ou reelaboração, dos elementos visuais expressivos, para constituir base de criação de novos grafismos possíveis de serem aplicados nas Indústrias de revestimentos cerâmicos podendo também ser aproveitado na indústria têxtil.

Ao concluir a exposição da produção da cultura material do litoral, é importante ressaltar um elemento que muito contribuiu para a evolução do homem

do litoral, o mar. Através dele o homem buscou alimento para o corpo e para a alma, evoluiu as suas técnicas, ampliou e modificou os seus padrões comportamentais.

Independente do período na relação homem/meio, o mar e seus elementos como peixe, conchas, etc. estiveram inseridos na sua produção não só como função alimentadora, mas também como função decorativa, permitindo ao homem a sua evolução social e cultural. Por isso, consideramos o mar um elemento indispensável na caracterização da cultura do litoral do Santa Catarina.

Neste sentido, buscamos também nos seres vivos do mar de Santa Catarina, elementos ricos graficamente, e possíveis de serem explorados nos estudos de exemplificação de padrões gráficos para o design cerâmico.

No capítulo a seguir, apresentaremos as propostas de padrões gráficos baseados no resgate da cultura do litoral de Santa Catarina.

CAPÍTULO IV

4. PADRÕES GRÁFICOS DESENVOLVIDOS COM BASES NOS ELEMENTOS VISUAIS DA CULTURA-MATERIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA, COMO EXEMPLOS DE CRIAÇÃO PARA O DESIGN CERÂMICO.

No estudo de padronagens gráficas que será demonstrado a seguir, procura-se mostrar através das imagens, a riqueza de elementos gráficos encontrados em objetos de cerâmica, pedra, madeira, cestaria e detalhes decorativos.

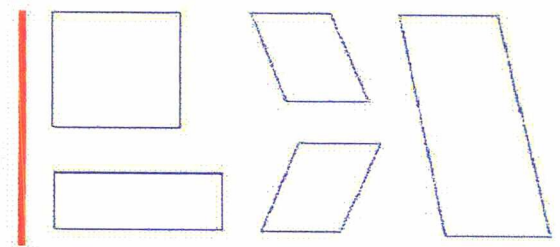
Procurou-se em cada período estudado (pré-colonial, colonial e atual), objetos expressivos visualmente, quer num detalhe, na textura, na forma ou no seu todo. A partir disso, estas imagens foram tratadas e exploradas através de recursos oferecidos pelo software Corel Draw 6.0.

Ao todo são doze recursos que oferecem diversas possibilidades de explorar uma imagem e criar novos padrões, baseados em outros pré-determinados. A partir desses pedaços ou blocos da imagem selecionados no formato de triângulos ou quadriláteros em tamanhos variáveis, obteve-se como resultado, variados grafismos compostos por blocos repetidos em diferentes posições, dispostos lado a lado ou invertidos em relação a eixos de simetria. A seguir relaciona-se de forma resumida estes processos.

TIPOS DE SIMETRIA

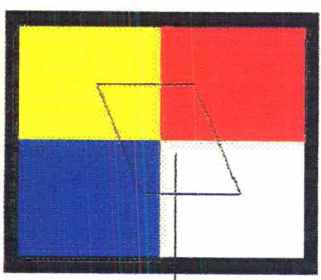
1 - TIJOLO DE OURO

Formato da seleção:
Quadrilátero com tamanho e inclinação variáveis



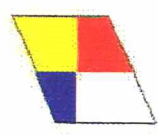
Ex:

Imagem

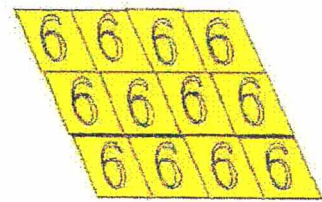


área selecionada

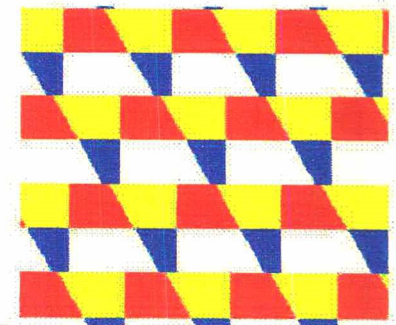
Padrão



Posicionamento

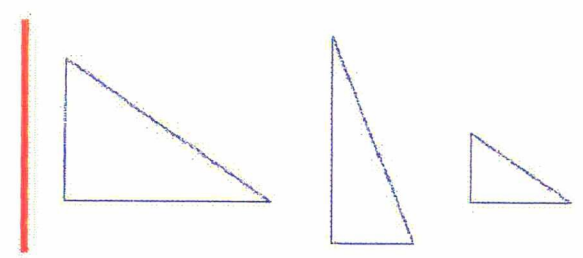


Resultado



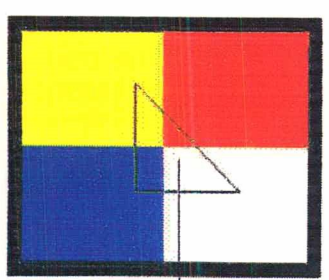
2 - PINÇA DE CARANGUEJO

Formato da seleção:
Triângulo retângulo de tamanho variável



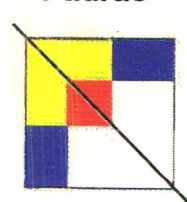
Ex:

Imagem

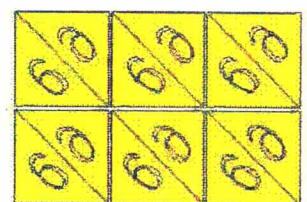


área selecionada

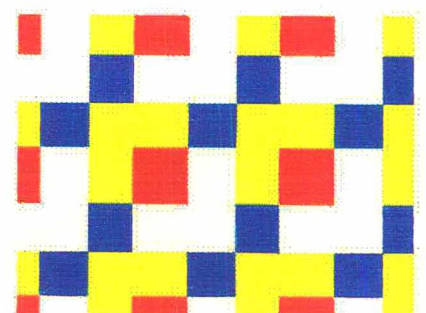
Padrão



Posicionamento

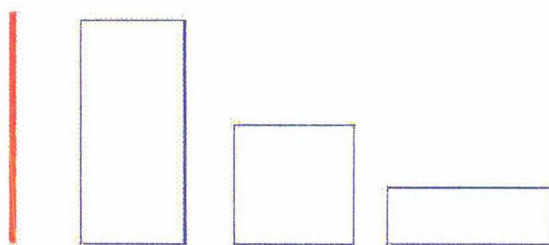


Resultado

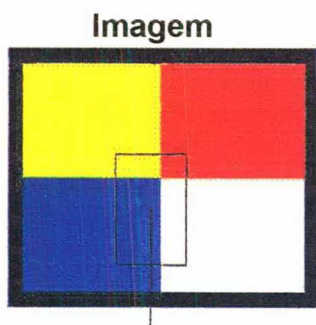


3 - ALAS

Formato da seleção:
 Quadrilátero de tamanho variável

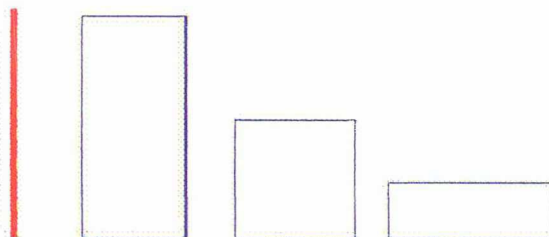


Ex:

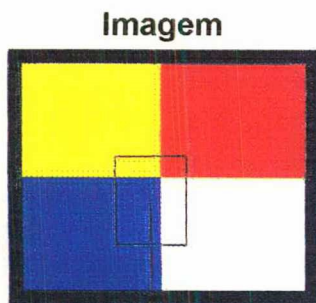


4 - HITHER E YON

Formato da seleção:
 Quadrilátero de tamanho variável



Ex:

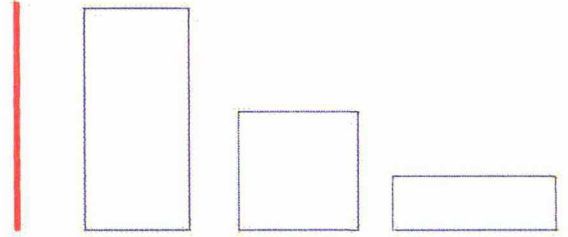


área selecionada

TIPOS DE SIMETRIA

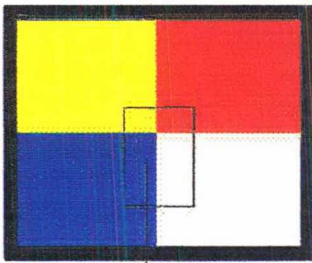
5 - TRUQUE DE CARTÕES

Formato da seleção:
Quadrilátero de tamanho variável



Ex:

Imagem

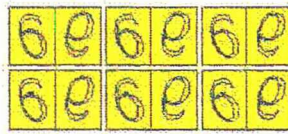


área selecionada

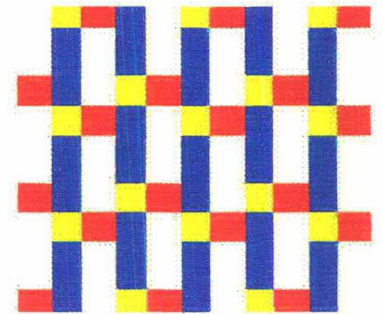
Padrão



Posicionamento

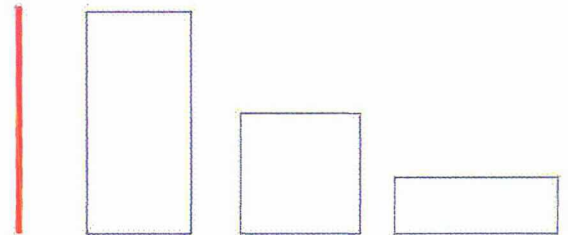


Resultado



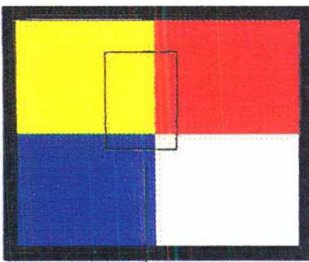
6 - MEL DE ABELHA

Formato da seleção:
Quadrilátero de tamanho variável

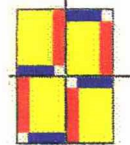


Ex:

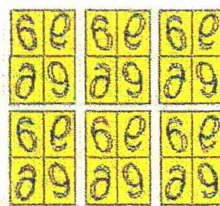
Imagem



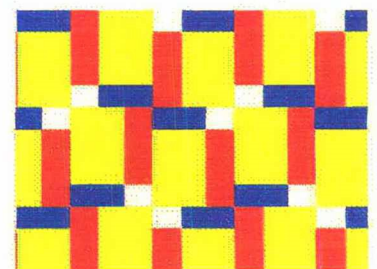
Padrão



Posicionamento

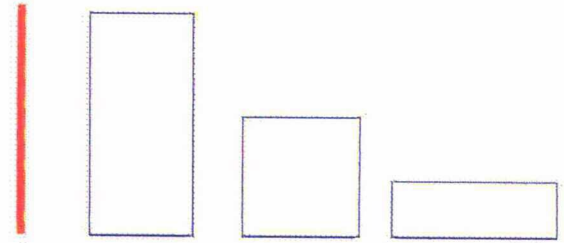


Resultado

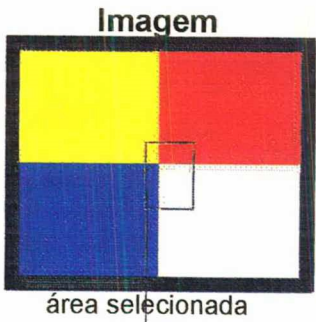


7 - PERA ESPINHOSA

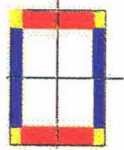
Formato da seleção:
 Quadrilátero de tamanho variável



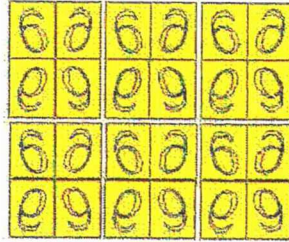
Ex:



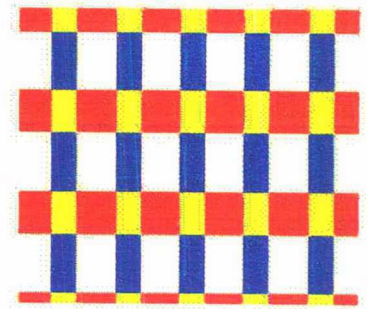
Padrão



Posicionamento

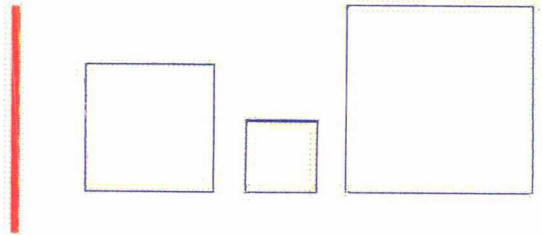


Resultado

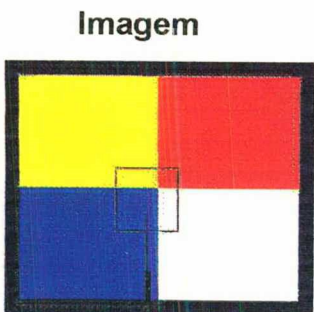


8 - PIÃO

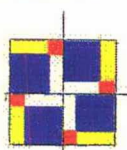
Formato da seleção:
 Quadrado de tamanho variável



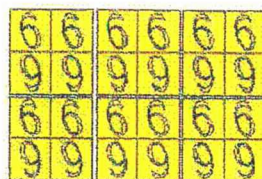
Ex:



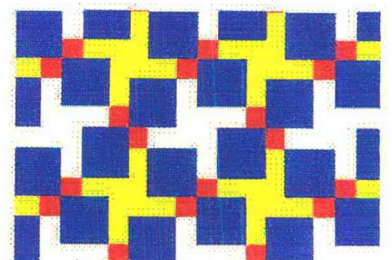
Padrão



Posicionamento



Resultado

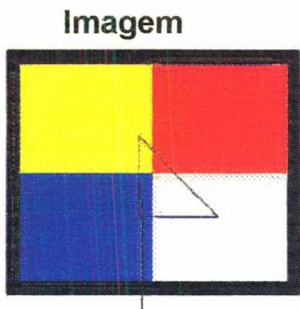
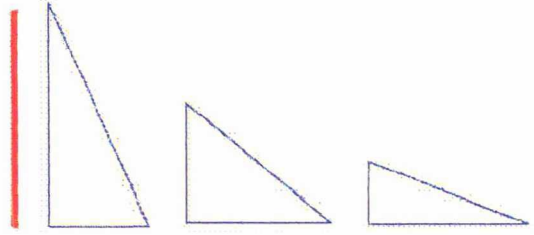


TIPOS DE SIMETRIA

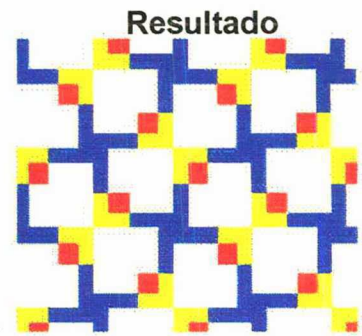
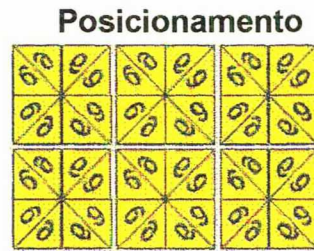
9 - CAMINHO DE PRÍMULA

Formato da seleção:
Triângulo retângulo de tamanho variável

Ex:



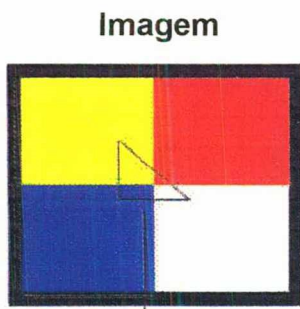
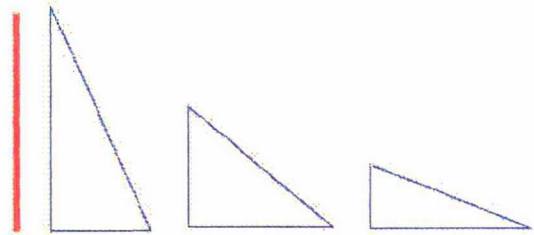
área selecionada



10 - GIRASOL

Formato da seleção:
Triângulo retângulo de tamanho variável

Ex:



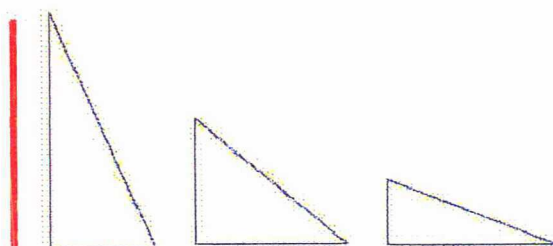
área selecionada



TIPOS DE SIMETRIA

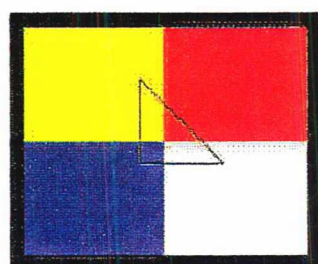
11 - TEIA DE ARANHA

Formato da seleção:
Triângulo retângulo de tamanho variável



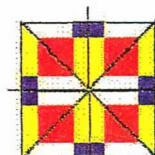
Ex:

Imagem

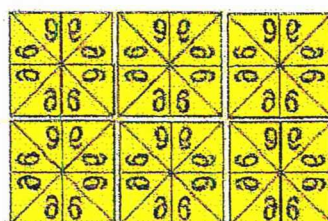


área selecionada

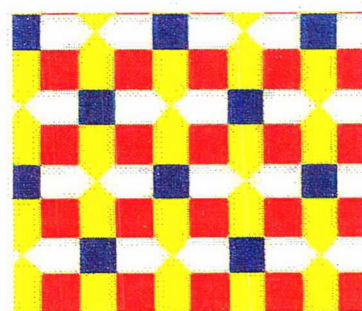
Padrão



Posicionamento

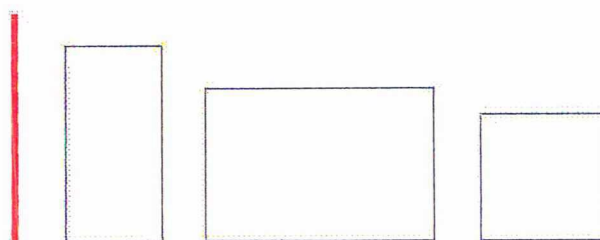


Resultado



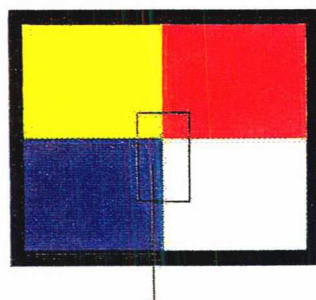
12 - RELÂMPAGO

Formato da seleção:
Quadrilátero de tamanho variável

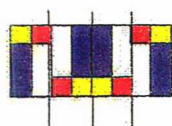


Ex:

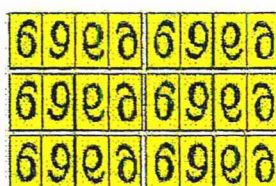
Imagem



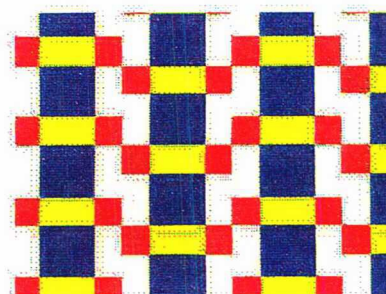
Padrão



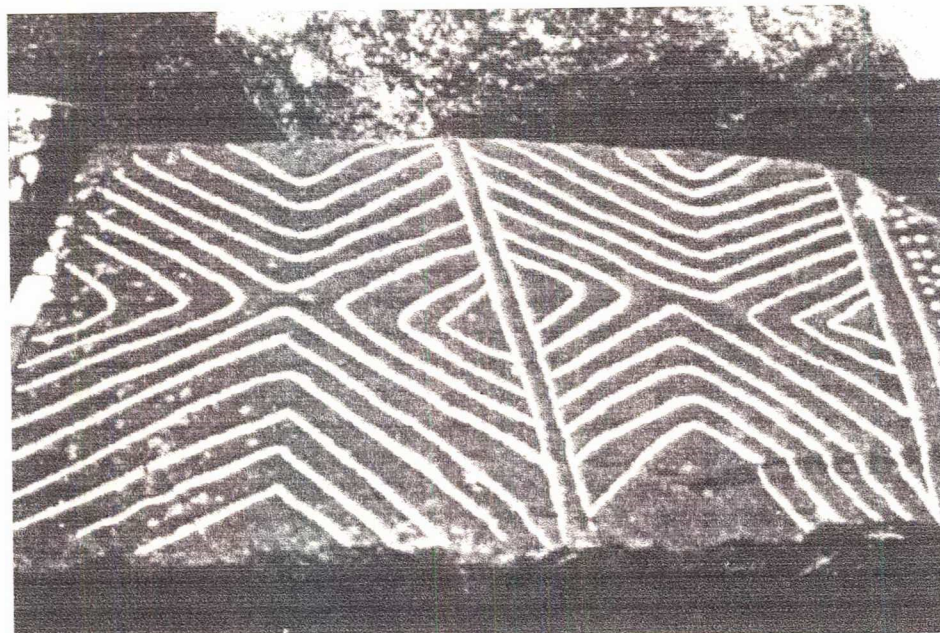
Posicionamento



Resultado



4.1. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CULTURA MATERIAL DO PERÍODO PRÉ-COLONIAL



FONTE: LUCAS, S.D.

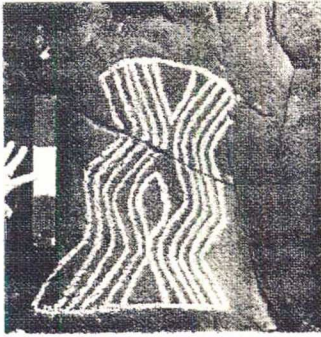
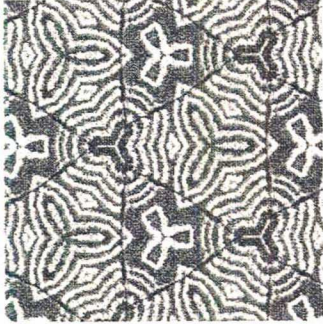
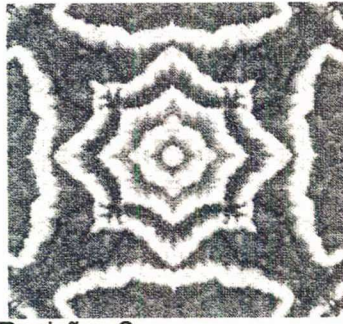


Figura 56

4.1.1. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NAS INSCRIÇÕES RUPESTRES LOCALIZADAS NO LITORAL DE SANTA CATARINA



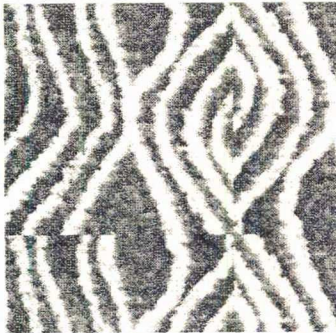
Padrão 1



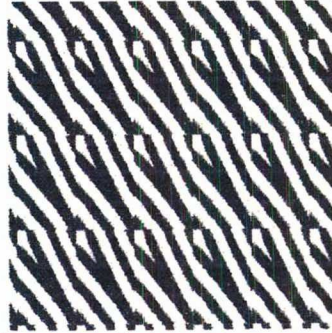
Padrão 2



Padrão 3



Padrão 4



Padrão 5



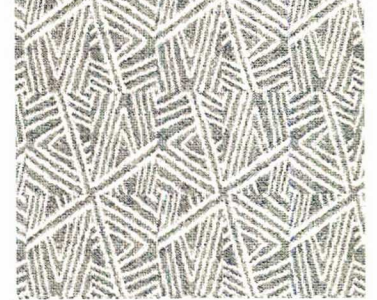
Padrão 6



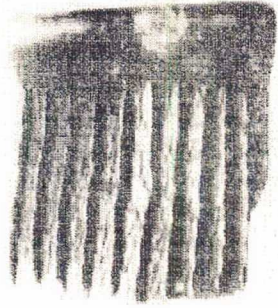
Padrão 7



Padrão 8

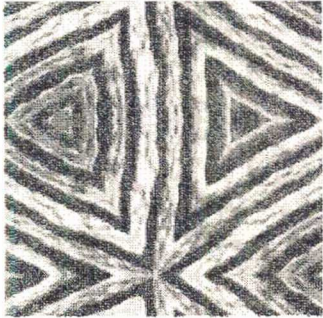


Padrão 9

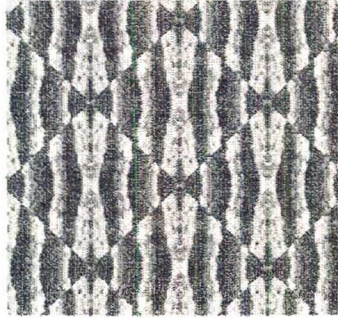


**4.1.2. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS
NA CERÂMICA DO PERÍODO PRÉ-COLONIAL
DO LITORAL DE SANTA CATARINA**

FIGURA 67



Padrão 1



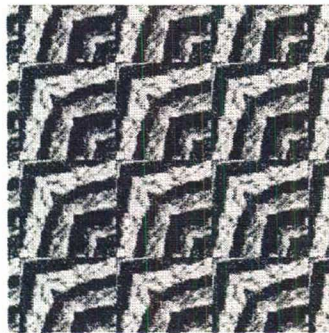
Padrão 2



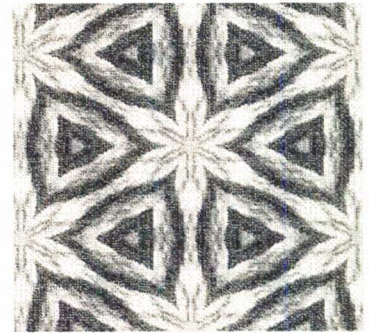
Padrão 3



Padrão 4



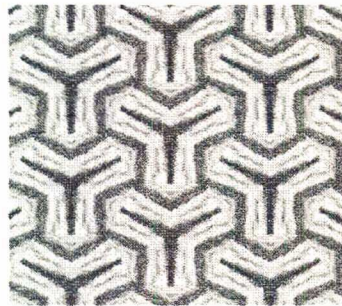
Padrão 5



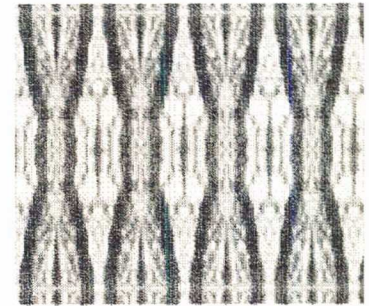
Padrão 6



Padrão 7



Padrão 8



Padrão 9

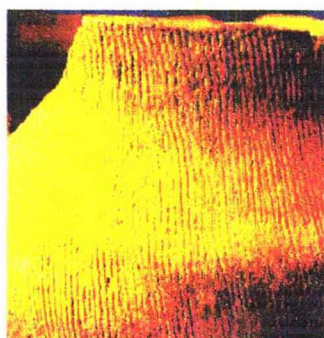
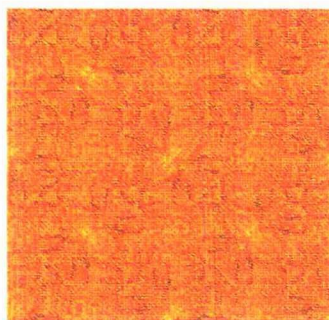
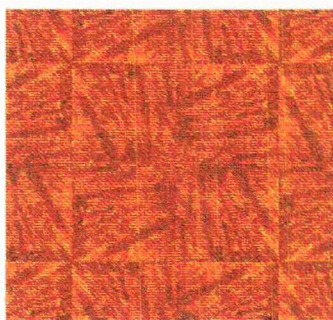


FIG. 66

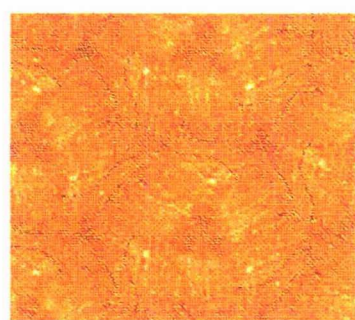
4.1.3. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CERÂMICA DO PERÍODO PRÉ-COLONIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA



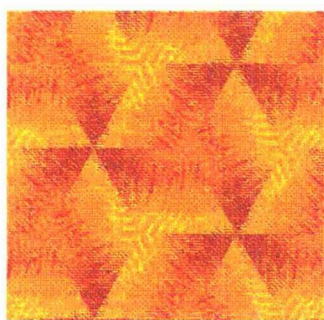
Padrão 1



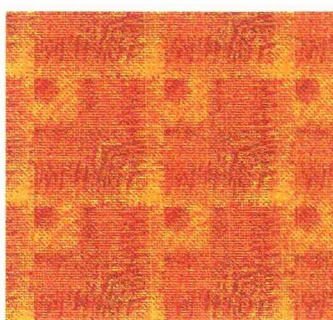
Padrão 2



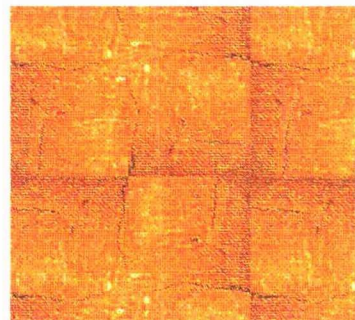
Padrão 3



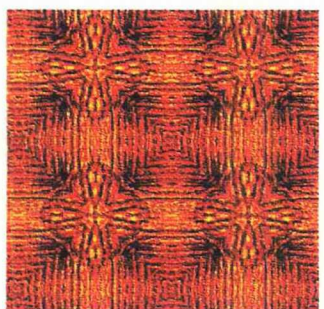
Padrão 4



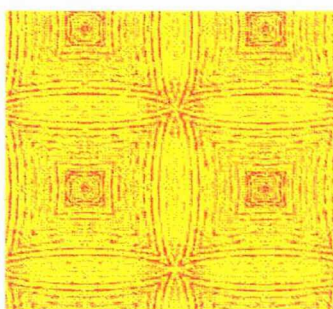
Padrão 5



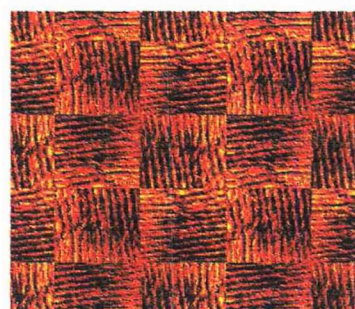
Padrão 6



Padrão 7



Padrão 8



Padrão 9

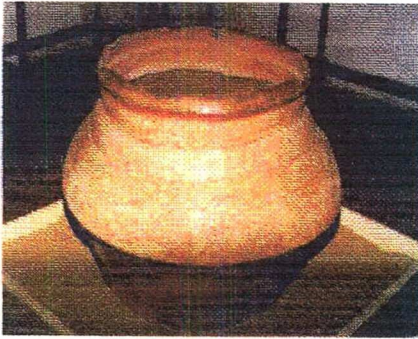
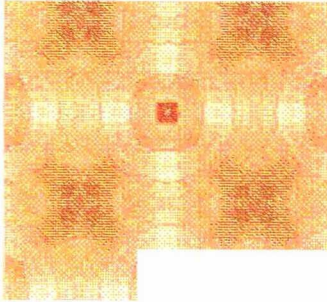
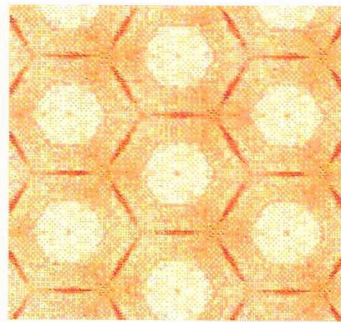


Figura 60

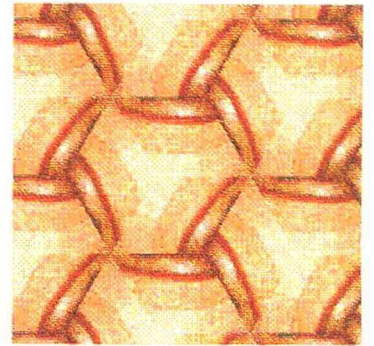
4.1.4. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CERÂMICA DO PERÍODO PRÉ-COLONIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA



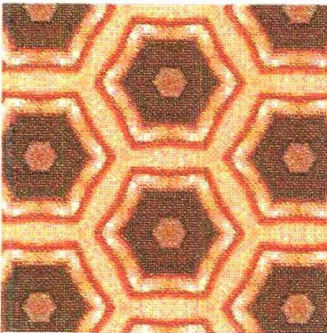
Padrão 1



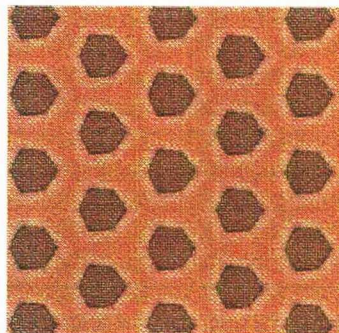
Padrão 2



Padrão 3



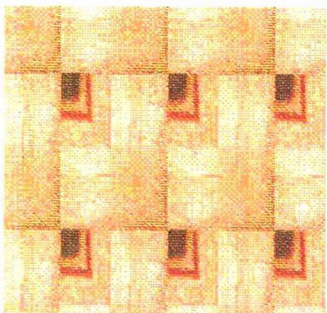
Padrão 4



Padrão 5



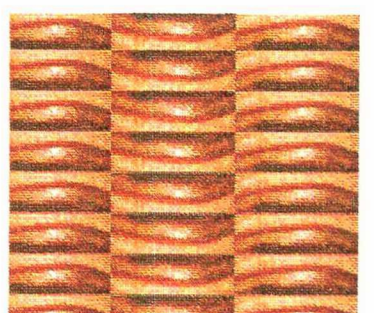
Padrão 6



Padrão 7

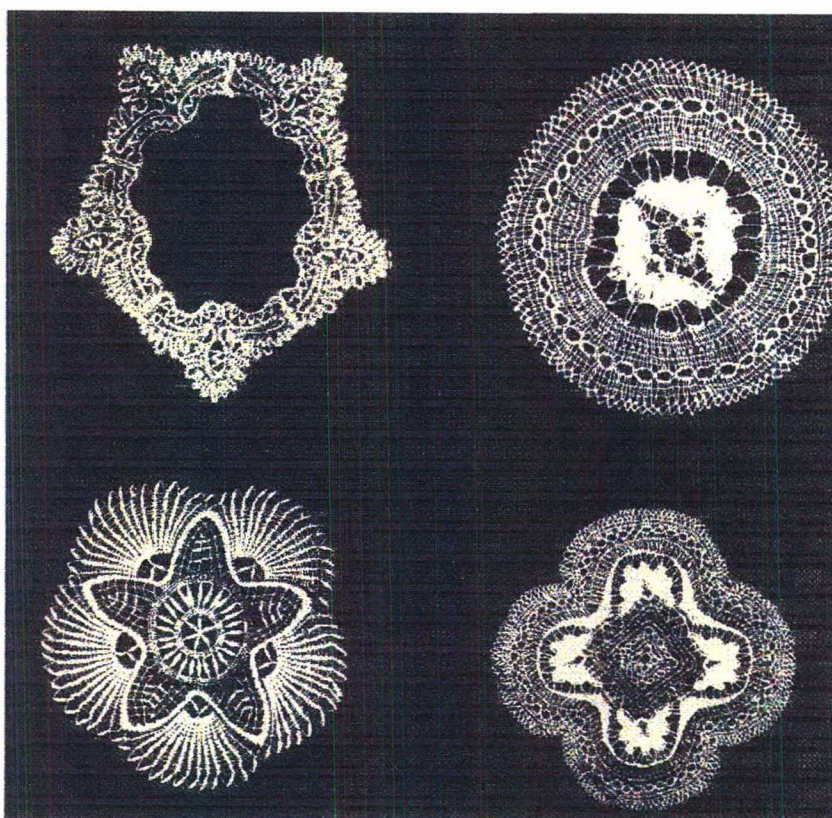


Padrão 8



Padrão 9

4.2. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CULTURA MATERIAL DO PERÍODO COLONIAL



FONTE: SOARES, 1983

4.2.1. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CULTURA MATERIAL DO PERÍODO COLONIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA

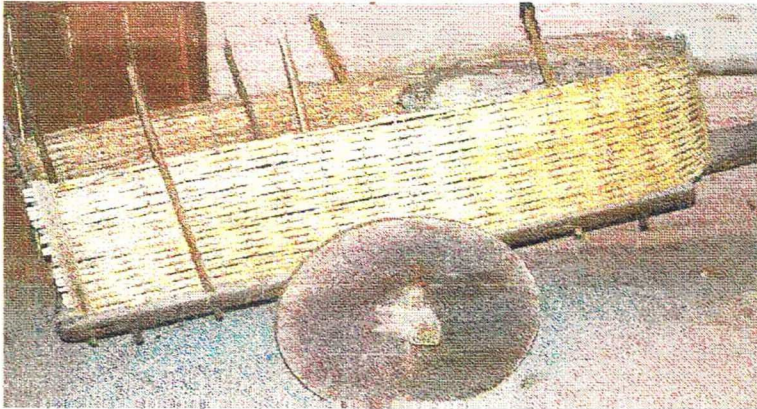


Figura 80



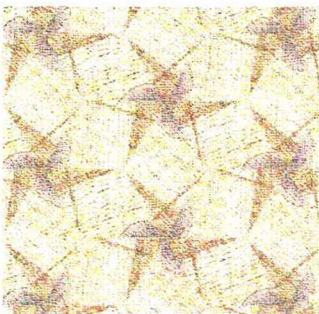
Padrão 1



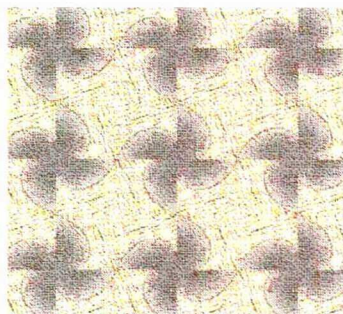
Padrão 2



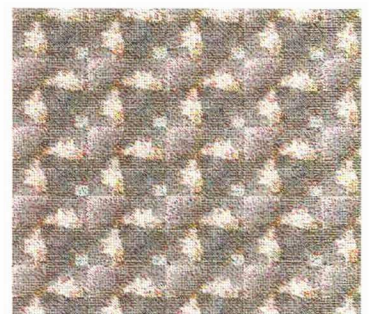
Padrão 3



Padrão 4



Padrão 5



Padrão 6

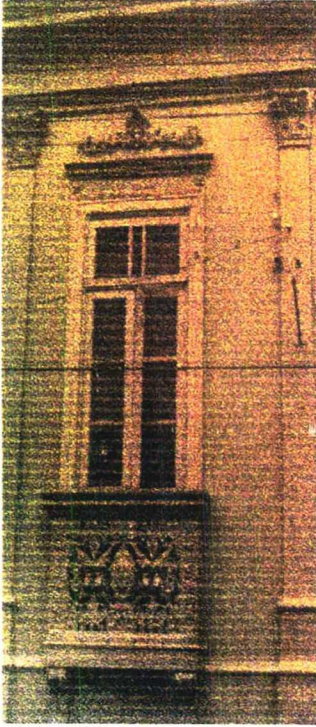
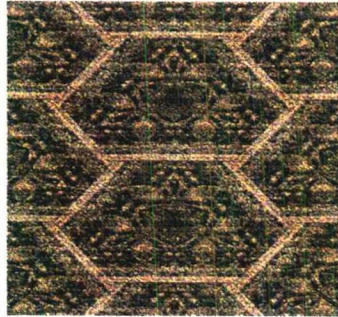
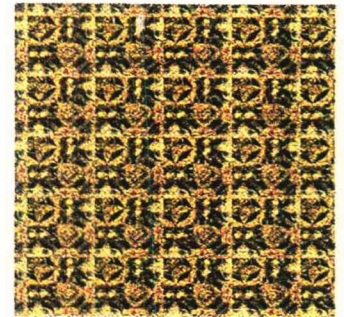


Figura 101

4.2.2. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA ARQUITETURA DO PERÍODO COLONIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA



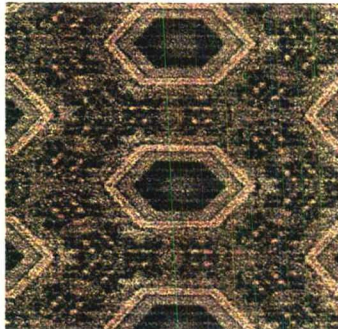
Padrão 1



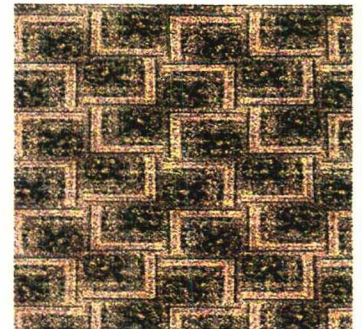
Padrão 2



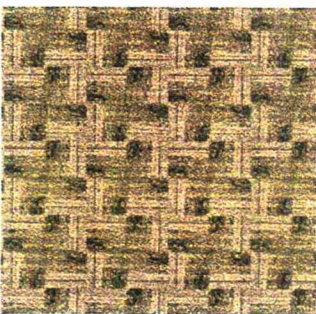
Padrão 3



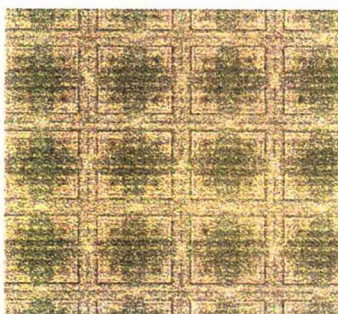
Padrão 4



Padrão 5



Padrão 6



Padrão 7

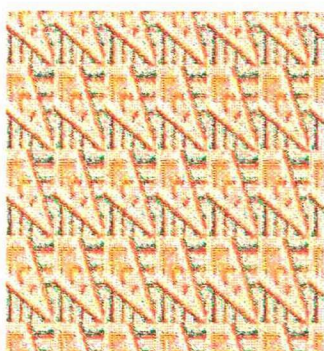


Padrão 8

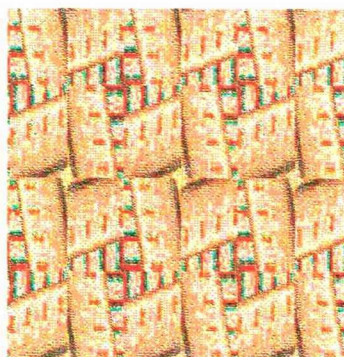


FIGURA 97

4.2.3. PADRÕES GRÁFICOS GRÁFICOS BASEADOS NOS DETALHES DA ARQUITETURA AÇORIANA



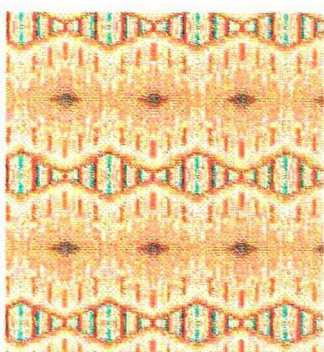
Padrão 1



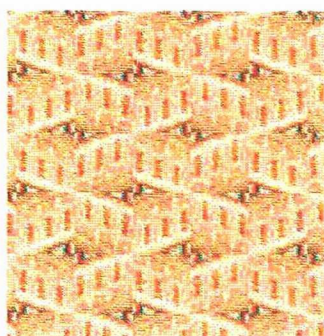
Padrão 2



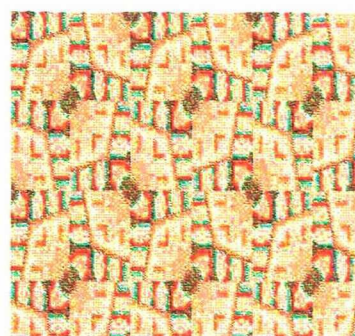
Padrão 3



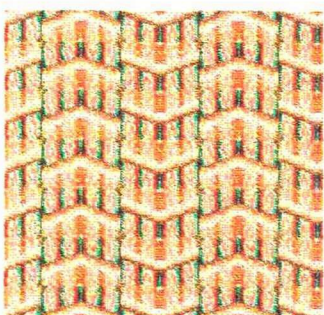
Padrão 4



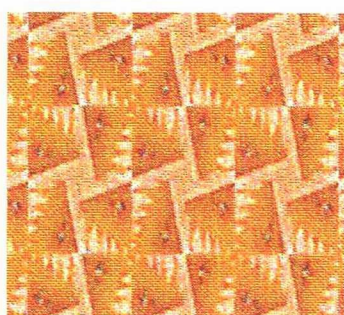
Padrão 5



Padrão 6



Padrão 7



Padrão 8



Padrão 9

4.3. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CULTURA MATERIAL DO PERÍODO ATUAL (Produção indígena)

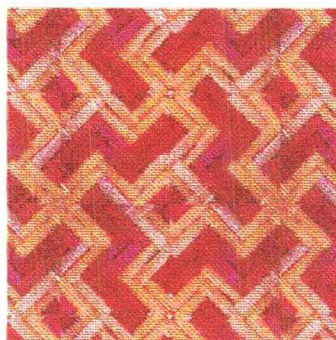


DETALHE DE TRANÇADO
FONTE: KLINTOWITZ, SD

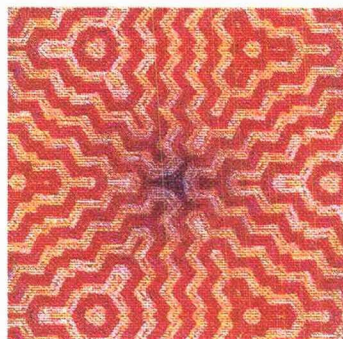


Figura 113

4.3.1. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA PRODUÇÃO DE TRANÇADOS DOS ÍNDIOS DO LITORAL DE SANTA CATARINA



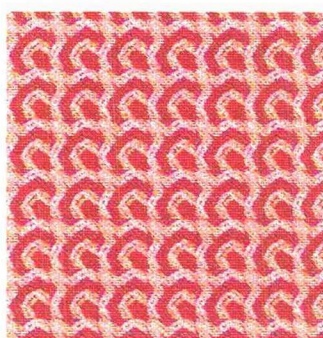
Padrão 1



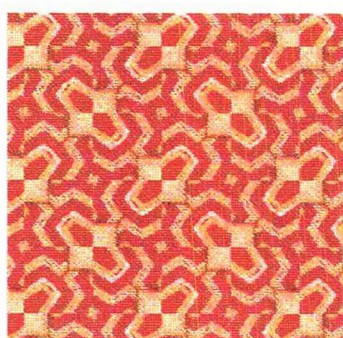
Padrão 2



Padrão 3



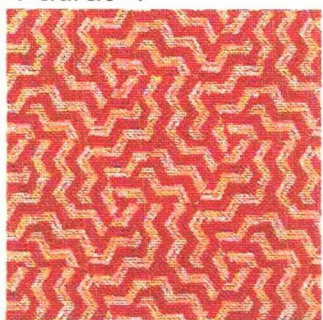
Padrão 4



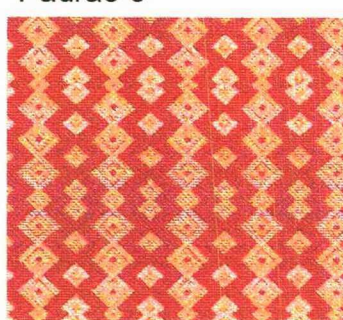
Padrão 5



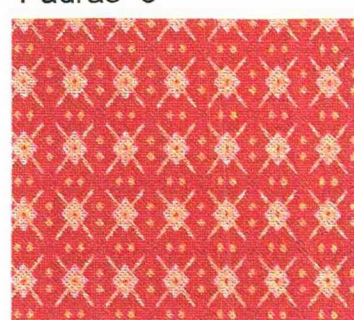
Padrão 6



Padrão 7



Padrão 8



Padrão 9

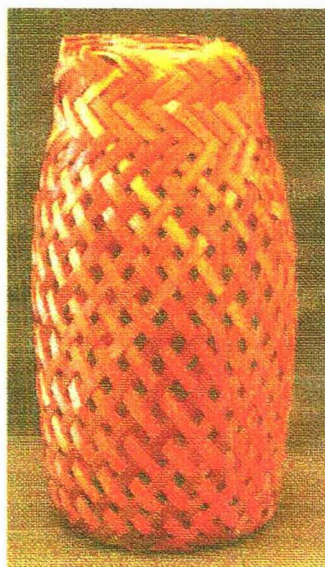
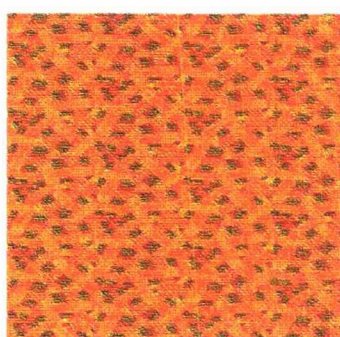


Figura 101

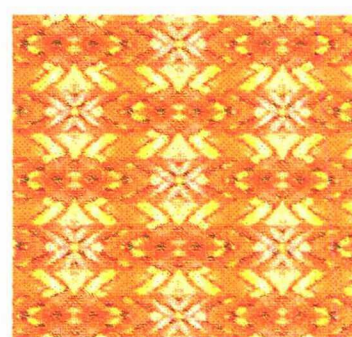
4.3.2. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA CULTURA MATERIAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA (CESTARIA INDÍGENA)



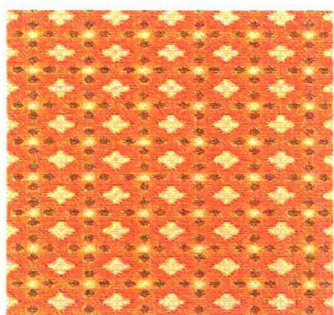
Padrão 1



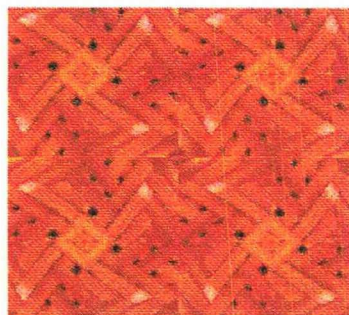
Padrão 2



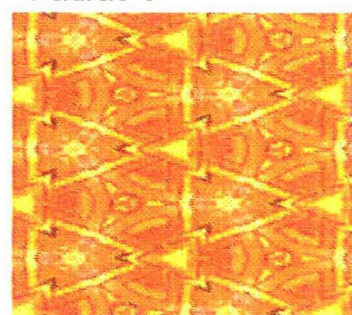
Padrão 3



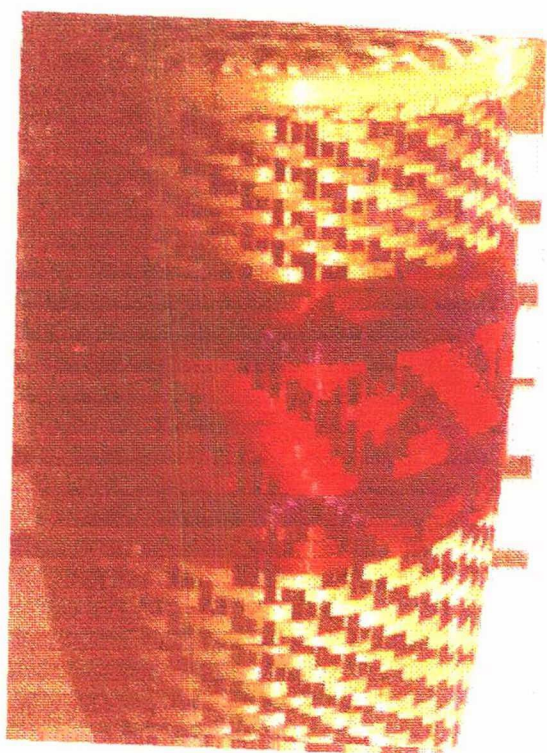
Padrão 4



Padrão 5



Padrão 6



**4.3.3. PADRÕES GRÁFICOS
BASEADOS NA CULTURA
MATERIAL DO LITORAL DE SANTA
CATARINA. (CESTARIA INDÍGENA)**

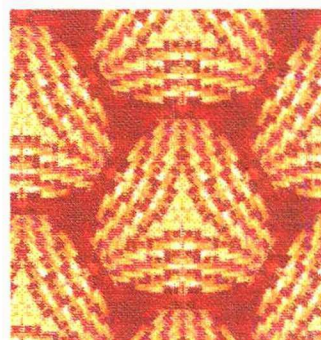
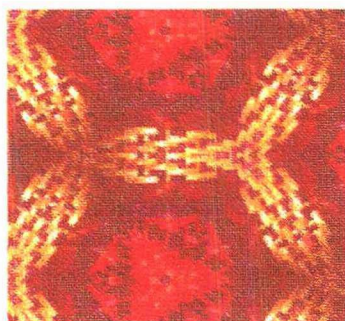
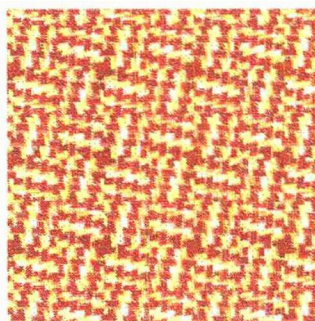


Figura 20

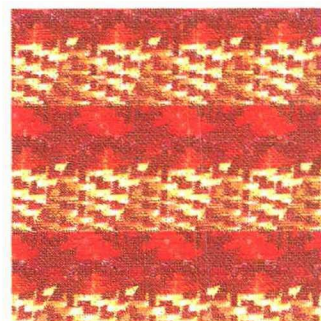
Padrão 1



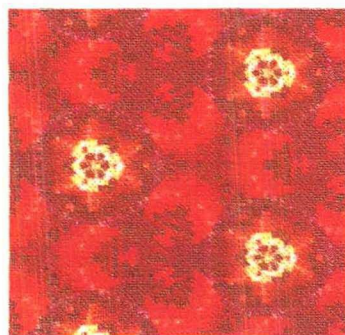
Padrão 2



Padrão 3



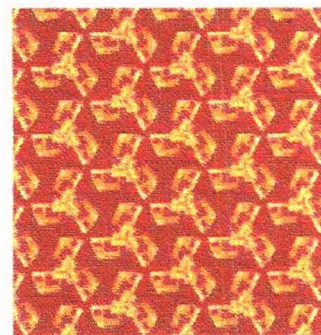
Padrão 4



Padrão 5



Padrão 6

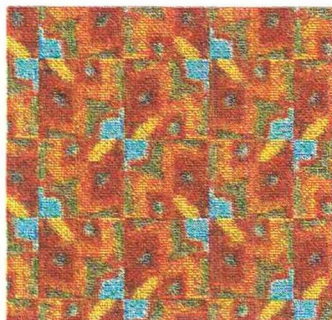


Padrão 7

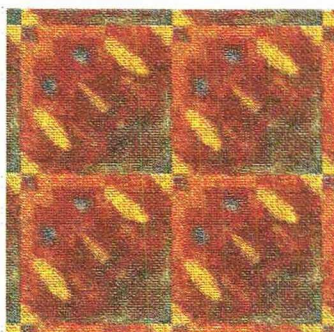


4.3.4. PADRÕES GRÁFICOS BASEADOS NA PRODUÇÃO DA CERÂMICA ATUAL DO LITORAL DE SANTA CATARINA

Figura 94



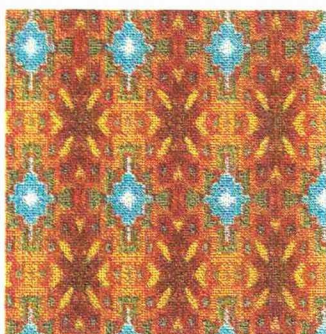
Padrão 1



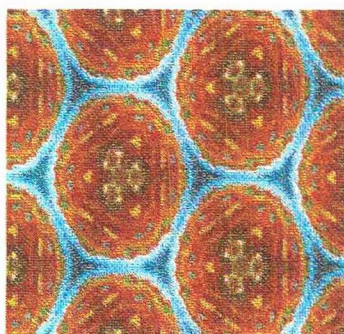
Padrão 2



Padrão 3



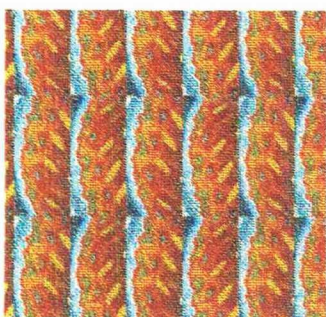
Padrão 4



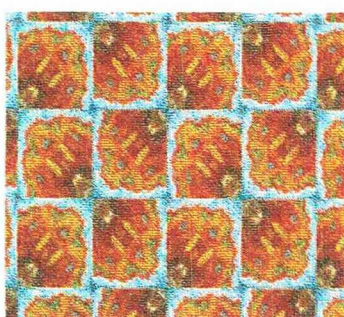
Padrão 5



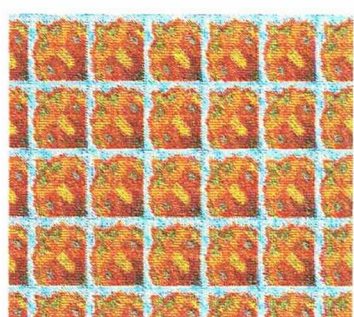
Padrão 6



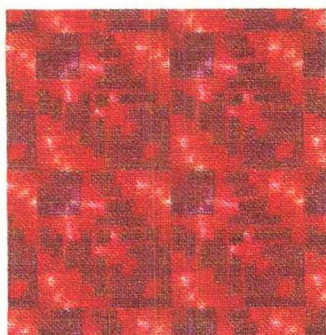
Padrão 7



Padrão 8

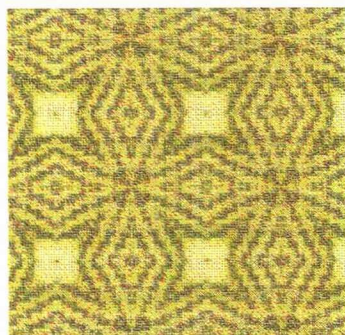


Padrão 9

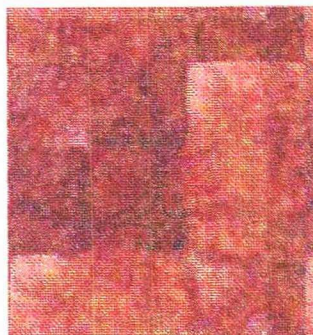


Padrão 1

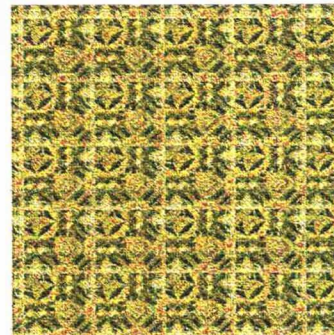
**4.4. PADRÕES BASEADOS EM DIVERSAS
PRODUÇÕES DO LITORAL DE SANTA
CATARINA, NOS TRÊS PERÍODOS: ANTES,
DURANTE E DEPOIS DA COLONIZAÇÃO.**



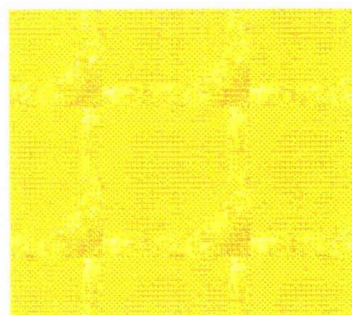
Padrão 2



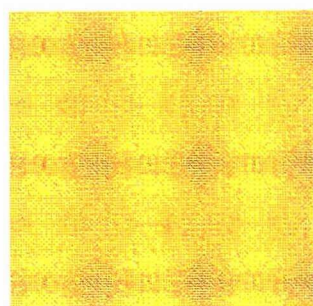
Padrão 3



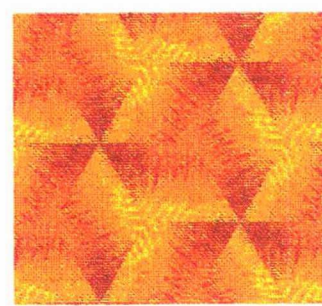
Padrão 4



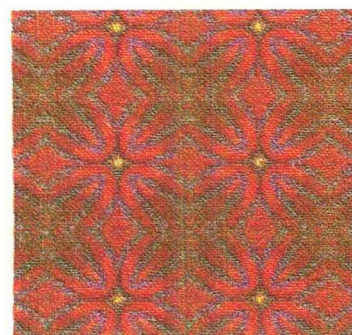
Padrão 5



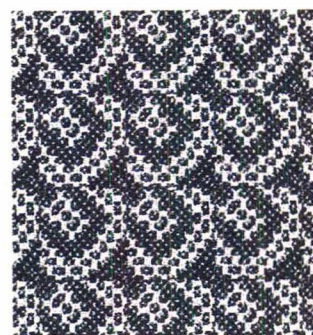
Padrão 6



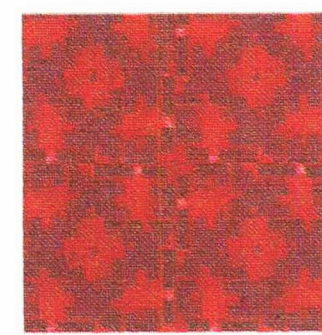
Padrão 7



Padrão 8



Padrão 9



Padrão 10

5. CONCLUSÃO

Desde o processo inicial de investigação da cultura material do homem, sentimos que esta busca não iria restringir-se somente a encontrar-se padrões gráficos pertencentes ao homem do litoral de SC. Surpreendeu-nos a quantidade de fatos históricos, sociais e culturais que influenciaram a produção da cultura material, tornando-a rica, como se pode observar neste estudo.

Quanto aos aspectos culturais, principalmente da cultura material, poucas obras registram a produção do homem. Aqueles que expõem o assunto, raramente mostram os objetos ou outros elementos produzidos pelo homem. Foi através de museus que conseguiu-se registrar alguns destes elementos. Alertamos, para que haja uma maior preocupação em registrar manifestações culturais que estão perdendo-se no tempo, antes de serem registradas.

Conclui-se que a cultura material, desenvolvida pelo homem do litoral de SC, expressa recursos gráficos que constituem sob diversos ângulos, objetos de outros estudos, que possam de alguma maneira, resgatar e mostrar a capacidade do homem de criar objetos, de se adaptar ao meio onde vive e de expressar as suas idéias e as suas emoções, através de sua produção, independente dos recursos que possua.

Tendo em vista a riqueza cultural que aqui tentamos mostrar, seja pela influência dos diversos grupos étnicos, seja na riqueza material e simbólica do homem anterior à colonização, verificamos existir um potencial gráfico básico de natureza bastante expressiva. Sentimos que a reelaboração de tal conteúdo, trabalhado por um olhar treinado e crítico, ao mesmo tempo contemporâneo e global, pode gerar inúmeras aplicações industriais. Sob este ângulo tais aplicações podem tornar-se comercialmente competitivas frente à necessidade brasileira de criar um design com sua marca, em especial o design de revestimento cerâmico, que concorra no mercado interno e externo em condições equivalentes aos melhores designs do mundo.

5.1. SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

1- Continuar este estudo visando buscar possibilidades para aplicações em outros segmentos além da cerâmica, como por exemplo:

- indústria têxtil,
- indústria de papel de parede,
- outros revestimentos de piso que não o cerâmico, etc.

Classificar os padrões gráficos criados, de acordo com o segmento, adequando o padrão gráfico, à técnica viável de aplicação, de forma que resulte num design de qualidade e que corresponda as propostas do trabalho.

2- Criação de um banco de fotos da produção da cultura material do litoral e criação de uma home page, onde estes dados possam estar disponíveis aos interessados.

5.2. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ANAIS DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA DA UFSC. Florianópolis: Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, 1977.

ANFACER, ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE CERÂMICA. A Tradição Brasileira no Uso de Cerâmica para Revestimento Cerâmico e o Surgimento de Uma Empresa Competitiva. (95?)

BECK, Anamaria. **Sambaquis: Tecnologia e Subsistência.** In: Anais do Museu de Antropologia da UFSC 1978. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1980.

BIGARELLA, João José. **Contribuição ao Estudo dos Sambaquis no Estado do Paraná. I- Regiões Adjacentes às Baías de Paranaguá e Antonina.** Arquivos de Biologia e Tecnologia. V e VI: 293-314.

BOJANOSKI, Silvana de F. e et al. **A Produção Ceramista no Litoral Paranaense.** S.d.

CAMPOS, Nazareno J. de. **Terras Comuns na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: FCC, Editora da UFSC, 1991.

CARNEIRO, Glauco. **Florianópolis, Roteiro da Ilha Encantada.** Florianópolis: Expressão, 1987.

CHMYZ, Igor. **A Ocupação do Litoral dos Estados de Santa Catarina por**

- Povos Ceramistas.** Curitiba: Estudos Brasileiros, 1976.
- DELANDES, Suely Ferreira.et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 6ª edição, Petrópolis, Editora Vozes,1996
- DOCZI, Gyorgy. **O Poder dos Limites Harmonias e Proporções na Natureza, Arte e Arquitetura.** São Paulo: Ed. Mercuryio, 1990.
- 5º Encontro Brasileiro das Escolas de Design.** AEnD-Associação das Escolas de Ensino de Design. Rio de Janeiro: 1995.
- Estudos em Design,** 1994, Rio de Janeiro, Associação de Estudos em Design, vol I
- FOSSARI, Domingos. **Florianópolis de Ontem** (ilustrações). Florianópolis: UDESC, 1978.
- FUNARTE. **Artesanato Brasileiro.** Rio de Janeiro, 1980.
- FUNARTE. **Artesanato Brasileiro - Rendas.** Rio de Janeiro, 1981.
- IBGE . INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Anuário Estatístico do Estado de Santa Catarina.** 1996.
- Jornal Diário Catarinense 02/03/96, Diário de Cultura. **Roteiro de Dor, A Volta à Ilha Amada.**
- Jornal Diário Catarinense 02/03/96, Diário de Cultura - **As Pedras que Guardam Segredos.**
- Jornal Diário Catarinense 25/03/96. **Artesanato: Cerâmica Reproduz a Vida.**
- Jornal O Estado 12/09/85. **Oleiro Unido em Associação para Sobreviver.**

Jornal Diário Catarinense 06/03/88. **Rendeiras o fim do Cartão Postal.**

Jornal Diário Catarinense 02/03/96. **Preservação é vida, a História**

Abandonada.

Jornal O Estado 05/03/87 p.19. **Engenhos rudimentares sem estímulo e abandono.**

Jornal o Estado 27/06/86 p.17. **Em Ratores dois engenhos resistem a ação do tempo e a força do progresso.**

JORNAL POLO CERÂMICO. N.º 12, p.12. **Como Nasce um Projeto de Design Cerâmico.** Içara: Maio, 1997

KREMER, Marivan C. **A Pesca na Barra da Lagoa.** Florianópolis: 1990.

LAGO, Paulo Fernando. **Gente da Terra Catarinense. Desenvolvimento e Educação Ambiental.** Florianópolis: Editora da UFSC, FCC edições, UDESC, Editora Lunardelli, 1988.

LIMA, Rossini Tavares. **ABECÊ do Folclore.** 5ª Edição, São Paulo: Editora Record . 1972.

LUCAS, Keler. **A Arte Rupestre do município de Florianópolis.**

Florianópolis: Ed. Rupestre, s.d.

MANU, Alexandre (org.), VUGMAN, Fernando (trad.), DUTRA, Claudio (Revisão). **Revista da Aldeia Humana.** SENAI/LBDI. Fpolis: 1995.

MARCONI, Marina de Andrade, PRESOTTO, Zélia Maria Neves.

Antropologia Uma introdução. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

MELO, Osvaldo Ferreira. **História Sócio Cultural de Florianópolis.**

Florianópolis: Ed. Lunardelli e Ed. UFSC, 1983.

MIRA, Crispim. **Terra Catarinense.** Florianópolis: Typ Livraria Moderna, 1920.

MOLES, Abraham, WSKI, Luc Jannisze. **Grafismo Funcional.** Enciclopédia del Diseño . 1ª Edição. 1990.

MUSEU NACIONAL DO MAR. **Rancho de Canoa.** São Francisco.

NEWTON, Dolores. "Introdução - Cultura Material e Historia Cultural" in

Ribeiro Berta G. , **Suma Etnológica Brasileira Tecnologia Indígena, 2ª** edição. Petrópolis : Editora Vozes SP. FINEP, 1987

PIAZZA, Walter F. e Laura M. Hübener. **Santa Catarina História da Gente.**

19ª ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 1983.

PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina: Sua História.** Florianópolis: Ed. UFSC, 1983.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Roteiro das**

Manifestações Culturais do Município de Florianópolis. Caderno da Fundação Franklin Cascaes n.º 1..

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA. **Publicações do Museu Histórico.**

São Paulo: 1994.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira.** UNB, 1992

RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do Artesanato Indígena.** Belo Horizonte:

Itatiaia, 1988.

ROHR, João Alfredo. **Petróglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas**

Adjacentes. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1969.

_____ **Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina.**

Pesquisas. 3: 199-264, 1959.

_____ **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul.** Edição

do Governo do Estado de Santa Catarina, 1984.

ROCHA, Elton B. **Os Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa**

Catarina e suas Transformações. In: Anais do Museu de Antropologia

da UFSC 1983. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1985.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil.**

Florianópolis: EDEME, 1973.

_____ **Nova História de Santa Catarina.** 2ª ed.

Florianópolis: Ed. Florianópolis, 1977

SCHMITZ, Cléia. **Cerâmica de Ponta.** Revista Empreendedor, março de

1997.

SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL PARANÁ.

Desvendando o Artesanato. 1994.

SERRANO, Antônio. **Objetos Zoomorfos do Litoral de Santa Catarina e**

Paraná. Pesquisas 7: 5 - 51, 1960.

SINDICERAM, SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA DE

CRICIUMA. **Participação Empresarial na Educação: Exemplos do Setor**

Cerâmico. 1995.

SOARES, Doralécio. **Rendas e Rendeiras.** In: Boletim da Comissão

Catarinense de Folclore, 1978.

_____. **Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina.**

Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, 1978.

UFSC - Museu de Antropologia. **Guia: Engenho de Fabricar Farinha de**

Mandioca. Ilustrado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Centro de Pesquisa Arqueológica.

Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. Curitiba: Conselho de Pesquisa da UFPR, 1969. (Manual de arqueologia e manual de arqueologia I)

VILLAR, Vladilen dos Santos. **Perfil e Perspectiva da Indústria de Cerâmica**

Vermelha no Sul de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1988.